



Oksana Kyslytska

O LUGAR DO “ESTRANGEIRO” NA TRADUÇÃO DE
UMA OBRA DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL:
MAROUSSIA

Projeto de Mestrado em Tradução, na área de especialização em Inglês-Francês,
orientado pelo Doutor João Domingues, apresentado ao Departamento de Línguas,
Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2015



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

O LUGAR DO “ESTRANGEIRO” NA TRADUÇÃO
DE
UMA OBRA DE LITERATURA INFANTO-
JUVENIL:
MAROUSSIA

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Trabalho de projeto
Título	O LUGAR DO “ESTRANGEIRO” NA TRADUÇÃO DE UMA OBRA DE LITERATURA INFANTO- JUVENIL: <i>MAROUSSIA</i>
Autora	Oksana Kyslytska
Orientador	João da Costa Domingues
Júri	Presidente: Doutora Cornelia Plag Vogais: 1. Doutora Marta Teixeira Anacleto 2. Doutor João da Costa Domingues
Identificação do Curso	2º Ciclo em Tradução
Área científica	Tradução
Especialidade/Ramo	Inglês-Francês
Data da defesa	4-1-2016
Classificação	16 valores
Imagem capa	Sviatoslav Hordynsky



*À minha família,
à Eleonor e ao Vladimir.*

Agradecimentos

Ao finalizar este Projeto de Mestrado, gostaria de agradecer a todos os que, direta ou indiretamente, contribuíram para a sua realização, e em particular:

Ao meu orientador, Professor Doutor João Domingues, por todo o apoio, pela disponibilidade e pela confiança demonstrados ao longo desta nossa viagem tradutiva, mas também pelas críticas e correções que foram tão relevantes e preciosas e graças às quais consegui, passo a passo, desenvolver e tornar cada vez melhores as minhas capacidades e competências linguístico-tradutivas;

A todos os meus professores do Mestrado em Tradução, e especialmente à Professora Doutora Cornelia Plag pelo seu apoio e disponibilidade incansáveis, e à Professora Doutora Maria António Hörster pelo exemplo, pela sabedoria e por ter despertado em mim o gosto pelos estudos de tradução;

E, por fim, à minha família e sobretudo à minha querida avó, a quem devo a minha vinda para Portugal, e sem a qual não só não teria realizado este projeto mas nem sequer estaria aqui;

A todos, o meu mais profundo reconhecimento.

Resumo

Este trabalho final de Mestrado em Tradução, apresentado sob o título “O lugar do ‘estrangeiro’ na tradução de uma obra de literatura infanto-juvenil : *Maroussia*”, é um projeto/ensaio de tradução de parte de uma obra que traduzimos a partir da versão francesa de P.-J. Stahl, mas cujo texto original é ucraniano, da autoria da escritora Marko Vovtchok.

Neste estudo, depois de devidamente contextualizados os textos, foi abordada a questão complexa de como traduzir tendo em conta as diferentes culturas que lhes estão subjacentes, a saber a ucraniana do original e a francesa da adaptação que tomámos como texto de partida. O ensaio de tradução parcial da obra que aqui se realizou, bem como a sua problematização - que espelhámos nos comentários tradutivos apresentados - visaram essencialmente mostrar, na prática, quanto é importante conhecer a cultura de partida para se poder realizar uma tradução dita “estrangeirizante”, que respeite a cultura de partida sem no entanto dificultar a leitura da tradução daí resultante. Traduzir para português do século XXI (para um hipotético público infanto-juvenil), a partir de uma versão/adaptação francesa do século XIX e tendo por detrás a versão original em ucraniano cujos dados culturais quisemos respeitar ao máximo, constituiu o grande desafio deste trabalho de teoria e prática da tradução.

Índice

Agradecimentos	i
Resumo	ii
Introdução	3
I. Sobre a obra em análise e os seus criadores	6
Da “Maroussia ucraniana” à “Maroussia francesa”	13
II. Ensaio de tradução de excertos de <i>Maroussia</i>	19
III. Comentários de problemas tradutivos em <i>Maroussia</i>	64
III.1. Do pensamento tradutológico à prática da tradução	64
III.2. A tradução dos nomes próprios	69
III.2.1. Os antropónimos	69
III.2.2. Os topónimos	72
III.3. Os diminutivos	73
III.4. Os referentes culturais	74
III.5. A equivalência	79
III.6. Alguns problemas da linguagem	82
III.6.1. Traduzir a agressão física	82
III.6.2. Traduzir a agressão verbal	85
III.7. O cuidado a ter com a linguagem de outra época	86
III.8. O enriquecimento e a explicitação de sentido com recurso à fonte “primeira”	88
III.9. Acerca do partexto	89
Considerações finais	93
Referências bibliográficas	95
Anexos	
Anexo 1	II
Anexo 2	XXXV

Introdução

Os escritores produzem uma literatura nacional,
os tradutores tornam a literatura universal.
(José Saramago)¹

O corpus que elegemos para realizar o projeto final de Mestrado em Tradução é um texto de origem russa, ou ucraniana, depois vertido para francês, versão que vamos ter como nossa língua de partida. Trata-se de uma obra de literatura infanto-juvenil, um pequeno romance intitulado *Maroussia*, de P.-J. Stahl, cujo nome verdadeiro é Pierre-Jules Hetzel². O objetivo da nossa escolha era, com efeito, conseguir encontrar um material que reunisse dois aspetos que para nós eram muito importantes, tendo em conta o estudo que pretendíamos fazer: em primeiro lugar, que a obra estivesse produzida originalmente em língua ucraniana ou russa, visto que, sendo eu própria de origem ucraniana, o meu domínio do russo permite-me dizer que é quase uma segunda língua materna; em segundo lugar, que esta obra estivesse traduzida para o francês que, na minha área de estudos, é a segunda língua de especialização e a língua a partir da qual, de acordo com as normas do meu curso, seria possível a realização do projeto de tradução para o português. A razão principal pela qual surgiu esta ideia foi o meu forte desejo de poder aproveitar os conhecimentos que tenho das línguas e das culturas ucranianas e russas, e aplicá-los no processo tradutório durante a redação do mesmo projeto, prestando justamente uma atenção especial à tradução de tudo o que, no texto em questão, é de índole “cultural”.

Ora *Maroussia*, ou melhor, *Маруся*³, é uma novela destinada ao público infanto-juvenil, criada por uma famosa escritora ucraniana, Marko Vovtchok; a sua tradução para o francês foi inicialmente realizada pela própria autora. Contudo, por ser eventualmente uma versão francesa pouco perfeita, mas contendo porém uma história absolutamente sedutora, a auto-tradução de Vovtchok foi posteriormente reescrita por um editor francês, Pierre-Jules Hetzel, e assim transformada em *Maroussia*, que desde então figura em França como um romance destinado ao mesmo tipo de público que o do

¹ *Les écrivains produisent une littérature nationale, les traducteurs rendent la littérature universelle.*

² Para não haver equívocos, doravante o autor Stahl será designado pelo seu verdadeiro nome Hetzel.

³ O nome original da obra, em ucraniano, fora escrito em alfabeto cirílico.

original ucraniano. Esta é a situação do texto que tomámos como objeto de estudo que constitui para nós um “desafio triangular”, isto é: traduzir o que está em francês para português, mas avaliando sempre cada opção tradutiva em função, não só do que está dito em língua/cultura francesa, mas também do que estava no texto original em língua/cultura russa ou ucraniana. Mas, que pode um tradutor fazer para apresentar ao público infanto-juvenil português este “estrangeiro tão distante”? Imitar? Explicar? Reescrever? Traduzir? Este é o desafio do nosso projeto de teoria e prática da tradução que aqui encetamos.

Apresentamos o nosso projeto de tradução dividido em três capítulos. O primeiro capítulo será dedicado à questão complexa da autoria da obra, bem como à história da sua escrita; tentaremos esclarecer todas as subtilezas deste “processo criativo”, tendo em conta que estamos a lidar com um texto que já foi traduzido. De facto, *Maroussia* constitui um caso bastante interessante, uma vez que implica simultaneamente duas culturas distintas; e por mais que Hetzel, na sua qualidade de tradutor-adaptador, tentasse apagar e modificar certos traços inerentes à cultura ucraniana do texto original, ou até introduzir elementos franceses em substituição, a matriz continua a estar lá, a brilhar com as suas cores vivas da Ucrânia.

Num segundo capítulo deste projeto, iremos apresentar a nossa proposta de tradução de cinco capítulos da obra, a saber, os três primeiros e os dois últimos. A razão da escolha da primeira parte do livro tem que ver com o facto de, na impossibilidade de apresentar uma tradução integral do texto, os capítulos iniciais serem sempre absolutamente necessários para se conhecer a história, captar as ideias-chave e se conhecer a problemática principal. Quanto aos últimos capítulos, é neles que normalmente se descobre tudo, com eles a história chega a um ponto decisivo e neles se revelam os desenlaces finais.

Quanto à matéria do nosso terceiro e último capítulo, ela decorre naturalmente do trabalho anterior já que considerámos que não podíamos apresentar, discutir ou documentar de forma bem fundada as nossas opções tradutivas sem, pelo menos em jeito de apresentação, problematizarmos a questão do pensar-executar a tarefa de traduzir, nem sem apresentarmos algumas ponderações nossas acerca das teorias de tradução nas quais precisámos de apoiar teoricamente as nossas opções tradutivas. Esta problematização constitui, por conseguinte, o primeiro momento deste capítulo. Com

efeito, se este trabalho é capaz de causar dificuldades a um tradutor experiente, naturalmente ainda causará mais a uma aprendiz de tradutora, como é o nosso caso. É verdade que temos hoje ao nosso dispor um vasto e profundo lastro teórico na área dos Estudos de Tradução que se foi construindo ao longo dos anos e que, espero, irá facilitar a nossa tarefa de tradução, orientando-nos sobretudo na escolha das estratégias tradutivas necessárias, para as quais tentaremos sempre encontrar fundamentação teórica adequada. Como opção de base, e em geral, decidimos dar preferência, por um lado ao método dito “estrangeirizante”, que visa preservar a originalidade e a estranheza da cultura do texto de partida no texto de chegada; mas, por outro lado, será respeitado o público infanto-juvenil a que se destinaria esta obra (caso viesse a ser publicada), o que, por sua vez, também vai exigir muita atenção e sensibilidade por parte do tradutor na eleição quer de termos específicos quer da linguagem propriamente dita, para que se revelem adequados à faixa etária (idade, mas também maturidade, sensibilidade, conhecimento, práticas culturais, ...) dos eventuais futuros leitores do texto de chegada. Como veremos, neste caso até ao nível dos conteúdos terá que haver um cuidado especial na forma de os transmitir, como acontecerá com a questão da agressividade de expressão de algumas passagens do texto e com a referência explícita a cenas de violência; a seu tempo refletiremos sobre estas questões.

A parte essencial deste capítulo é porém preenchida com os comentários que produzimos em torno dos problemas tradutivos que se nos colocaram ao longo do processo de tradução da obra para português. Normalmente identificamos primeiro o problema, e a seguir apresentamos uma reflexão fundamentadora e justificadora da nossa opção tradutiva, com algumas considerações acerca de caminhos percorridos até ser encontrada a solução que apresentamos.

As nossas ponderações finais, mais do que apresentar pensamentos conclusivos sobre esta tarefa de tradução, visam sobretudo ajuizar sobre o caminho percorrido com esta reflexão, e apontar para outros caminhos possíveis de percorrer, que trilharemos se o futuro no-lo providenciar, ou que outros trilharão para proveito dos Estudos de Tradução.

I. Sobre a obra em análise e os seus criadores

Sem leitura não se pode escrever. Tão-pouco sem emoção, pois a literatura não é, certamente, um jogo de palavras. É muito mais. Eu diria que a literatura existe através da linguagem, ou melhor, apesar da linguagem.⁴

(Jorge Luis Borges)

Literatura. Tantas definições que se pode dar deste termo, mas definições para quê? Basta dizer que a literatura é uma das mais requintadas manifestações artísticas cuja matéria-prima é a palavra, e tudo se torna claro. Apareceu onde, como? “Era uma vez” que algo saiu do coração de humanos e ficou cá para sempre, com intenção de ajudar-nos a viver, a expressar sentimentos, de tristeza ou de alegria, de raiva ou de esperança, para tornar explícito o que é implícito e oferecer clareza para se olhar o mundo. Hoje em dia há uma abundância de obras literárias dos mais variados géneros, estilos, temáticas, conforme o gosto, o interesse e a idade de cada um dos leitores.

Faz parte deste mundo de ideias e de sonho a obra de literatura infanto-juvenil que tomamos como objeto do nosso ensaio de tradução: pensa-se que era destinada a crianças e jovens adolescentes, aproximadamente entre os dez e os doze anos de idade.

Porque é então assim tão importante identificar a tipologia textual, o género, a história da sua criação, o espaço temporal em que o texto a ser traduzido foi criado? De facto, todos estes são pontos que devem ser estudados e analisados antes mesmo de nos lançarmos no trabalho de tradução, para que o tradutor assim esteja mais preparado para o encontro com problemas de tradução e para escolher estratégias de tradução adequadas a um determinado género textual, o que sem dúvida vai ajudá-lo na resolução de problemas; desde logo perderá certamente menos tempo na decisão e na procura da opção certa, tempo que é tão valioso no mundo de tradução profissional. Para este efeito, serviu-nos de referência e foi de extrema utilidade a análise realizada por Iryna

⁴ Citação disponível em <http://www.mundoeducacao.com/literatura/> Consultado em 01.04.2015.

Dmytrychyn⁵, quer sobre a questão de verdadeira autoria desta obra, quer ainda sobre o momento e as condições em que surgiu a versão francesa, sob o título *Maroussia*, e que constitui o nosso *corpus*.

Maroussia é um pequeno “romance histórico” destinado ao público infanto-juvenil. A história desenrola-se no século XVII, na Ucrânia, num período chamado de “ruína”, quando este país estava a passar por um dos momentos mais difíceis da sua história. De facto, invadida de um lado pelos russos (a chamada Margem Esquerda) e do outro lado pelos polacos (a Margem Direita), a Ucrânia era um país dividido em dois campos bem separados e distintos, cada um com o seu chefe. Quanto ao povo ucraniano, cansado da política separatista dos seus dominadores, do declínio geral do estado ucraniano e das guerras sangrentas que tinham sido frequentes na época, precisava de uma força que pudesse reunir e trazer de volta todas as suas terras. Dando uma imagem bastante verosímil daquilo que se passava naquela altura, é o próprio Stahl quem descreve a situação do seguinte modo:

Le pays fatigué, tiré dans un sens par les Russes, dans un autre par l'aristocratie polonaise, écrasé des deux côtés, le pays était en pleine révolte et regrettait amèrement son indépendance perdue. L'Ukraine était envahie par les troupes russes. Le chef du parti moskovite était comblé des faveurs et des présents du tsar ; le chef du parti polonais s'était fortifié dans une ville et invitait tous ses amis de la liberté à venir se joindre à lui. De quel côté aller ? (Stahl, 1950: 12)

E é no meio desta imagem triste que aparece a personagem Maroussia, uma menina ucraniana, filha de um velho cossaco, Danilo Tchabane, que se sacrifica pela liberdade da sua pátria ajudando os cossacos a libertá-la das garras dos inimigos. A pequena Maroussia, desprezando o perigo, deixa a casa dos pais e parte numa longa viagem para guiar o seu amigo cossaco Tchetchevik até à Margem Esquerda da Ucrânia. Ao longo do caminho, a pequena guia corajosa e o valente cossaco enfrentarão muitos e variados perigos; mas Maroussia conseguirá cumprir a sua missão pois, com a sua

⁵ Iryna Dmytrychyn – tradutora, historiadora e docente no Instituto Nacional de Línguas e Civilizações Orientais de Paris. Texto disponível em: <http://www.la-croix.com/Actualite/Monde/L-Etat-ukrainien-n-a-jamais-vraiment-travaille-sur-la-cohesion-du-pays-2014-05-16-1151583> Consultado em 13.01.2015

preciosa ajuda, Tchetchevik passará a sua mensagem urgente e de extrema importância aos chefes dos ambos os campos, esquerdo e direito. Mais tarde, depois de ter passado um ano em luta pela independência, Maroussia teria de cumprir uma última missão, fazendo chegar um lenço vermelho (mais uma mensagem secreta) a um camponês; mas vai ser morta, por mero acaso da má fortuna deste país, por um tártaro viajante. Apesar de ter sido atingida mortalmente antes de chegar ao destino, Maroussia conseguiu mesmo assim, qual heroína predestinada, cumprir a sua missão. De facto, o camponês encontrou o seu corpo e levou também o lenço que era afinal o sinal combinado para mais uma grande revolta contra os invasores russos.

Em França, a obra *Maroussia* apareceu pela primeira vez em 1876, sendo publicada no diário *Le Temps* sob o nome do autor Pierre-Jules Stahl (1814-1886). Ora Hetzel, como já sabemos que é o seu verdadeiro apelido, “entrou para a história da edição francesa como um polígrafo: livreiro, editor, autor de obras destinadas a crianças, jovens e adultos (muitos deles escritos sob o pseudónimo P.-J. Stahl), prefaciador, tradutor e adaptador de obras inglesas” (Viana, 2013: 135). Criou uma revista *Magasin d'Education et de Recréation* (1837) e foi nas páginas desta revista que, pela segunda vez, apareceu a publicação de *Maroussia*, em 1878. Hetzel, antes de criar a sua própria editora, trabalhava como editor independente, interessava-se bastante pela política, participou na revolução de fevereiro de 1848 e até chegou a estudar direito em Estrasburgo. Entre nós, o *Diário de Notícias* (E.B. in D.N.: 2005) caracterizou-o como “homem de superior bom gosto, juízo estético, visão comercial e filosofia didática”. Por isso não é de estranhar que grandes nomes da literatura francesa como Jules Verne, Victor Hugo, George Sand, Charles Perrault o tenham escolhido, ou por ele tenham sido escolhidos, para serem publicados na sua casa de edição. A obra *Maroussia* conheceu um verdadeiro sucesso em França e foi elogiada por vários críticos literários e escritores como G. Flaubert e J. Verne. Não só recebeu um prémio da Academia Francesa, mas foi até recomendada pelo Ministério de Educação Nacional para as escolas e as bibliotecas municipais, e foi mesmo incluída na então chamada Literatura Verde⁶.

A propósito ainda da questão de autoria de *Maroussia*, importa dizer que poucas pessoas souberam que P.-J. Stahl não foi a pessoa a quem se deve a honra da autoria. A

⁶ Coleção concebida especificamente para publicação de obras cujo público-alvo era essencialmente juvenil.

verdade é que a história original de *Maroussia* nasceu da imaginação de uma famosa escritora ucraniana Marko Vovtchok (1833-1907), na altura conhecida por seus “Contos Populares”; esta autora conheceu Hetzel numa das suas estadas em Paris. Aliás, quem apresentou Vovtchok ao editor francês foi Ivan Turgueniev, um escritor e uma personagem marcante do panorama literário russo. Dmytrychyn, sublinhando o talento e a habilidade da escritora para representar imagens verídicas das pessoas, afirma muito pertinentemente que, na sua obra,

ces fresques réalistes de la vie des paysans souffrant du servage, rédigées dans une langue très vivante, créent un véritable événement salué tant par les milieux ukrainiens dont T.Chevtchenko, que par l’intelligentsia russe dont on ne citera que I. Tourgueniev, A.Herzen, N.Tchernychevski, N.Dobrolioubov. Elle devient l’ornement des salons pétersbourgeois et «l’enticement» de la colonie ukrainienne (...). (Dmytrychyn, 2008: 7)

Vovtchok, aliás Maria Vilinska, uma das melhores prosadoras ucranianas da época, foi obrigada a escrever sob o pseudónimo de Marko Vovtchok devido a uma política de perseguição muito rigorosa por parte do governo imperial russo. Por causa desta mesma política, era proibido publicar obras em língua ucraniana; assim, a primeira publicação de *Maroussia*, em versão russa, só foi realizada em São Petersburgo em 1871. Pergunta-se porquê na Rússia e não na Ucrânia? Para responder a esta questão e perceber melhor a problemática e o clima das relações russo-ucranianas, que se tinha instalado ao longo dos anos, é preciso olhar para trás a fim de que possam ser reproduzidas páginas verídicas da sua história, embora dolorosas.

Resumidamente, tudo começa quando em 1627 o czar russo Mickail Romanov⁷, junto com o Patriarca de Moscovo Filaret, emitem o decreto no qual se ordena a confiscação e a cremação dos livros em língua ucraniana. Depois, em 1748, segundo a ordem do Sínodo de São Petersburgo, a língua russa é introduzida na Academia Kyiv-Mohyla⁸ e em todas as escolas da Ucrânia. Em resultado disso, na margem esquerda do

⁷ Mickail Romanov – o primeiro da dinastia Romanov.

⁸ Academia Kyiv-Mohyla – inicialmente fundada como escola do Mosteiro da Irmandade em Kiev, em 1615, que com o tempo se transformou numa das mais prestigiadas universidades ucranianas e que continua a sê-lo nos dias de hoje. De acordo com a Biblioteca Digital Mundial “a finalidade da Academia

rio Dnipro desapareceram 866 escolas ucranianas. É a partir daí que começa um cruel e impiedoso arruinar da língua e da cultura ucranianas e que sempre se foi agravando ao longo dos anos. Porém, um dos acontecimentos mais graves para a literatura ucraniana foi a emissão secreta, em 1863 por Petr Valuyev, o Ministro de Interior do Império Russo, da circular sobre a proibição de edição em língua ucraniana dos livros escolares, da literatura e também dos livros religiosos; nessa língua que, como Valuyev afirmava, “não existia, não existe e não poderá existir”⁹. Esta circular foi legalizada posteriormente em 1876 pela emissão do Decreto de Ems¹⁰ ordenado por sua majestade o imperador do Império Russo Alexandre II, e que proíbe de trazer para a Rússia quaisquer livros e brochuras escritas em “dialecto dos pequenos russos”, publicar as obras originais e traduções em ucraniano, organizar as peças teatrais, publicar os textos musicais e tocar as obras musicais ucranianas. Como facilmente se compreende, estes procedimentos acima enumerados tiveram um impacto extremamente pernicioso, e que constitui a resposta à nossa pergunta. Torna-se assim claro o motivo da existência de traduções de *Maroussia* em várias línguas, uma vez que ela só podia ver o mundo se fosse escrita em russo ou numa outra língua qualquer (mas não em ucraniano).

Em Hetzel, podemos reconhecer essencialmente uma grande vontade de contribuir para o enriquecimento e para o desenvolvimento da literatura francesa. Deste ponto de vista, no sentido metafórico ele era um colhedor de diamantes brutos que procurava pelo mundo da literatura, selecionando e transformando depois estes em diamantes lapidados por meio das suas habilidades de um editor brilhante. Ele próprio dizia:

Sempre tive horror aos livros bestas que nos obrigavam a ler na infância. Minha ideia fixa sempre foi substituir essa literatura oficial, fruto seco, apenas suficiente do passado, por coisa mais sadia, ainda que simples, mas que ao menos deixasse um delicioso sabor na boca. (Hetzel, *apud* Viana, 2013: 125)

Kyiv-Mohyla era dominar as habilidades intelectuais e o ensino da Europa contemporânea e aplicá-los na educação da Ucrânia.” Disponível em: <http://www.wdl.org/pt/item/10645/> Consultado em: 31.03.2015

⁹ Ele ainda acrescenta que o dialeto dos “pequenos russos” é a mesma língua russa mas estragada pela influência da Polónia. Disponível em: <http://politiko.ua/blogpost52614> Consultado em 20.04.2015

¹⁰ Ukaz de Ems (em russo “Emskiy ukaz”)

Como afirma ainda Viana no mesmo artigo, “para ele, as crianças e os jovens tinham o direito de receber as informações necessárias para uma educação sólida, em que prevaleceriam os saberes científicos” (*Ibidem*).

No fundo, o seu projeto consistia em reunir estudiosos, escritores e ilustradores para colaborarem a fim de conciliar a ciência e a ficção, e colocando a imaginação ao serviço de pedagogia. E na verdade, lendo as seguintes linhas de Glenisson, percebemos que Hetzel era não só um brilhante editor mas, em boa medida, também um pedagogo que tinha perfeita noção de como se deviam escrever livros cujo público-alvo eram crianças:

Pour réussir un pareil travail, surtout quand il s’applique à des œuvres destinées à la jeunesse, il faut, outre les connaissances intimes du nouveau public auquel on veut les offrir, des qualités de pénétration et d’assimilation qui ne sont pas le fait de tous les littérateurs. P.J. Stahl y était passé maître. (Glenisson, *apud* Dmytrychyn, 2008: 41)

Glenisson acrescenta ainda que foi grande o número das obras estrangeiras que Hetzel soube adaptar ao leitor francês, transformando-as numa espécie de livros novos, mas ao mesmo tempo mantendo o seu aspeto nativo. Desta maneira, ele tornou-se grande conhecedor da literatura de vários países, tanto próximos como distantes, entre os quais se contaram a Alemanha, os Países Baixos, os Estados Unidos, a Polónia e a Rússia, com um único objetivo : dar cumprimento às suas visões ideológicas. Foi com esse objetivo que, da mão de Hetzel-adaptador saíram muitos livros/produtos “embrulhados” numa embalagem nova, a da língua/cultura francesa.

O romance ucraniano *Maroussia* foi, por conseguinte, um daqueles livros nos quais Hetzel burilou cautelosamente o tratamento e a personificação dos assuntos morais, onde ele encontrou a ideologia de que, segundo ele, tanto precisava a França naquela altura. Apaixonado tanto pela temática histórico-social como pelo espírito patriota da obra, Hetzel entusiasmou-se de tal maneira logo se apressou a apresentar a história ao público francês. Com efeito, ao ler a história, viu que, por detrás da Ucrânia,

era possível, com as devidas adaptações, ler-se a França com a sua Alsácia e Lorena invadidas pela Prússia, como era possível reconhecer em Maroussia uma pequena alsaciana com toda a importância simbólica quase universal:

Je me suis attendri de temps en temps sur ma Maroussia alsacienne, une petite Jeanne d'Arc enfantine, dont la figure, indiquée par Mme Markowitch pour l'Ukraine, m'a paru pouvoir s'adapter idéalement à ma Lorraine ou à mon Alsace, sous couvert de l'Ukraine. (*Ibidem*: 25)

Achou também que *Maroussia*, com a sua representação da Ucrânia ou, mais precisamente, das terras de cossacos, poderia servir como um catalisador para a criação de um discurso nacionalista francês¹¹. No fundo, Hetzel estava à procura de um mito histórico que pudesse incitar as crianças francesas a agirem como heróis em prol do bem-estar do seu país. E encontrou-o no romance *Maroussia*. De facto, na sua adaptação, Hetzel, pela voz do narrador, reflete sobre a importância de lembrar o passado sublinhando que ele reforça o sentimento de identidade nacional.

Sabe-se que Hetzel se apropriou de tal modo da história da escritora ucraniana, que acaba por indicar o nome dela apenas numa linha que segue o título com as palavras “d’après une légende de Marko Vovtchok” e apenas em algumas edições. Foi certamente por isso que Hetzel foi por várias vezes acusado, nomeadamente por Turgueniev que, como podemos ler numa das suas cartas ao editor, defendeu com ardor os direitos de autoria da sua amiga Vovthok: “*Il s’agit pour moi d’une question de justice littéraire et internationale*”, dizia. Turgueniev acusa ainda Hetzel de ter qualificado o original de Marko Vovtchok como uma lenda. E continua, com ironia, observando que, uma vez que *Maroussia* de Marko Vovtchok, foi publicada como crónica em *Le Temps*, não pode por conseguinte ser considerada como uma simples lenda, mas sim como um verdadeiro romance. (cf.: *ibidem*: 37)

¹¹ A este propósito, as palavras de Stahl parecem mais do que esclarecedoras : “*Je la dédierai aux enfants de l’Alsace et de la Lorraine parce que j’ai pensé à eux tout le temps en écrivant cette légende de l’Ukraine, un pays qui a été libéré, qui a eu le sort de la Pologne, de l’Alsace et de la Lorraine et qui s’y est fait malheureusement.*” (Stahl, P.-J., in Dmytrychyn, 2008: 25)

Porém, é claro que para Hetzel interessava considerar Maroussia como lenda, da qual o seu texto seria uma versão em Francês, tal como o texto de Vovtchok era uma versão em russo dessa mesma lenda, e que certamente haveria muitas outras. Contudo, ao ser confrontado pela Academia Francesa sobre a autoria de *Maroussia*, respondeu reconhecendo que ele não era senão o retradutor de um texto originalmente escrito em russo, e que o seu modesto contributo consistia apenas em introduzir as alterações necessárias à obra ao passá-la de uma língua para outra (cf. *ibidem*: 44). Mas a parte mais interessante e elucidativa das dificuldades por que passavam os direitos de autoria — mas também a dificuldade de se reconhecer o trabalho do tradutor como intelectualmente válido e digno de reconhecimento público —, é o facto de o “verdadeiro” Hetzel ter afirmado posteriormente que nunca tinha dito tal coisa.

Da “*Maroussia ucraniana*” à “*Maroussia francesa*”

J’y ai mis autant de moi que j’ai laissé de vous, il est
bien à nous deux et de nous deux.
(P.-J. Stahl, in Dmytrychyn, 2008: 5)

A colaboração entre Hetzel e Vovtchok no que hoje seria considerado como um best-seller da altura, a obra *Maroussia*, começou depois de 1867, o ano em que foi terminada a tradução da obra para russo. A escritora iniciou a tradução para o francês em 1872 e terminou-a em Junho do ano seguinte. Em 1875, Hetzel, que não gostou da daquela auto-tradução, decidiu fazer algumas alterações, não só no estilo e na sintaxe, como também na forma e até no conteúdo.

Mas vejamos então que modificações sofreu o texto de Vovtchok. Diga-se desde já que a sua adaptação mantém, em boa medida, o contexto histórico e o enredo simples e heroico do romance. Numa das suas cartas a Vovtchok, Hetzel assegura à escritora que tentou manter ao máximo tudo o que, na opinião dele, era “charmant” no texto

original, mas também elementos tão importantes como os sentimentos expressos, o ponto de partida e o ponto de chegada. E ainda acrescenta:

Je ne crois pas vous avoir fait perdre, je crois avoir ajouté mes qualités aux vôtres et si j'ai réussi, l'œuvre aura nos deux mérites (...). J'y ai mis autant de moi que j'ai laissé de vous, il est bien à nous deux et de nous deux. (in Dmytrychyn, 2008: 22)

Contudo admite que *Maroussia*, tal como estava escrita, não poderia de forma nenhuma ser publicada em França, a não ser que fosse reescrita por completo. Isto, segundo a explicação de Hetzel, porque o texto se apresentava tão vago e tão pouco claro que muitas vezes seria impossível perceber o que a autora queria dizer na sua tradução. Hetzel repreende a autora de ter feito uma auto-tradução à pressa.¹²

A reescrita de Hetzel resultou num texto francês voluntariamente orientado, quer do ponto de vista linguístico quer ideológico. Ele executou claramente a sua retradução de *Maroussia* principalmente em função do objetivo a atingir no seu público-alvo. Com efeito, fê-lo para fornecer não só um francês perfeito — para servir para as escolas —, mas também para apresentar ali uma história motivadora, moralizadora e ideologicamente muito marcada. De facto, não foi por acaso que Hetzel, ao aplicar-se no trabalho sobre o manuscrito, revelou tanto interesse em saber a história da Ucrânia daquela altura. Ele empenhou-se de tal forma que investigou tudo, até à exaustão, sobre a história da Ucrânia da época, e sobre a vida real das pessoas; fez uma grande pesquisa sobre provérbios que aparecem em abundância no texto original e até elaborou uma lista de provérbios russos, tirados de várias fontes, aos quais adicionou os provérbios do Talmud. (cf. *Ibidem*: 21)

Contudo, na altura não foi fácil encontrar um material de confiança, relativo a fundos históricos dos outros países, uma vez que havia pouco conhecimento sobre o estrangeiro, e ainda menos sobre a Ucrânia. Assim se compreende, por exemplo, o facto

¹² A citação completa: «J'ai refait entièrement Maroussia en français et de façon à ce que cela pût aller à notre public, et il a fallu ma foi en prendre à son aise avec le texte, si vague, si vague et souvent si impossible à comprendre dans votre traduction hâtive que, en s'en tenant à lettre, rien n'aurait été compris chez nous ». (*Ibidem*: 22)

de existir uma confusão total e uma mistura negligente entre cossacos russos e ucranianos, Khmelnytsky e Razine, Mazepa e Pugatchev. Ora tudo isto só poderia resultar em desespero para Hetzel, que com tanto empenho tentava reproduzir na sua criação um material exato. A prova disso é também o facto de ele, nas suas cartas a Vovtchok, pedir insistentemente que o esclarecesse sobre uma multidão de questões históricas:

c'est [...] tellement vague chez nous, qu'on ne saurait pas à quoi s'en tenir; c'est à donner sa langue au diable, tant tout cela est inexpliqué et pas précis. C'est le précis qui manque chez vous [...]. Pour nous autres toutes ces incertitudes sont impossibles. (*Ibidem* : 21-22)

Hetzel observou a Vovtchok que na sua tradução “apressada” havia muita coisa mal escrita, por isso exigiu que ela lhe enviasse também a ortografia exata de nomes de cidades e lugares onde as ações se passam, de pessoas e até de nomes de plantas, de cereais, de árvores. Não há dúvida de que o texto de Vovtchok tinha de ser reescrito e adaptado, uma vez que o público francês tinha pouco conhecimento sobre o leste, e quase nenhum sobre a Ucrânia em concreto, o que podem comprovar as palavras de Hetzel:

Je ne sais pas si c'est défaut d'intelligence de ma part, mais Maroussia est pour moi un véritable logogriphe. [...]. Probablement pour qui connaît l'histoire de l'Ukraine, comme la connaît sans doute Mme M., tout cela sera moins obscur ; mais en France qui connaît cette histoire dont l'intérêt est pour nous si peu considérable? (*Ibidem* : 20)

A propósito desta questão, e ainda segundo Dmytrychyn (cf. *Ibidem*: 24-25), foi Turgueniev quem aconselhou Hetzel a adicionar um prefácio e chegou a redigir um que poderia perfeitamente servir de uma espécie de introdução à obra e no qual foram explicadas todas as subtilezas do fundo histórico da obra; no entanto Stahl acabou por

não se servir dele¹³, decidindo alterar o primeiro capítulo e fazendo-o figurar na qualidade de introdução. Por conseguinte, neste primeiro capítulo, intitulado “L’Ukraine”, ele dá a definição do termo *cossaco*¹⁴, explica a diferença entre os cossacos ucranianos e os do Dom, e descreve as guerras ocorridas na época do chefe Bogdan Khmelnytsky¹⁵ bem como a sua aliança com a Rússia. Acrescentou também um outro capítulo, “L’Année heureuse”, no qual, entre outras coisas, se eleva o sentido de heroísmo dos cossacos, a glória dos ucranianos, e se apresenta a semelhança entre Maroussia e Jeanne d’Arc; no último capítulo e num *nota bene* final, Hetzel deixa curiosamente o leitor na esperança de que Marússia teria ficado viva, ao contrário do que podemos ler no original ucraniano.

Hetzel, pretendendo a todo o custo sublinhar na obra os conceitos de heroísmo e sobretudo de patriotismo, chegou mesmo a eliminar algumas partes do texto de Vovtchok que tinha considerado insignificantes e pouco relevantes para “os valores” que ele queria fazer passar ao leitor francês¹⁶. Decidiu, em consequência, recompensar as partes cortadas pela introdução de novas e às vezes bastante longas passagens nas quais se elogiam a ações heroicas, a coragem e a dedicação manifestadas pelo povo lutador.

Apesar de todas as voltas e reviravoltas acerca da questão de autoria da obra e do destino dela, não podemos deixar despercebidas as intenções sinceras de Hetzel que, como pai de uma criança, fez com que *Maroussia* fosse bem promovida e conhecesse um sucesso inédito; de facto *Maroussia* acabou por ser editada e reeditada várias vezes, mesmo após a morte do seu “segundo” pai. Quem sabe se a *Maroussia* de Vovtchok, sem a intervenção de Hetzel, não teria tido, de todo, a mesma recepção por parte do

¹³ Esclarecimento acerca da recusa de Stahl em utilizar o prefácio de Turgueniev: explica-se de forma muito elucidativa na citação: « [...] Tourgueniev, tout aussi conscient de la nécessité d’expliquer au lecteur français les subtilités du fond historique de l’ouvrage, en fait un exposé concis et juste dans ce qui devait être d’après la déduction de Patrick Waddington, sa préface au livre français. D’après ce spécialiste néo-zélandais de Tourgueniev, Hetzel n’a pas utilisé ce texte, probablement, parce qu’il ne mentionnait nullement Hetzel et ne parlait que de Marko Vovtchok. » (Dmytrychyn, 2008 : 25).

¹⁴ “A palavra *cossaco* deriva do vocábulo turco *kazak*, que significa *homem livre*.” Disponível em: [http://www.infopedia.pt/\\$revolta-dos-cossacos-ucranianos](http://www.infopedia.pt/$revolta-dos-cossacos-ucranianos) Consultado em 12.01.2015

¹⁵ Bogdan Khmelnytskyi (1595-1657) foi um líder dos cossacos zaporogos que se revoltaram contra o governo polaco na Ucrânia. Disponível em: <http://www.britannica.com/biography/Bohdan-Khmelnytsky> Consultado em 03.05.2015

¹⁶ Stahl, numa das passagens do texto no qual se descreve a celebração do Natal ucraniano, considera desnecessário ensinar ao leitor francês os doze pratos da mesa festiva natalícia junto com o prato principal chamado “kutya”, uma vez que para ele a obra tem de deixar de ser ucraniana. (cf.: *ibidem*: 32)

público francês? A este propósito, e em face da qualidade do texto da auto-tradução, Dmytrychyn afirma sem hesitação que

[i]l aurait sombré dans l'oubli, le sujet étant trop étroit, traité de manière peu claire sur une toile de fond inconnu des Français. On doit à Hetzel avant tout l'adaptation du livre aux lecteurs français, qui a gardé, de l'exotisme du pays lointain, où se déroule l'action, juste ce qu'il faut pour capter la curiosité.
(*Ibidem* : 47)

Não vamos aprofundar muito mais esta questão; de qualquer forma, o que importa aqui realçar é que *Maroussia*, com toda a história do seu aparecimento e da sua sorte em francês, se tornou numa criação que, parece-nos, vale a pena ser estudada, pois apresenta um material de grande interesse para um tradutor. Foi esta essencialmente a razão pela qual a escolhemos como objeto de estudo e de trabalho para o nosso ensaio de tradução.

Por fim, para deixar definitivamente clara a questão de autoria da obra, citaremos as palavras de Hetzel em que ele apresenta as suas justificações para limpar o seu nome de todas as acusações que lhe foram dirigidas, e justificar o seu comportamento assumindo-se como “novo autor de uma nova *Maroussia*”:

Si vous aviez sous les yeux [...], vous verriez qu'entre le point de départ et l'arrivée, j'ai tellement mis de choses, que j'y ai ajouté d'autre part à ce point ; que j'ai redessiné les caractères de façon à les mettre sur les pieds, refait ou créé les dialogues, les événements de telle sorte que je peux croire et que je crois que d'un livre qui n'aurait pu être accepté en France et y avoir du succès, j'ai fait un livre qui se trouve être à peu près du goût de tout le monde.”(*Ibidem* : 36-37)

Porém no final, com toda a honestidade, ele pede desculpa a Vovtchok por ter reescrito a sua *Maroussia* apenas para o seu uso, por ter pensado pouco no país de origem daquela história, por ter pensado unicamente no seu país de adoção, e por tê-la

“roubado” à Ucrânia e a ter naturalizado francesa. Admite a verdade, dizendo que *Maroussia* “c’est un enfant volé, soit — mais chéri, mais adoré par son voleur”; e concluindo a sua reflexão acerca das modificações que o texto foi sofrendo, acrescenta:

Son père de là-bas ne voudra plus la reconnaître, tant mieux. Il dira que je la lui ai changée, défigurée, tant mieux, mon but n’était pas de la lui laisser telle quelle, mais de la lui prendre et si je l’ai transfigurée, c’est que je l’ai voulu. C’est que je l’ai cru bon, c’est que je l’ai cru utile et même nécessaire. C’est qu’enfin, je voulais lui faire oublier sa première origine. Je ne l’ai ressuscitée que pour nous. (*ibidem* : 5)

**II. Ensaio de tradução dos excertos de
Marússia de P.-J. Stahl**

CAPÍTULO I

A UCRÂNIA

Vou contar-vos o que aconteceu há muitos anos atrás na Ucrânia, num canto desconhecido mas fresco e encantador deste país.

Gosto muito de países sobre os quais mal se fala, que o estrangeiro não vem visitar, que se encontram esquecidos, que guardam para si as suas solidões e os seus segredos, as suas flores e os seus sentimentos, os seus castigos severos e os seus prazeres simples. A sua história só a eles pertence. Os costumes dos seus habitantes são típicos, e se estão orgulhosos deles, não é sem razão. Podemos encontrar ali coisas que não existem em nenhum outro sítio: (p.6)¹⁷ coisas e pessoas novas. Esses países, sem o dizerem a ninguém, têm por vezes seus heróis, autênticos heróis.

Gosto também dos heróis - sobretudo daqueles que não se autoelogiam - daqueles que são diretos e sinceros, que quando fazem grandes coisas não gritam a plenos pulmões: "Olhem, olhem, fui eu quem fez isso! Venham recompensar-me"; mas apenas porque, sendo o que eles são, tendo suas capacidades, não poderiam agir de outro modo...

Basta de filosofar, como diz o professor da escola quando repara que nós não estamos a acompanhá-lo. Vamos contar a história.

¹⁷ NT. Paginação do original que traduzimos.

Ora, no pequeno canto do qual quero falar-vos, havia uma casa de tipo campestre; e esta casa era habitada por um cossaco, Danilo Tchabane, e pela sua família.

Não confundam, por favor, os cossacos ucranianos com os do Don, aqueles seres barbudos que têm olhos redondos e terríveis, uma linguagem grosseira e um aspeto desavergonhado; eles não são nada parecidos.

Os ucranianos só começam a ter barba quando atingem cinquenta anos de idade. Daqui resulta que no país só se veem barbas cinzentas ou não se veem nenhuma. Os jovens têm um bigode como os polacos. Os ucranianos são (p.7) altos, fortes e esbeltos. A maior parte deles tem traços regulares, sobrancelhas bem definidas, grandes olhos amendoados, uma expressão facial calma, nobre, um pouco severa, e um aspeto triste.

Querem saber o que significa a palavra *cossaco*? A palavra *cossaco* é uma palavra turca e quer dizer: *guerreiro a cavalo*.

Nos tempos em que a Ucrânia era uma república e estava em guerra contra os turcos, estes chamaram cossacos aos heróis desconhecidos que lutavam contra eles. Não vou contar-vos todas as guerras desta república, pois isso seria demasiado longo. Basta dizer-vos que durante muitos anos ela esteve situada, como é costume dizer-se, "entre duas luzes": a grande Rússia e a Polónia. Poderíamos até dizer "entre quatro luzes", se contássemos com os Turcos e os Tártaros. Por fim, não conseguindo chegar a acordo com os polacos, essa república acabou por aceitar as propostas "fraternas" da Rússia.

"Somos demasiado fracos para entrar de novo em luta com os nossos vizinhos. É verdade que até agora conseguimos defender-nos gloriosamente;

mas terminaremos por ser esmagados. A Rússia propõe-nos uma aliança, vamos lá aceitá-la. "

É desta maneira que pensava e falava o velho chefe Bogdan Khmelnitsky; e o povo escutava-o. (p.8) No início, tudo estava a correr bem. Igualdade, fraternidade, liberdade, os Russos respeitavam tudo isto; mas, pouco a pouco, as coisas mudaram.

Ao fim de menos de um ano, o povo tinha mil razões para dizer ao seu chefe Bogdan: "O que fizemos nós?"

O velho Bogdan, ouvindo estas coisas, chorou, dizem eles, e nada pôde consolá-lo.

"Vamos tentar remediar isso", disse ele a seguir; mas não conseguiu, e morreu de tristeza.

Depois da sua morte, a Ucrânia teve de passar por muitas provações. Dividiu-se em dois campos: uns pela Rússia, os outros pela Polónia.

Formou-se uma terceira falange. Essa era pela independência absoluta da Ucrânia; mas, infelizmente, não tinha muito apoio. É precisamente nesta altura que a nossa história começa.

O cossaco Danilo Tchabane morava com a sua família numa casa no campo. O ser mais exigente ficaria satisfeito com essa casa.

Danilo tinha herdado essa casinha; seu pai, que a recebera do seu pai, que também a tinha recebido do seu, tinha-lha transmitido ao morrer.

Não sei quantas gerações de Tchabane tinham passado por ali.

E reparem bem o seguinte: seja qual for o deserto no qual venha a morar uma família ucraniana, a (p.9) primeira primavera vai cobri-lo com

flores. Assim, podem imaginar que paraíso de flores devia ser a casa de Danilo, depois de tantas gerações de Tchabane terem acrescentado mais flores às flores dos seus antepassados.

Por outro lado, é preciso que se diga que a casa de Danilo nunca poderia ter a imagem de um deserto. Pelo contrário, situada como estava, entre uma estepe enorme e uma vasta floresta, entre um rio profundo e uma pradaria aveludada, entre uma alta montanha e um fresco vale, era encantadora de se ver.

Meu Deus! Como era agradável este canto do mundo! Quando o sol se levantava, a pradaria coberta de orvalho brilhava como uma chuva de diamantes. Os pássaros, escondidos nos juncos, começavam a esvoaçar e a cantar, e um leve véu de vapor, dourado pelos raios da manhã, balançava-se indolente sobre o rio. Meu Deus! Que perfumado era este tranquilo vale sob o primeiro olhar do sol! E os cimos das montanhas? Brilhavam como metal. E a floresta? Acordava sempre lentamente. E a estepe? Brilhava de sombra e de luz, tão longe quanto a vista podia penetrar nas suas profundezas e na sua claridade.

Isto é o amanhecer, a manhã; mas, o dia, (p.10) como hei de retratar-vo-lo? Uma inundação de luz sob uma abóboda azulada, os cantos de triunfo dos pássaros, o murmúrio das ondas, toda a natureza em plena felicidade.

Ao fim da tarde, estas noites tranquilas e cor-de-rosa da Ucrânia, imaginem: as estrelas aparecem pouco a pouco para fazerem festa à lua; esta aparecia em sua doce majestade e, no horizonte, faixas violetas de diversas cores, deitavam as suas últimas luzes, apagando a estepe obscurecida e silenciosa. A orla da floresta tornava-se séria, quase severa; uma grande rocha, rodeada de mistério, contrabalançava com outra rocha

sua irmã, como um bloco de fuligem, iluminada de cima. E finalmente o pequeno jardim frondoso, cheio de cerejeiras em flor, as lindas janelas da casinha reluzindo por entre os ramos das roseiras selvagens. Era essa a casa de Danilo. Mas eu fiz mal ao tentar descrever as coisas que os olhos não se cansariam nunca de ver.

E dizer que, com todos os esplendores, com todas as bênçãos de Deus, os habitantes da casinha tinham, para além disso, mesmo ao lado, bons vizinhos, uns amigos comprovados!

Durante os dias festivos, a família de Danilo Tchabane recebia muito; sim, muita gente. Tanto era Semene Vorochilo que vinha, como Andry Kruk, ou então ouvia-se ao longe uma voz nova e sonora, (p.11) a voz de Hanna, linda e risonha; ou avistava-se a chegada do pequeno barco de Vassil Grime ... e, depois dele, cinco, dez outros ainda, homens e mulheres, raparigas e rapazes, crianças e até velhos. Eram estas pessoas que visitavam Danilo.

Mas para quê enumerar todos os amigos! Vocês veem que eles eram muitos; quando já disse que eram sérios, que eram amigos de verdade, o que hei de acrescentar? A minha intenção não é explicar-vos a importância da amizade. Se vocês têm este sentimento por alguém que o merece, sabem quanto ele vale. A palavra de um amigo, o olhar de um amigo, a vossa mão na mão dele, são três quartos da felicidade da vida. Se nunca sentiram esta felicidade, não são as minhas palavras que vo-la farão sentir. Mereçam ter amigos, falaremos da amizade depois; até lá, ainda que fossem mais sensatos do que o próprio rei-sábio Salomão, não poderiam nunca entender nada daquilo.

A alma humana tem o direito de elevar-se até às mais altas aspirações. A verdadeira felicidade de um povo não conseguiria contentar-

se com uma simples satisfação das necessidades materiais; só o consentimento moral pode dar sabor ao pão que se come. Ora, já vo-lo (p.12) dei a entender, e vocês perceberam-me por meias-palavras: a desordem reinava em todo lugar. O país cansado, arrastado numa direção pelos russos, noutra pela aristocracia polaca, esmagado dos dois lados, estava completamente revoltado e lamentava amargamente a sua independência perdida. A Ucrânia foi invadida pelo exército russo. O chefe do partido de Moscovo enchia-se de favores e de presentes do tzar; o chefe do partido polaco protegia-se numa cidade fortificada e chamava todos os seus amigos para virem juntar-se a ele. Para onde ir?

(p.13)

CAPÍTULO II

UM VIAJANTE DESCONHECIDO

Havia uma reunião na casa de Danilo Tchabane. A noite estava escura e os convidados pensativos, silenciosos. Até aos próprios donos custava sorrir. Entreolhavam-se mais do que falavam. Estava claro que toda a gente tinha a mesma preocupação.

De vez em quando dirigiam-se a Andry Kruk: "Será que os muros de Tchiguirine seriam capazes de suportar um assalto? Seriam os defensores robustos? E se relêssemos a última proclamação do chefe? Alguns não (p.14) a conhecem. Sabia-se se havia muitos voluntários a apresentarem-se?"

Andry Kruk, que evidentemente estava bem informado sobre todas estas coisas, respondia muito naturalmente. Descrevia as muralhas de Tchiguirine, as suas fossas, as suas portas, as suas trincheiras, como alguém que tinha passado por lá e viu tudo aquilo mais do que uma vez, ainda recentemente.

Enquanto os homens falavam, o tempo parava, as mulheres escutavam ansiosamente. E quando os homens se calavam e iam fumar, elas trocavam em voz baixa algumas palavras.

"Mais uma batalha perto de Velika, dizia uma.

- "Quantos mortos?", perguntou Moghila.

- Incendiaram Terny; as casas transformaram-se em cinzas, e a aldeia de Krinitza ainda se encontra em chamas.

- Sabem, diz uma jovem, sabem se?..."

Mas ela não consegue acabar; os seus lábios perdem a cor, enormes lágrimas escondem os seus olhos, os seus dentes cerrados de angústia não conseguem reabrir-se.

Uma mulher idosa, com um lenço castanho na cabeça do qual se escapam ondas de bonito cabelo grisalho, com um rosto frio e rígido, no qual dois grandes olhos negros cintilavam como umas estrelas, diz: (p.15)

- Os meus estão todos mortos. Estou sozinha no mundo. Todos eles diziam: "Vamos lutar"; e eu olhava para eles: "Sim, meus filhos"; e eles acrescentavam: "A Ucrânia vai recuperar a sua independência"; e respondi outra vez: "Sim, meus filhos!" ficaram os três no campo de batalha, e a Ucrânia não está livre!

- Ah! dizia uma jovem, a gente deixa-se matar e ainda não se ganhou nada. Se ao menos pudéssemos dizer: "Morro, mas deixo aos outros aquilo que buscava..."

A mulher idosa interrompeu-a:

"Tu não me percebeste. Quando se trata da pátria, não se regateia; não dizemos: "Vou conseguir?", mas antes: "É o meu dever", e lançamo-nos à luta. Se somos mortos, morremos bem; vale mais assim do que ter má vida. Os meus agiram assim. Que Deus tenha as suas almas! Se fosse para recomeçar de novo, eles recomeçariam.

- "Você tem razão, sim senhor", disseram várias mulheres.

Uma menina, muito pequena ainda, de cabelo loiro, grandes olhos extremamente brilhantes, lábios de púrpura, parecia estar completamente absorvida pelas suas tarefas. Punha uns fios de junco no avental e com eles fazia uma linda trança. (p. 16)

A noite avançava, tornava-se cada vez mais escura, cada vez mais calma. Tudo se tornava silencioso: a menina adormeceu, com a trança inacabada entre os dedos.

A noite chegou e as estrelas cintilaram.

De repente, bateram na janela.

Foi tão inesperado que ninguém acreditou no que ouviu; mas bateram outra vez, e depois mais uma, muito distintamente, muito forte.

O dono da casa levantou-se e dirigiu-se à porta para abri-la. Os convidados e amigos acenderam os seus cachimbos e puseram-se a fumar. Ouviu-se uma última pancada seca e nítida no vidro. Os fumadores

estremeceram, as crianças olharam umas para as outras. Danilo abriu um pouco cuidadosamente a porta. "Quem está aí?", perguntou.

Uma voz respondeu, firme e masculina, que um viajante perdido precisava da hospitalidade.

"Seja bem-vindo", disse Danilo; e abriu a porta de par em par, convidando o viajante para entrar.

Avistavam-se algumas estrelas, uma fresca lufada de brisa da noite penetrou no quarto quente; em seguida, apareceu no limiar da porta um homem alto, tão alto que foi obrigado a baixar a cabeça para entrar.

A beleza não é uma coisa rara na Ucrânia: no entanto, o viajante que acabou de entrar dificilmente encontraria alguém semelhante a ele. (p.17)

O seu rosto era um daqueles nobres semblantes nos quais até os olhares mais despreocupados reparavam com um sentimento súbito de respeito. Cada um é obrigado a dizer de si para consigo: "Este homem deve ser um senhor entre os senhores." A sua estatura alta era elegante e flexível. Todo o seu ser respirava tranquilidade e força; mas jamais diamantes, estrelas ou relâmpagos tiveram tanto brilho como aqueles olhos negros que espalhavam a luz em seu redor.

O senhor Danilo e os amigos ficaram admirados com isto tudo; mas os ucranianos sabem guardar as suas impressões para si próprios, e nada deixaram transparecer. Receberam o viajante tal como deve ser acolhido qualquer um numa casa honesta, com cordialidade e atenção. Sentaram-no ao pé de uma mesa e apressaram-se a servir-lhe uma bebida fresca.

O viajante manifestou uma postura simples, modesta, educada e discreta. Encontrando-se na posição de desconhecido, não se sentia no direito de ser objeto de uma atenção particular por parte dos seus hospedeiros, nem dos amigos dele; não procurou de modo algum exhibir-se. Não contou nada, como outros teriam feito em seu lugar, sobre as suas

aventuras. Não achou que tivesse a obrigação de contar aos estrangeiros os seus planos, se os tivesse. Não olhava indiscretamente nem para as coisas, nem para as pessoas. Não questionava, apenas respondia, e com poucas palavras. Se conversava, era sobre coisas que, (p.18) naquele momento, preocupavam toda a gente: desastres do país, aldeias queimadas, campos devastados que tinha visto no caminho. O senhor Danilo e os seus amigos imitaram a sua descrição. Provavelmente perguntavam-se de onde vinha e para onde iria, e também de que região seria natural; mas, como não o disse, eles também não perguntavam. Era evidente que, embora jovem, sabia muita coisa: os hábitos turcos, os costumes polacos, o temperamento russo, os usos tártaros. Parecia que até a Setch¹⁸ ele conhecia também.

Quanto à Ucrânia, era evidente que ele tinha-a percorrido em todas as direções, que tinha visitado, vivido, talvez, tanto em cidades grandes como no campo, em aldeias pequenas. Mais do que uma pessoa se tinha ali interrogado também sobre a cicatriz que ele tinha na face esquerda: onde teria ele ganho esta bela ferida, feita, de certeza, por uma arma afiada? Era um assunto dele. Cada um tem os seus segredos. No entanto, o viajante, tranquilo sem dúvida pelo acolhimento que recebia, (p.19) ia-se tornando naturalmente mais expansivo. Descreveu, com uma energia impressionante, as batalhas que tinham acabado de acontecer. Poderia dizer-se que era como se estivéssemos a tomar parte na batalha com ele. Escutávamo-lo sem sequer respirar. Os homens, habitualmente tão calmos, inflamavam-se; as mulheres exclamavam e soluçavam. As crianças, já sem vontade nenhuma de dormir, ficavam de boca aberta.

¹⁸ A Setch era uma ilha no Dniepr onde os cossacos *Zaporogos* (que quer dizer “para lá das corredeiras do Dniepr”) tiveram o seu acampamento e onde a residência de mulheres era proibida; daí partiam invasões terríveis, sobretudo para as terras dos tártaros e dos turcos. Gogol faz uma boa descrição sobre o assunto na sua obra *Taras Bulba*.

De repente ouviram-se dois tiros e a seguir ainda muitos mais. Passado um curto intervalo, ouviram-se mais ainda.

Toda a gente ficou calada. Puseram-se à escuta. Os tiros vinham da estepe. Escutaram durante muito tempo, mas o silêncio voltara.

"E então! Até no campo tranquilo a pólvora fala?, observa o viajante.

- Isto deve vir dos lados de Tchiguirine, disse Andry Kruk.

- "Veio de todos os lados sucessivamente", disse Danilo abanando a cabeça.

Fez-se tarde; as mulheres levantaram-se para voltar para as suas casas. Estava na hora de deitar os filhos.

Estavam ainda a dizer adeus, trocavam-se sorrisos de afeição na entrada, fazia-se um aceno de cabeça amigável. Tudo se passava como de costume, e no entanto já se sentia que havia uma tempestade no ar. Dos olhos destas mulheres, destas mães, destas irmãs, destas (p.20) noivas, destas filhas, jorravam jatos de luz.

"Adeus! Adeus!", diziam, "boa noite!"

Todo o grupo se dispersou por entre os trilhos sombrios e desapareceu. Os dois amigos Andry Kruk e Semene Vorochilo ficaram a sós com Danilo. O viajante também ficou.

(p.21)

CAPÍTULO III

A PEQUENA MARÚSSIA

Toda a gente tinha ido embora; a dona da casa passou para um quarto ao lado.

"Como fazer para chegar a Tchiguirine?", perguntou o viajante. Ao fazer esta pergunta, baixou a voz, tal como fazemos involuntariamente quando sentimos que o perigo pode estar mais perto do que queremos admitir.

"Deve ser difícil", respondeu o senhor Danilo, baixando por sua vez instintivamente a voz.

Os dois amigos não disseram mais nada; mas deixaram (p.22) sair dos cachimbos duas enormes lufadas de fumo, e franziram as espessas sobranceiras.

Foi dito sem palavras, mas claramente, que eles estavam de acordo com o senhor Danilo. Os olhos do viajante fixaram-se por um instante na figura imperturbável do senhor Danilo, depois nas figuras igualmente impassíveis dos seus dois amigos. Bastava apenas um olhar dos seus olhos penetrantes para lhes ensinar o quanto ele estava habituado a ser posto à prova, quanto desprezava o perigo e também que capacidade tinha de se defender dos golpes que a fortuna podia lançar sobre ele. E depois desta confiança muda:

"E no entanto, diz ele, é preciso que eu chegue lá, e pelo caminho mais curto e direto.

- Diretamente para Tchiguirine?, respondeu Andry Kruk. Por enquanto, nem o corvo espertalhão seria capaz de lá chegar.

- Ainda é longe?, perguntou o viajante.

- A distância pouco importa àquele que tem pernas, quando o caminho é bom, diz Semene Vorochilo. Mas mesmo que fosse perto, como está intransitável, isso é que importa. "

Ao pronunciar estas palavras, Semene Vorochilo mergulhou o seu olhar nos olhos do viajante.

"Nós, os viajantes, respondeu o desconhecido, nem sempre somos livres de escolher o caminho mais agradável. À falta do bom, (p.23) restamos contentar-nos com o pior! Mas que se há de fazer? Quando está determinado que temos de chegar a alguma parte, não se pode recuar. Feliz daquele que pode ter um guia por companheiro. Não vos irei esconder, excelentíssimo senhor, que me aconteceu, mais do que uma vez, encontrar no momento em que menos esperava um coração corajoso, um braço forte, os pés infatigáveis de que precisava."

Ao ouvirem estas palavras do estranho, o senhor Danilo e os seus dois amigos levantaram a cabeça.

"Está a dizer a verdade, excelentíssimo viajante, respondeu Danilo. Um companheiro valente e dedicado vale todos os tesouros do universo.

- Não falta na Ucrânia corações determinados, diz Andry Kruk; para isto, posso dizer que nenhum país supera a nossa pátria.

- Bem respondido, Kruk, observou o senhor Danilo. Os polacos podem gabar-se de ter senhores intrépidos, os turcos dos seus magníficos sultões, os moscovitas dos latagões inteligentes e hábeis: quanto a nós, podemos afirmar uma coisa que vale todas as outras, é que nós somos "irmãos", nem mais nem menos.

- Tem razão, mas com uma exceção, respondeu o viajante.

- Nos melhores campos encontramos um (p.24) raminho de joio, continuou vivamente Danilo; mas o trigo será menos bom por isso?"

- Não, com certeza, diz Vorochilo. Contudo, há que pensar numa coisa.

- Pode dizer qual, respondeu o viajante.

- É que nem sempre se distingue o bom grão do mau. Não é o hábito que faz o monge.

- O bom pastor conhece as suas ovelhas, mesmo quando se vestem de lobo!", replicou o estrangeiro.

Fez-se silêncio; entreolharam-se mais uma vez. Entendiam-se na perfeição; não eram precisas palavras.

"Vivam, irmãos, diz o viajante. Os irmãos da Setch mandam-vos respeitosos cumprimentos amicais. Sou o enviado deles. Vou a Tchiguirine.

- Estamos às suas ordens; somos vossos amigos, disseram os três ucranianos.

- O que é que têm para me contar? O que sabem? O que se passa à vossa volta?, perguntou o enviado da Setch.

- Nada de bom, respondeu Danilo; um estreitou laços de amizade com os moscovitas; outro, depois de ter convidado os turcos para virem ajudar, encontra-se, talvez, neste momento, em negociação com a Polónia.

- Isso é a pura verdade, disseram os dois amigos de Danilo; os seus rostos masculinos manifestavam um profundo pesar. (p.25)

- Mais uma razão para eu ir a Tchiguirine, respondeu o enviado da Setch - e sem perda de tempo.

- Todos os caminhos estão cortados, respondeu Vorochilo.

- E a passagem de Gonna?

- Está ocupada e foi posta em estado de defesa pelos moscovitas."

O enviado pôs-se a pensar, não nas dificuldades, mas na maneira de chegar ao seu destino.

"Nós, cossacos da Setch, disse por fim, não somos nem a favor dos moscovitas nem dos polacos. Somos pelos ucranianos. Veem bem que tenho mesmo de entrar em Tchiguirine. Um dos vossos chefes vendeu-se, segundo se diz... mas e o outro?"

- O outro, o ataman-comandante Petro Dorochenko, disse Kruk, é um homem honesto.

- Sei disso, disse o emissário. Mas, orgulhoso, apaixonado e demasiado brusco como é, receia-se que, ao querer salvar a Ucrânia possa perdê-la. A sua irritação contra os russos fá-lo esquecer que temos outros adversários. Ele está prestes a fazer uma asneira e a saltar das brasas para cair na fogueira em chama. A minha missão é impedir que ele faça isso; mas, para o conseguir, tenho de ir vê-lo. Se eu tardar... "

Aqui o emissário calou-se e olhou à sua volta. A dona da casa ainda não (p.26) regressara, dois meninos dormiam sossegadamente num banco largo. Estava ele prestes a regressar ao seu discurso quando, de repente, na extremidade do quarto, reparou em dois olhos cintilantes que se fixavam nele e que pareciam sorver as suas palavras. Ia levantar-se para se aproximar deste olhar inquietante quando, para seu grande espanto, descobriu que esses dois olhos ardentes eram afinal os de uma simples e graciosa menina que, encolhida num canto escuro do quarto, olhava para ele como um pássaro enfeitado.

Danilo tinha seguido o olhar do emissário e percebeu qual era o objeto da sua preocupação.

"É a minha filha, disse ele, a minha menina valente, ajuizada demais para a sua idade "; e chamando-a: "Marússia, disse, vem cá."

Marússia aproximou-se.

Era uma verdadeira menina ucraniana, com as sobrancelhas aveludadas, as bochechas queimadinhas pelo sol, de uma beleza estranha, bonita tanto pela expressão da sua fisionomia encantadora quanto pela própria pureza dos seus traços. Um verdadeiro tipo ucraniano. Vestia uma camisa bordada típica da região, uma pequena saia azul escura e um cinto vermelho; os cabelos eram magníficos, de reflexos dourados, divididos em duas volumosas tranças e, apesar de entrançados, ondulavam e brilhavam como seda. Neste país, as raparigas no verão colocam uma coroa de flores na cabeça. Marússia (p.27) tinha ainda algumas flores vermelhas nos cabelos.

"Marússia, disse-lhe o pai, estavas a ouvir a nossa conversa?"

- Não queria ouvir, respondeu Marússia. Mas, mesmo sem querer, ouvi; mas ao ouvir percebi e ao perceber fiquei à escuta.

- E então, o que é que percebeste, filha?

- Percebi tudo."

A sua voz tinha um timbre admirável.

"Diz-me então o que percebeste, filha."

Os olhos brilhantes de Marússia viraram-se para o mensageiro da ilha Setch:

"Entendi que era necessário que o grande amigo desta noite chegasse muito rapidamente a Tchiguirine, e que, para a salvação da Ucrânia, era preciso que ele se encontrasse com o ataman-comandante.

- Ouviste tudo, com efeito, diz Danilo, e percebeste tudo. Agora escuta-me, Marússia. O que ouviste não vais dizê-lo a alma viva. Se alguém te perguntar, não sabes de nada. Sabes o que é um segredo?

- É uma coisa que deve ser guardada a qualquer preço, diz a menina.

- Muito bem, diz o pai com uma voz grave, és guardiã de um segredo.

- Sim, pai", respondeu Marússia.

O senhor Danilo não disse mais nada. Marússia não precisou de fazer nenhuma promessa, mas havia (p.28) nestas duas palavras: "Sim, pai", pronunciadas por esta criança da forma que o fez, motivo para tranquilizar o próprio são Tomé, o mais incrédulo dos incrédulos.

"Onde está a tua mãe?, perguntou o senhor Danilo.

- Está a preparar o jantar.

- Vai dizer-lhe que os teus irmãos mais novos adormeceram. "

Marússia dirigiu-se à porta, mas, no momento em que estava a abrir a porta, parou subitamente, ouvindo com atenção um barulho estranho que vinha lá de fora. Parecia um grupo de cavaleiros a galope vindo na direção da casa. Rapidamente o barulho aumentou; gritos e imprecações já se misturavam com o relinchar dos cavalos. Num instante foi um tumulto, semelhante ao da chegada, a toda a velocidade, de um destacamento completo; ouviram-se vozes roucas e palavrões.

Abriu-se a porta do quarto. Apareceu a dona da casa, branca como a cal da parede:

"São soldados, um esquadrão, uma milícia talvez. Estão aí...

- Nada de perder a cabeça", disse Danilo.

O enviado da Setch tinha-se levantado, sem precipitações; os outros fizeram o mesmo. Sem (p.29) pronunciarem uma única palavra, cada um estava a pensar.

A mãe de Marússia garantiu que a porta estava fechada e, de costas apoiadas contra ela, estava à espera das ordens do marido. Marússia pôs-se ao lado da mãe. Os seus lábios empalideceram um pouco, mas o rosto estava calmo.

"Tu, Vorochilo, e tu, Kruk, disse Danilo, vocês estão a dormir. A minha esposa e a minha filha estão na costura; eu não estou cá. Fui visitar um amigo. Vorochilo e Kruk, vocês tinham vindo aqui para comprar os meus bois; se calhar beberam demais, e agora ressonam enquanto esperam por mim... É para ganharmos tempo. " (p.30)

Depois, falando ao emissário da Setch:

"Só a frente da casa é que está ocupada; a janela da cozinha dá acesso ao jardim. Siga-me."

O pai, ao sair, trocara um olhar com a filha.

Tudo isto foi feito de forma muito rápida, como se tivesse sido planeado com grande antecedência. Os dois homens dormiam no banco tão sossegadamente como os dois irmãozinhos. A dona da casa e a filha cosiam. O senhor Danilo e o enviado tinham desaparecido.

"Desce do cavalo e vai bater à porta, gritava lá fora uma voz áspera.

- Trovão e sangue, arromba-a!", berrou uma outra voz mais imperiosa do que a primeira.

A dona da casa, sem deixar o trabalho, aproximou-se da janela.

"Quem está aí? O que querem?", disse ela com uma voz absolutamente firme.

Mas, como única resposta, alguns vidros da janela foram partidos, e, ao mesmo tempo, uma cara gorda, vermelha de raiva, com bigodes eriçados, inclinou-se através dos vidros partidos, olhando de forma irritada e desconfiada para todos os cantos e recantos.

"Porque olhas para mim dessa maneira?, gritou aquela (p.31) figura; por que razão não abres a porta? Queres que a arrombemos? "

A dona da casa, interpelada desta maneira, recuou um passo.

"As crianças estão a dormir, disse ela, - e a verdade é que elas estavam a dormir ainda, aquelas inocentes -, os dois homens dormem também. Não façam tanto barulho.

- Vais abrir, sua criatura parva?", vociferou a cara vermelha.

A esposa de Danilo, paralisada de medo, nem se mexeu.

A porta estremecia sob os golpes retumbantes dos assaltantes, mas não cedia.

O homem de cara vermelha conseguiu fazer entrar metade do corpo pela janela quebrada e, apontando o cano de uma pistola para o peito da dona da casa:

"Se num segundo a porta não estiver aberta, gritou ele, vais arrependerte muito."

A esposa de Danilo deu um passo em direção à porta; mais parecia uma estátua de pedra a tentar obedecer a uma ordem que não entendia.

"Sua mulher desgraçada!", gritou o oficial furioso.

A dona da casa, possuída de terror, correu para a porta; mas, fosse por falta de habilidade ou pelo pavor, parecia que (p.32) nem os ferrolhos queriam obedecer-lhe. "Estou a abrir, dizia-lhe, estou a abrir, meus senhores, não veem? Mas esta fechadura faz-me perder a cabeça; amanhã tenho de arranjá-la." Por fim, a porta abriu-se.

Deus sabe o tempo que aquilo levou. Soldados e oficiais correram para a cabana e puseram-se a observar todos os cantos. Eram como lobos em busca da vítima que de repente desaparecera.

O mais pequeno dos rapazes, acordado em sobressalto, pôs-se a gritar. O mais velho olhava para tudo e não reagia.

"Para com esses berros, cala-te!", disse um dos oficiais ao pequeno que não parava de gritar.

O oficial de cara vermelha não lhe disse nada, mas simplesmente mandou contra a parede um banco que estava ao lado dele; e fê-lo com tanta força que o menino, mudo de terror, quase desmaiou.

"Deixa lá, disse o mais velho. Deixa...! Quando for grande!..."

O vilão de cara vermelha tinha mais que fazer do que estar a ouvi-lo. Ao fazer a mesma coisa com outro banco, acordou Kruk, que parecia estar embriagado de sono, e abria e fechava alternadamente, com um esforço penoso, os olhos esbugalhados.

Vorochilo, acordado pelo mesmo barulho, parecia não saber o que pensar olhando para (p.33) os agressores. Confundiu o oficial com o seu compadre Guerásimo, e o outro com o compadre Estéfano; sorriu a um, piscou o olho muito amigavelmente ao outro, e deitou-se de novo no banco dizendo:

"Vamos dormir, está na hora."

Os soldados por sua vez olhavam para ele:

"É ele, diziam uns. Não é, diziam outros. Que povo de velhacos! Não há nenhum que não seja traidor.

-Caluda!", gritou o homem de cara vermelha.

Tinha-se posto à mesa, e fazendo um sinal brutal à dona da casa:

"Aproxima-te", disse ele. Ela aproximou-se.

"Quem és tu?, perguntou.

- Sou a mulher de Danilo Tchabane.

- Onde está o teu marido?

- Foi ver um amigo.

- Ouve, vou ensinar-te o que é um amigo". Pegou num chicote que um dos soldados trazia, um chicote ricamente ornamentado e de punho trabalhado.

"E aqueles dois ali, aqueles dois bêbados, dois cachorros, são o quê?"

E, para mostrar melhor as pessoas, bateu com o chicote nos ombros de Kruk, depois na cara de Vorochilo.

"Vais falar?", gritou ele, fazendo um salto ameaçador na direção dela.
(p.34)

A mulher deu um passo para trás, como se de repente tivesse ficado frente a frente com um animal feroz. No entanto, após um esforço para superar aquele terror, respondeu:

"São os meus vizinhos, senhor; vieram para comprar bois, e enquanto esperavam pelo meu marido ausente, tinham adormecido.

- Sim, senhor, viemos para comprar três bois ao Danilo, disse Andry Kruk, que por fim acabou de acordar. Sim, comprar estes bois que tínhamos prometido entregar amanhã, e não encontramos o senhor Danilo em casa; veja que azar. - Pois bem, disse eu ao meu compadre (mostrou Vorochilo que, também acordado, parecia no entanto não poder ainda abrir completamente as pálpebras), pois bem, o dono não está cá, é pena. - Sim, respondeu o compadre, é pena, não há nada a fazer. - Que azar!, disse eu, mas o que queres! Ele não está cá. - Sim, respondeu o compadre, Danilo não está cá. - Eis um dia desperdiçado. - Sim, desperdiçado, respondeu, mas o que queres! - Nunca se pode prever tudo. - Sim, respondeu o compadre, nunca é possível prever tudo. - E com isto tudo, o mercado de amanhã?

- Vais acabar, seu canalha?, exclamou o homem de cara vermelha. Oh traidores, conheço-a bem, a vossa (p.35) ingenuidade! Soldados, atem-me estes velhacos e bem atados. "

Foi tudo muito rápido: Andry Kruk e Semene Vorochilo num instante foram atados e amarrados.

Neste momento entrou o dono da casa.

"Quem és?, rugiu o homem de cara vermelha (Era sem dúvida o chefe do bando). Como é que te deixaram entrar aqui?

- Sou o dono desta cabana, senhor", respondeu Danilo enquanto o cumprimentava. Vocês estão na minha casa, por isso entrei.

- Ei, vocês aí, ponham sentinelas à porta, e que ninguém entre nem saia, perceberam?", disse o oficial aos seus homens. Depois, dirigindo-se a Danilo:

"Se tens amor à vida, responde sem me obrigares a interrogar-te. Onde está o bandido que procuramos? Que a tua resposta seja clara, Judas traidor! Se disseres disparates, vou reduzir-te a pó. Lembra-te disso. Onde está o zaporogo-revoltoso?"

- O zaporogo-revoltoso, respondeu Danilo, calmo e como surpreendido, é a primeira vez que estou a ouvir esse nome. Não conheço nenhum.

- Vai contar essa ao outro!, gritou o oficial. Queres fazer-me acreditar que vocês não conhecem os bandidos que vocês põem em movimento? É como se me dissesse que os meus soldados não conhecem o seu chefe. Esse zaporogo-revoltoso está (p.36) cá na região, entrou aqui;

onde está? Confessa imediatamente, se não pego fogo a esta barraca e vocês todos vão arder com ela.

- Senhor, respondeu Danilo, juro que nunca ouvi falar daquele por quem acabou de perguntar.

- Não queres falar? Está bem, assim seja! Estamos entendidos"; e, virando-se para Vorochilo e Andry Kruk: "Ó velhacos, disse-lhes, também não conhecem esse zaporogo-revoltoso que a peste há de sufocar?"

- Peço desculpa, meu senhor, respondeu Semene Vorochilo, que parecia mais morto do que vivo, e eu... (p.37)

- Fala lá, seu animal!

- Eu vi-o.

- Viste-o e não o denunciaste de imediato, seu traidor?

- Tive muito medo, senhor, perdi a cabeça, e depois...

- E depois, o quê?

- E depois, ele já se foi embora!

- Onde o viste?

- Na feira de gado, senhor, em Trosny.

- Com quem estava?

- Com um grande cão, senhor, um grande cão preto, imponente, de uma bonita raça, que ladrava como cem diabos, e que ...

- Seu parvo! Cão és tu! Não quero saber do cão, mas do dono e dos infames da vossa espécie. Esse zaporogo-revoltoso sem dúvida não estava sozinho, seguia-o um bando de patifes, não?

- Um bando de patifes, senhor, qual bando?

- Seu burro chapado! Uma multidão de homens e mulheres seguiam-no?

- Sim, senhor, uma multidão. Empurravam-se, gritavam.

- E os nomes? ...

- Que nomes, senhor?

- Os nomes dos que o seguiam correndo atrás dele.

(p.38)

- Mas era uma multidão, senhor, só uma multidão.

- Não vê, diz o outro militar, que este camponês é um idiota? Está a desperdiçar o tempo com ele.

- Fico admirado, meu caro, diz o outro militar que se mantivera sentado durante toda esta cena. Para quê este ardor? Será que não temos tempo para apanhar esse regimento? Não há assuntos mais urgentes do que fuzilar? Mesmo que nos tenha escapado agora, não será por muito tempo. Vocês esquecem-se que desde esta manhã corremos como doidos, sem beber nem comer, e que não é saudável ter o estômago vazio? Ora vejamos: não é agradável esta casinha e não gostariam de ser servidos com um bom jantar? Depois de jantar, estaremos mais dispostos a retomar a caça aos bandidos. Meu Deus! Meu caro, está vermelho como um gallo! Esqueceste, infeliz, as recomendações do médico: "Nada de emoções, de raiva; exercício moderado,

refeições regulares!" E a pobre da tua mulher, que me fez prometer que ia cuidar de ti e tratar-te como se fosses meu irmão, ela ficaria num belo estado se pudesse ver de que forma exagerada e inútil te enraiveces...

- Cala-te, respondeu o homem de cara vermelha, com uma voz abafada. Cala-te, - e jantemos!"

(p.39)

E, voltando-se para Danilo:

"Ouviste? Que tudo o que há de bom na tua despensa esteja em dois minutos nesta mesa... em dois minutos!", e deu tão grande murro na mesa que a casa toda tremeu.

"Odarka, disse Danilo à sua mulher, despacha-te."

Odarka saiu levando nos braços os dois meninos; o mais velho resistia, não queria deixar o pai.

Ela reapareceu logo carregada de comida. Estava calma e não dizia uma única palavra. No entanto os seus olhos percorreram a cabana com uma certa preocupação.

Semene Vorochilo e Andry Kruk, com as mãos atadas atrás das costas, pernas atadas com cordas sólidas, encontravam-se de pé num canto da divisão. Danilo, de braços cruzados, estava noutro canto. À exceção de uma sentinela que estava a bloquear a porta, os soldados tinham desaparecido. Os militares, à mesa, com os sabres junto deles, pistolas em cima da mesa, bebiam e comiam, riam e conversavam alegremente.

Mas a menina Marússia, onde estaria?

Naquele final de dia, a noite apresentava-se magnífica. Marússia, leve e silenciosa como uma sombra, tinha desaparecido pouco depois do regresso do pai. Terá sido o olhar do pai, (p.40) incompreensível para qualquer outra pessoa, a ensinar-lhe o que devia tentar fazer, ou será que seguiu apenas a sua própria inspiração? O facto é que foi nesse momento que ela, sorrateiramente, saiu da sala sem ninguém dar conta; e depois de ter passado, despercebida como o pensamento, pelo meio dos soldados e dos cavalos que rodeavam a casa, tinha chegado ao jardim.

Chegando lá, a criança parou debaixo de uma cerejeira, e com a mão apertou o coração como se fosse para parar os batimentos. Aquele coraçãozinho batia até quase se romper. Tinha a cabeça a arder. Escorriam-lhe dos olhos lágrimas quentes. Estava triste, uma tristeza de morte, mas não abatida. Acreditava na salvação, mesmo sem saber de onde poderia ela vir. A brisa refrescou-lhe a fronte e acalmou-lhe a agitação que sentia no peito. Estava à escuta. Será que repararam na sua fuga? O murmúrio confuso, mas monótono, das vozes dos soldados, chegava até ela e tranquilizava-a. Chegavam até ela também os gritos e os risos dos oficiais sem nada que justificasse aquelas reações. Eles estavam a rir-se, mas ela, que faria? Acalmou-se a olhar para aquela casa que ainda continha tudo o que ela tinha amado e respeitado...

Como lhe eram caros estes lugares, assim como toda a sua Ucrânia! A criança ajoelhou-se e beijou com os lábios ardentes esta terra que estava prestes a abandonar.

(p.41) "Meu Deus, disse ela, ajuda-me!" Quando se levantou sentiu-se mais forte. Tudo estava incrivelmente calmo debaixo dos ramos floridos. Deu alguns passos em frente. Com cuidado penetrou à direita no pequeno bosque. Mas nada. Depois virou à esquerda, sempre a escutar, mal

respirando. Examinava cada sombra; observava atentamente até os mais pequenos detalhes. Estava à procura de alguém?

E ali está ela, por fim, debaixo das grandes macieiras mesmo ao fundo. Como!? Ainda nada, ninguém? Olhou pela última vez à sua volta. À luz das estrelas, podia-se ver como estava pálida e ansiosa.

Tremeu de susto; um pássaro mais perturbado do que ela tinha saído do ninho. Sentiu também algo desagradável: uma borboleta que ela acordara atirou-se loucamente contra o seu rosto, e ela sobressaltou-se. Era assim tão fraca?

Ficou durante muito tempo encostada a uma árvore cujas folhas a protegiam, escondiam-na. A brisa espalhava as flores brancas das macieiras sobre a relva verde. Dizia para si mesma: é como a neve! Temia que o sussurro das folhas a impedisse de ouvir um outro barulho, o frágil indício que ela, debruçada e de ouvido muito atento, parecia esperar, esperar sempre.

Ah! A poucos passos dela, entre duas árvores, (p.42) avista-se... Não se enganaria ela? Não seria apenas uma sombra? Não: é a figura alta e esbelta do amigo novo por quem sofre o pai e a mãe dela, - por quem, tal como eles, ela enfrentou tudo. - A figura já deixou de estar imóvel, desliza como uma serpente através dos ramos das árvores. Está à procura, com certeza, de uma pequena passagem escondida que dá para o rio.

De passo rápido, Marússia corre atrás dele. Logo se ouve o ruído do rio. Apenas uma sebe separa dela o emissário. Inclina-se por cima da sebe e observa: ao pé de uma árvore enorme, cujos ramos se banham na corrente do rio, avistou um barco; - um barco. É o mundo dele; o rio é por todo o lado o caminho que não trai; vai transpor a sebe que o separa dele. Mas de

repente duas pequenas mãos pegaram-lhe no braço, e uma voz muito baixa disse-lhe: "Não, não, isto não, - o barco não! O rio é um espelho onde se vê tudo, mesmo dos sítios mais distantes. "

Ele ficou sem dúvida muito surpreendido, mais surpreendido do que se inesperadamente se encontrasse rodeado de dez soldados armados até aos dentes; mas agiu como se nada tivesse acontecido. Via-se que era um homem que desde há muito tempo estava habituado a todo o tipo de surpresas.

Olhou e reconheceu a menina.

"O que estás a fazer aqui, minha menina?" perguntou, sorrindo para a criança, como se a tivesse encontrado (p.43) num passeio nas mais favoráveis circunstâncias para uma conversa amigável. Porém, passaram alguns segundos antes que Marússia, emocionada e sem fôlego, pudesse acrescentar o que quer que fosse às palavras que no início lhe tinha dirigido.

O homem pousou-lhe a mão na cabeça como se quisesse protegê-la e acrescentou: "Coragem, minha filha". Ele personificava a força, a destreza, a intrepidez, a coragem; mas, neste momento, em frente deste pássaro palpitante, um raio divino de bondade enternecida apagou tudo, trocou tudo no seu rosto masculino. A sua mão poderosa, acostuada a manusear as armas mortíferas e os instrumentos rudes, tornou-se mais suave do que a de uma mãe para Marússia: o seu olhar cruzou, cheio de ternura, o olhar de Marússia. Confiavam um no outro. Marússia voltou a falar:

"O rio não te leva a Tchiguirine. É para Tchiguirine que deves dirigir-te. Já pensei na maneira de chegar até lá.

- Estou a ouvir-te, minha filha, respondeu o fugitivo.

- Vamos primeiro para junto daquele muro velho, disse-lhe, ele vai esconder-nos."

"Lá ao longe, disse ela, na estepe, o meu pai possui uma pequena cabana, um estábulo, onde ele deixa os grandes bois no verão quando apanhamos o feno, (p.44) para não ter de os trazer para casa todas as noites. Um grande carro de bois todo carregado de feno está em frente à porta, para o meu pai trazer amanhã. Os bois esperam pelo nascer do sol no estábulo. Estaremos lá, tu e eu, dentro de uma hora. Então vou atrelar, vamos atrelar os grandes bois; vais esconder-te no feno, e eu levo-te primeiro à casa do senhor Kniche. Ele é um amigo do meu pai e de todos os amigos dele. Ele vem a nossa casa, e quando vem conversa com os outros. Poderei dizer-lhe tudo ou, se não quiseres, não vou dizer nada ao senhor Kniche, mas vou tentar fazer... fazer..."

Parou de falar, indecisa, pois não sabia bem o que era melhor decidir neste ponto. No entanto, retomou:

"Farei o que me disseres. Oh! Farei tudo!"

Enquanto a ouvia, humedeceram-se-lhe os olhos:

"Quem te deu esta ideia, Marússia?"

[...] (pp.45 - 229)

(p.230)

CAPÍTULO XXI

O LENCINHO PERFURADO

Marússia inclinou-se para poder ouvir durante mais tempo o barulho dos seus passos. Se os seus ouvidos, na falta dos olhos, pudessem segui-lo, ficaria menos triste. Enquanto podia ouvi-lo, imaginava que ele estava ainda ao pé dela. Mas, pouco depois, nem se ouvia qualquer estalido de ramos, nem sussurro de folhas. Marússia deixou cair as duas coroas, aquela cabeça bonita inclinou-se e, sem mesmo se dar conta, pôs-se a pensar; sim, a pensar.

Não lhe faltavam assuntos.

Tantas coisas deslumbrantes que tinha visto, (p.231) tantas coisas misteriosas e outras tão terríveis, e as últimas eram tão desoladoras! Os defensores da Ucrânia, tão gloriosos no início, cedendo perante elas, acabaram por ser esmagados, depois separados. "Acredito, dizia ela a si mesma, que o meu amigo vai tentar um último esforço. Será talvez um esforço desesperado? Mas pouco importa! Ele vai fazê-lo. Temos de parar perante o dever?" Ela sentiu, durante a sua longa caminhada forçada, que cada um dos seus passos escondia um perigo. Pois bem, e então? Ela e o seu grande amigo, verdadeiros ucranianos, poderiam eles sobreviver na Ucrânia? Não será melhor desaparecer com aquilo que amamos?

Puxava pela cabeça para explicar a si mesma por que razão os homens, em vez de se amarem - coisa que lhe parecia tão fácil -, se esforçavam por se prejudicar uns aos outros. "O meu pai criava problemas aos vizinhos? Ou alguma vez teve a ideia de tirar o terreno ou a casa a outrem, mesmo que achasse um terreno muito bom ou uma casa muito

bonita? Porque querem arrebatá-los a nossa Ucrânia? Ela é muito fecunda, é a terra mais rica do mundo: e isto é razão para mandar embora aqueles a quem ela pertence?"

De vez em quando, cansada de interrogar-se sobre questões cujas respostas escapariam às mentes mais firmes, erguia a cabeça, levantava os olhos cândidos ao céu (p.232) e exclamava: "Meu Deus! Ah! Meu Deus! Quando é que os homens vão ser bons, bons de verdade?"

O calmo e profundo silêncio da floresta, a sombra e a frescura fariam muito bem ao seu corpo partido pelo cansaço, se a sua alma ansiosa não sofresse com esse descanso, que se tornava preocupante de tanto se prolongar, com tudo o que a rodeava.

A floresta estava a ficar escura, uma mão invisível puxava pouco a pouco um gigante véu negro sobre aquelas massas verdes. Aquilo fê-la lembrar-se do seu conto do bandido e da fuga da pobre mulher cuja história ela tinha contado àquele amigo, na primeira vez que o tinha visto. "Ela não era mais infeliz do que eu, pensava, mas gosto mais das minhas tristezas do que das dela."

As últimas flechas de luz que passavam através das folhas enfraqueciam nos troncos das árvores. Apagaram-se por completo, e subitamente fez-se noite completa; Marússia, surpreendida, levantou-se. Todas as angústias do passado foram submersas pelas angústias da espera presente.

"Ele disse-me: Já volto para te buscar, deixo-te apenas por uns instantes, - fica no teu lugar." Estou aqui, já se passaram muitos instantes, e ele ainda não voltou, (p.233) e não há nenhum barulho, mesmo ao longe, que anuncie a sua chegada."

A natureza inteira parecia obstinar-se em se calar. Esse silêncio implacável, apesar da sua vontade, superava a firmeza da alma de Marússia.

Quisesse Deus que aquele silêncio permanecesse ainda! De repente e de todos os lados ouviram-se tiros, mais de cem, mais de mil, talvez; parecia que estava a decorrer uma batalha em todos os recantos da floresta ao mesmo tempo. Foram dez minutos que pareceram um século à criança. No entanto, ainda mais longo e mais terrível pareceu-lhe o silêncio sinistro a que tinha dado lugar esse barulho de guerra, barulho não estranho, em suma, para os seus ouvidos.

Marússia desejava ver através das árvores e por cima delas. Acionada como por uma mola elétrica, ergueu-se na ponta dos pés.

"É ele, ele que se encontrava no meio desse fogo, dizia ela; estava armado, devia querer abrir caminho para aqueles do nosso exército que estavam do lado da fronteira. Foram surpreendidos nessa floresta cheia de armadilhas!"

E, apertando a testa ardente com as mãos crispadas, acrescentou:

"Não quero pensar mais. Para quê? Deus está lá em cima. É preciso esperar dele o seu destino." (p.234)

Sentou-se junto do grande carvalho, rezando por tudo o que lhe era mais caro.

Completamente ocupada na sua oração ardente, e no momento em que dizia "Senhor, fazei que ainda o volte a ver", pensou que estava a sonhar, que ouvia as folhas a agitarem-se, os ramos a estalar. Mas não, não estava a sonhar, o barulho vinha mesmo dali, de muito perto, a poucos passos dela; as suas faces cobriram-se subitamente de vermelho. Os olhos olhavam na

direção do barulho. Então os ramos afastaram-se completamente, e o rosto do seu grande amigo, iluminado pela lua branca que acabara de se levantar, apareceu entre as folhas ondulantes. Deus tinha atendido o seu pedido. Mas era mesmo o seu grande amigo ou a sombra dele? Tão pálido era o rosto dele que o grito de alegria, que ia sair do coração da criança, expirou nos seus lábios.

"Marússia, dizia-lhe o grande amigo, estás a ver este lenço vermelho?"

- Sim, estou.

- Pois bem, vou levar-te à entrada do bosque. Vou mostrar-te um caminho. Vais seguir em frente, sem te desviares, sempre em frente até chegares a um campo de trigo-sarraceno. Vais atravessar este campo que está dividido por um atalho. Esse atalho vai levar-te a uma pequena ponte: nessa ponte, vais deixar cair as tuas duas coroas. Do outro lado da ponte, vais avistar, à esquerda, (p.235) atrás de um pequeno moinho, um pequeno bosque. Então há de sair um homem da borda desse bosque. Se ele te disser: "Que o Bom Deus te ajude!", hás de responder-lhe: "O Bom Deus ajudou-me!", e vais dar-lhe este lenço. Estás a perceber-me, Marússia? Não te vais esquecer de nada?"

O grande amigo falava muito devagar, lentidão que não era habitual nele e também não parecia ser voluntária; dir-se-ia que não podia falar mais depressa. Empalidecia cada vez mais: espessas gotas de suor deslizavam-lhe pelo rosto como pérolas. Estava apoiado numa árvore.

"Estás ferido!, disse-lhe Marússia. Foste atingido!"

- É um arranhão, Marússia; amanhã nem se vai notar. Vai, minha menina, vai!"

Pegou-lhe na mão:

"Que fria que está a tua mão!, exclamou a criança.

- Não penses na minha mão, meu anjo. Apressa-te! Primeiro na ponte, as duas coroas, e depois para o homem que há de sair do pequeno bosque, o lenço; se ele te disser: "Que Deus te ajude!", coragem, Marússia, é para a salvação do resto dos valentes defensores da Ucrânia."

O grande amigo tentou abrir caminho para Marússia, mas faltaram-lhe as forças. Essa fraqueza, daquele que ela via como a personificação de toda a força, gelou o coração da (p.236) menina. Pela primeira vez ela temia pelo amigo que tinha achado invulnerável. Mas não lhe fez perguntas. Percebeu que ele lhe tinha dito tudo o que queria dizer.

De repente, dois braços musculados afastaram as folhas. A menina, surpreendida, lançou-se para a frente do seu grande amigo pensando que estava a ser ameaçado.

"Não tenhas medo, Marússia, disse-lhe o cossaco-setchevík. É um amigo, um amigo seguro e fiel."

Marússia viu, no meio dos ramos, um camponês de alta estatura que a cumprimentou com respeito, mas de forma amigável. É claro que não era a primeira vez que via Marússia.

"É o meu colega Ivane, disse o cossaco-setchevík. Olha para ele, é um mastro.

- É mais alto do que tu", disse ela muito admirada.

Ivane afastava os ramos, partia-os à frente de Marússia. Avançou virado de costas, e o seu olhar preocupante não largava o cossaco-setchevík.

Marússia reparou que ele percebeu que o seu grande amigo precisava de ajuda. Mas o cossaco-setchevík, que se apoiava de árvore em árvore, dizia-lhe:

"Vai, Ivane, não é em mim que deves pensar, mas nos outros. Custe o que custar, é preciso evitar que eles caiam nessa emboscada maldita. "

(p.237) Ivane, repreendido desta maneira, virou tudo do avesso; os ramos dobravam-se e partiam-se debaixo dos seus pés, como à passagem de um touro. Marússia não estava à espera de sair da floresta tão depressa. O grande amigo conseguiu acompanhá-la. Fazia questão de repetir-lhe ainda as suas recomendações.

"Estás a ver o caminho - o campo de trigo-sarraceno e o atalho à direita, - depois do atalho a pequena ponte, - as duas coroas vão ficar na pequena ponte, - à esquerda, do outro lado: o moinho e o pequeno bosque, o homem e o lenço. É até lá que deves chegar. Despacha-te, minha menina, despacha-te, aqui está o lenço..."

Este lenço era tão parecido com aquele que uma vez tinha oferecido à cunhada do senhor ataman-comandante, que ela se perguntou se não seria o mesmo, e se mais uma vez ele não lhe estaria destinado.

Marússia pegou no lenço e, virando-se para o amigo, disse-lhe:

"Tudo será feito como disseste."

O cossaco-setchevík baixou-se, não sem grande esforço, para abraçá-la. Mas, ao levantar-se, ela bem tinha reparado que ele tinha vacilado; sem Ivane, que se apressou a segurar nele, ele teria caído... Marússia apercebeu-se então que ele tinha a manga manchada de sangue.

"É o teu sangue!, disse-lhe ela. Onde estás ferido? (p.238) No braço? Deixa-me ligar-to. Sabes, Mefódievna fez de mim uma boa enfermeira.

- Sê razoável, Marússia, disse o grande amigo. Passei por tudo até chegar aqui praticamente sem me tocarem. Não era justo. Não participei em luta nenhuma. Esta ferida não é grave. Um tiro no braço não é nada. Não nos pusemos a caminho sem uma razão funda. Ivane vai tratar disto. Vai então, minha menina, e despacha-te. Conversamos demais. Se conseguires levar este lenço àquele que está à espera dele, será muito bom. Mas espera, põe-no na cabeça, o lenço, assim vai notar-se mais rápido e mais ao longe; e fica tão bem nos teus cabelos loiros.

- E tu vais então ficar aqui? É preciso ter muito cuidado nesta floresta... Ainda te vou encontrar aqui?"

Enquanto fazia esta pergunta, colocava com uma mão trémula o lenço vermelho na cabeça.

"Vou ficar aqui, respondeu-lhe o amigo; e, se não conseguir ficar, poderei sempre encontrar-te. Poderia alguma coisa separar-nos?"

Desta vez foi um tiro que respondeu em vez da criança, e a seguir mais um. De todos os lados ao mesmo tempo ouvia-se o tiroteio, não muito perto, mas também não muito longe.

(p.239) "Entraram no bosque, voltam à carga, diz Ivane. Dentro de cinco minutos podem estar aqui."

O leão ergueu-se. Ivane tinha-lhe dado uma das suas pistolas para a mão de que ele ainda podia servir-se.

"Estás a ouvir?, disse o cossaco-setchevík a Marússia. Vai! Corre! Voa, se puderes! E esquece todo o resto. É pela a Ucrânia, pela grande amiga. O pequeno lenço falar-lhe-á de ti ..."

Marússia partiu como uma flecha. No entanto, quando chegou ao atalho do campo de trigo-sarraceno, ali onde devia deixar o caminho, a pequena gazela não conseguiu resistir à vontade de se virar para trás e tentar ver, uma vez mais, aquele que com tanta tristeza acabava de deixar. Já não havia ninguém à entrada da floresta. O tiroteio já tinha terminado. Silenciosa de novo, a floresta parecia uma longa montanha de sombra.

Marússia partiu de novo; o cansaço já tinha desaparecido; tal como o amigo lho tinha desejado, ela ganhara asas. Passou pelo campo de trigo-sarraceno, está em frente à pequena ponte; deixou ali as duas coroas. Um barulho abafado tinha-lhe chegado ao ouvido. Põe-se à escuta, o barulho está a aproximar-se e torna-se sonoro. Deve ser o barulho de um cavalo a galope. O cavaleiro é um amigo ou um inimigo? Não é um cossaco. De longe, dir-se-ia um (p.240) tártaro. Quando viajava como os velhos rapsodos, evitavam sempre os tártaros. Ela volta para trás, atravessa de novo a ponte. Tanto faz, as coroas ainda lá estão, foi dito e feito. Marússia está contente. Vai esconder-se nos juncos. O cavaleiro chega a toda a velocidade; será que a viu? Ela espera que não. Mas, mal Marússia fez uns passos através desses juncos que cresciam à beira do riacho, houve um tiro. O lenço vermelho, assim como a cabeça bonita que ele tapava, tinham caído no meio dos juncos. Mais parecia uma perdiz capturada em pleno voo.

O cavaleiro tártaro atravessou a ponte. Quer assegurar-se de que acertou no alvo; do cimo do seu cavalo, procura, avista o gracioso corpo estendido. É apenas uma criança! Mas o que é este lenço que ela tem na cabeça? Um pano, a sua bala fez nele um buraco. Não vale a pena apanhá-lo.

O cavaleiro estende a mão ao cavalo, continua a marcha e desaparece, como um homem enganado nas suas expectativas. Marússia mais não era do que uma sombra que avistou no caminho.

Tudo se acalmou outra vez. Foi tão rápido! Parece que nada aconteceu nesta ponte.

Entretanto, um camponês com um feixe pesado às costas sai a passos lentos do pequeno bosque (p.241) que Marússia devia encontrar do lado esquerdo da ponte. Depois passou o moinho prateado pela luz branca da lua. Não tem pressa, não olha nem para a esquerda nem para a direita. Não duvida que, daqui a pouco, o caminho que vai seguir não está seguro.

Dirige-se para ponte. Vê as duas coroas, apanha-as e pendura-as no feixe. Certamente tem netas. Vai levar para elas estas coroas. Atravessou a ponte. A carga incomoda-o. Desembaraça-se dela num momento e, para distrair-se, apoia-se no tronco de árvore que serve de parapeito à ponte rústica. Daí, maquinalmente olha. O que avista ele nos juncos? Dir-se-ia um ramo de flores vermelhas. Tem que ver aquilo de perto. É uma criança. Com um pé mergulhado na água. Põe-se de joelhos, levanta o corpo inanimado e retira-o um pouco para a margem. É lua-cheia. Olha com piedade para o bonito rosto empalidecido pela morte, põe a mão sobre o coração valente que já não batia, faz o sinal da cruz e pronuncia estas palavras: "Que Deus te ajude", às quais a criança não pôde responder: "Deus ajudou-me"; levanta-se, deixando para trás o fardo, guardando apenas as coroas, afasta-se a correr. Atravessou outra vez a ponte; aonde vai ele tão apressado? Para lá do moinho, do lado do bosque. Que pressa tem ele de chegar até ali? (p.242) Que aperta ele contra o peito, que esconde ele debaixo da camisa? É um bonito lenço vermelho que enfeitava a cabeça loira, a cabeça da menina que amava tanto o seu país. Leva-o. O lenço vermelho e as coroas chegaram

ao seu destino. Marússia cumpriu a sua missão. Os outros, os últimos fiéis e a sua grande amiga estão salvos.

(p.243)

Capítulo XXII

"GLORIA VICTIS!"

(Gloriosa derrota!)

Tudo isto aconteceu há muito, muito tempo. Passados cem, duzentos anos talvez, ficou-nos uma lenda. Ainda hoje, numa colina erguida, feita por mãos de homem, a mais alta de todas as que, deste género, encontramos neste país, pode-se ver uma grande cruz de granito cor-de-rosa. Nesta cruz tinha sido gravado, com a ponta paciente de um punhal, este nome:

MARÚSSIA

(p.244) Esta colina chama-se "O túmulo da menina". Está coberta com um esplêndido tapete verde, sempre semeado de flores, admiráveis e odoríferas que só lá crescem, que nunca vimos e nunca veremos noutra lugar. São tão lindas estas flores que mais parecem olhares de criança. Quando as transplantam, recusam-se a crescer, morrem de pé. Tentaram semeá-las noutras terras, mas lá nem se levantam. Deram-lhes um nome, o único que lhes fica bem: chamam-lhes *Marússias*.

Conta-se, nos serões, que um cossaco, conhecido pela sua coragem, inteligência, beleza e bondade, e ainda mais pelo seu amor pela pátria, ergueu, completamente sozinho, esta grande colina.

Tinha apenas um braço, tendo perdido o outro na última batalha travada pela independência da Ucrânia, e, com a única mão que lhe ficou, trazendo a terra punhado a punhado, ergueu esta montanha. Demorou anos e

anos. Começou ainda novo, e terminou quando a barba e os cabelos lhe ficaram brancos. Contudo, há quem diga também que um menino, chamado Taras, tinha pedido tanto, tanto, que envelheceu a erguer essa colina. O que se sabe ao certo é que, quando "O túmulo da menina" ficou tão alto como um campanário e (p.245) a cruz lá foi erguida, o cossaco sentou-se no sopé da colina e aí chorou até morrer. Ninguém antes tinha visto um leão a chorar. Foram as lágrimas que caíram dos seus olhos que fizeram com que nascessem flores tão lindas e tão perfumadas como nunca antes haviam florido em parte alguma do mundo. Aqueles que sabem a linguagem das flores asseguram que, nas noites de lua cheia, podemos ouvi-las a sussurrar: "Só Sabemos florir no túmulo daqueles que deram a vida pela pátria." As crianças vêm, todos os anos, de todos os cantos do país, meninas e rapazes, trazidos pelos pais, em peregrinação ao "Túmulo da menina". Cada um traz a sua grinalda. Trazem retratos dela, medalhas cunhadas em honra de Marússia.

Alguns choram ao contar o fim glorioso da criança heroica, mas não há ninguém, nenhum deles que não quisesse ser Marússia.

Infelizmente existe no mundo mais do que uma Ucrânia; queira Deus que em todos os países que a força submeteu ao domínio do estrangeiro, nasçam muitas Marússias capazes de viver e de morrer como a pequena Marússia cuja história acabamos de contar!

Ninguém tem o direito de explicar o triunfo do injusto e as tribulações do justo.

(p.246) N.-B. - Uma lenda nunca surge sozinha. Uma outra tradição popular completou, por um lado, e por outro modificou o aspeto mais importante, a lenda segundo Marko Vovtchok, que na maioria das vezes nos guiou.

Ao mesmo tempo que "O túmulo da menina" se erguia, não longe dali, no topo de uma rocha que ficava à sua frente, tinha sido construído, diziam os antigos, com uma surpreendente rapidez, um mosteiro cujas pequenas torres se elevam sobre a região. Era quase impossível, até para as pessoas com boa vista, poderem reparar no rosto pálido e nobre de uma religiosa que, de cotovelos apoiados no parapeito do terraço da mais alta das pequenas torres (p.247) deste mosteiro, não perdia de vista nem por um instante o trabalho persistente do cossaco que erguia, punhado a punhado, o túmulo da menina. Dizia-se que esta religiosa não era senão uma princesa bonita e heroica. Depois de ter participado na última guerra pela independência da Ucrânia, a mulher nobre tinha-se retirado para este asilo e tinha jurado nunca mais sair dali. Mas é aqui que a lenda se complica: ela não se teria retirado para lá sozinha; e muitas vezes, ao lado dela, podia-se ver uma jovem de uma beleza impressionante, que tinha entrado para o convento ao mesmo tempo que ela, com a mesma promessa de clausura perpétua.

Aqueles que não querem que aquilo que amam tenha podido morrer, pretendiam que esta jovem não era senão Marússia. A própria Mefódievna, após ter recebido o lenço perfurado, teria vindo tirar piedosamente a criança que ela amava do meio dos juncos, do lugar onde a bala do cavaleiro tártaro a tinha atingido, para a não deixar sem sepultura. A criança dedicada quase teria morrido, mas de facto não estaria ainda morta. Trazida de volta à vida, e depois curada pela sua grande amiga, tê-la-ia seguido, no seu isolamento, para não ver a escravização da Ucrânia.

Enfim, porque não se deve esquecer nada nem ninguém, entre "O túmulo da menina" e a rocha na qual tinha sido construído o mosteiro, uma casa ucraniana, (p.248) em tudo semelhante àquela onde Marússia tinha

nascido, tinha acabado de aparecer num belo dia, rodeada de um jardim tão parecido com aquele das cerejeiras que poderiam confundir-se; e os habitantes desta casa tinham sido os próprios pais de Marússia. Morta a Ucrânia, todos os que se haviam dedicado à pátria nada mais tinham a dizer-se; mas, depois de "O túmulo da menina" ter sido erguido, a casa e o mosteiro, eles encontraram forma de permanecer unidos pela ligação visual, mesmo vivendo separados. É o leitor quem deve escolher a conclusão de que mais gostar. Recebi cartas de crianças, ainda húmidas de lágrimas, onde me tinham censurado o fim de Marússia. É muito injusto. Mas escrevendo a sua história, não tentei eu próprio, ao contrário, reanimá-la, tanto quanto me foi possível, para ensinamento de todos?

III. Comentários de problemas tradutivos em *Maroussia*

Il n'y a qu'un moyen de rendre fidèlement un auteur d'une langue étrangère dans la nôtre : c'est d'avoir l'âme bien pénétrée des impressions qu'on en a reçues, et de n'être satisfait de sa traduction que quand elle réveillera les mêmes impressions dans l'âme du lecteur. (Diderot)

III.1. Do pensamento tradutológico à prática da tradução

Ao realizar este ensaio de tradução de alguns passos da obra *Maroussia*, tivemos como primeiro objetivo criar uma tradução que pudesse manifestar um “equilíbrio” entre duas teorias que nortearam a nossa reflexão à medida que íamos traduzindo: uma é a posição “não-etnocêntrica” ou “estrangeirizante” que, tal como afirma Friedrich Schleiermacher, “leva o leitor ao encontro do escritor” (Schleiermacher, 1992 : 50); a outra, a “etnocêntrica” ou “domesticadora” que leva o escritor até ao leitor. Assim, por um lado, a nossa tradução foi orientada para a valorização do universo cultural estrangeiro e do aspeto exótico do texto de partida, tentando sempre reproduzir com a tradução o efeito de equivalência no texto de chegada. Esta posição “estrangeirizante” é, por exemplo, defendida por Monteiro Lobato, apesar de criticar a dita “tradução literal”:

Se a tradução é literal, o sentido chega a desaparecer; a obra torna-se ininteligível e asnática, sem pé nem cabeça. A tradução tem de ser um transplante. O tradutor necessita compreender a fundo a obra e o autor, e reescrevê-la em português como quem ouve uma história e depois a conta com palavras suas. Ora, isto exige que o tradutor seja também escritor – e escritor decente. (Lobato, *apud* Pallotta, 2008: sn)

Segundo este autor, o trabalho de tradução não é uma tarefa das mais fáceis, e exige do tradutor muito saber, muita habilidade e também criatividade. Neste sentido, não há qualquer dúvida de que o trabalho de Hetzel, na versão de *Maroussia* em Francês, é também fruto da sua criatividade, e que tem o seu próprio mérito, pois não podemos negar que ele contribuiu muito para que a obra ganhasse uma ossatura própria, e até mais coerência¹⁹. Todavia, Hetzel, ao seguir os seus objetivos com a sua tradução-adaptação, acabou por omitir certas referências da cultura do texto de partida elevando deste modo o espírito de heroísmo, do amor pela pátria – referindo implicitamente a França no lugar da Ucrânia como foi referido acima –, adornando o texto com diálogos eloquentes sobre o valor da liberdade.

O seu posicionamento tradutivo é defensável; no entanto, ao longo de todo o trabalho de tradução, decidimos recorrer também à consulta da “fonte primeira”, que é o original de *Maroussia* de Vovtchok em Ucrâniano, no qual se encontra, em nosso entender, toda a riqueza da cultura que tanto gostaríamos de “transferir” para Português no nosso ensaio de tradução. Tomamos, por conseguinte, o nosso trabalho como atividade de “transferência cultural”. A este propósito, refira-se Michel Espagne que, no seu livro *Les Transferts culturels franco-allemands*, precisa:

Un transfert culturel est une sorte de traduction puisqu’il correspond au passage d’un code à un nouveau code. Or si les habitudes sociales au sens le plus large du terme constituent bien des codes culturels, la langue reste le code paradigmatique. L’histoire des traductions, aussi bien au sens propre qu’au sens figuré, est donc un élément important des enquêtes sur les passages entre cultures. (Espagne *apud* Schreiber, 2007: 185)

Temos consciência de que estamos perante uma transferência cultural que envolve uma série de cuidados a ter por parte do tradutor. Com efeito, ao decidir fazer

¹⁹ « Qui est donc l’auteur de *Maroussia*? Il est indéniable que le texte de Marko Vovtchok que vous allez découvrir est souvent nébuleux, avec des longueurs inutiles, avec des allusions historiques inaccessibles à un lecteur non averti. L’intervention d’Hetzel lui a offert une ossature et davantage de cohérence. Une belle langue française aussi. Mais n’oublions pas que ce texte-auto-traduction de Marko Vovtchok qui n’est pas véritablement une traduction, n’est qu’un premier jet, destiné à être retravaillé. La relative inconsistance du premier texte n’est-elle pas normale comme le sont la logique et la perfection du texte final? » (Dmytrychyn, 2008: 47)

uma “transferência cultural” relativa ao conteúdo de *Maroussia*, não pretendemos apontar para os erros eventualmente cometidos pelo tradutor Hetzel, mas antes, em grande medida, enriquecer a tradução (aproveitando os nossos conhecimentos de língua e cultura ucranianas) através de linguagem própria, recuperando os verdadeiros nomes e tornando explícitas e identificáveis as referências culturais, elementos muitas vezes perdidos durante o processo da sua “adaptação” para francês. Queremos, deste modo, valorizar neste ensaio de tradução a cultura ucraniana que é a cultura de origem do texto. Além disso, consideramos essencial evitar que o leitor português seja recetor de uma informação, em certa medida, distorcida, como acontece por exemplo no caso da substituição de uma cidade ucraniana Trosny – referida na versão de Vovtchok –, por uma francesa, Fresney (esta cidade situa-se em França e não tem nada a ver com a Ucrânia!) (cf.: Hetzel, 1950 : 37). Temos plena consciência de que, agindo desta maneira, estamos talvez a quebrar o respeito pelo texto que tomámos como nosso texto de partida, mas apenas porque pretendemos valorizar mais o texto ucraniano que surgiu primeiro; é este o posicionamento que adotámos e que pretendemos seguir ao realizar este ensaio de tradução.

Ao longo deste trabalho de tradução, foi também de importância primordial ter em conta uma outra questão, a saber, o novo “hipotético” público-alvo que seria o leitor infanto-juvenil português, com idade compreendida entre os dez e os doze anos. Neste âmbito, já Eugène Nida e Charles Taber, em *The Theory and Practice of Translation* (1982 : 1) afirmavam preocupar-se com o facto de “for whom” é destinada a tradução; e de igual modo Riitta Oittinen²⁰ patenteia a sua preocupação com a mesma questão, afirmando com a maior clareza:

Translations are always influenced by what is translated by whom and for whom, and when, where and why. As the readers of the translation are different from those of the original, the situation of the translation differs from that of the original, too. (Oittinen, 1993: 55)

²⁰ Riitta Oittinen – docente na Universidade de Helsínquia, tradutora, teorizadora, ilustradora e membro da Academia Finlandesa de Ciências. O seu interesse profissional foca-se sobretudo na tradução do verbal e do visual em obras com ilustrações, bem como no conceito de *tradução como diálogo*. Disponível em: <http://www.unesco.uj.edu.pl/documents/2205554/33980917/OITTINEN,%20RIITTA.pdf> Consultado em: 17.07.2015

À luz deste pensamento, também nós procurámos tomar em consideração o facto de que o público português iria conhecer a obra através de um texto traduzido no (e para o) século XXI — e não no século XIX como no caso dos leitores do original ucraniano e da versão francesa —, e cujos conhecimentos muito diferem por certo, tratando-se de habitantes de diferentes espaços geográficos e, conseqüentemente, imersos em culturas substancialmente diferentes. Nesse sentido, revemo-nos e revemos a nossa maneira de proceder nas palavras de Katharina Reiss quando ela afirma que “[t]he psychological mechanisms of the use of persuasive language should be adapted to the needs of the new language community” (Reiss, *apud* Venuti, 2008: 168). Ora, é seguindo precisamente este pensamento de Katharina Reiss que, no nosso ensaio de tradução, quisemos reproduzir uma escrita que fosse acessível, compreensível e cativante também para os novos leitores, para que eles pudessem perceber e apreciar como era a vida, o dia-a-dia, e quais eram os valores morais de uma cultura e de uma época tão diferentes da época presente e da cultura europeia contemporânea.

Além disso, pretendemos também, através da tradução, contribuir para o enriquecimento de conhecimentos tanto culturais como linguísticos dos jovens leitores, promovendo, através da inserção de elementos estrangeiros, o desenvolvimento das capacidades cognitivas do jovem público-leitor provocando-o com informações novas, pondo à prova a sua habilidade perceptiva, tal como é desejável que aconteça com a literatura infanto-juvenil. Pensamos efetivamente que em muito ela poderá ajudar na formação integral da criança-adolescente, nomeadamente na aceitação do diferente e do estrangeiro. Falando em termos de “teoria da tradução”, note-se que este aspeto também não foi esquecido pelos teorizadores: A. Berman, por exemplo, não se coíbe de afirmar claramente que

[a]mender une œuvre de ses étrangetés pour faciliter sa lecture n’aboutit qu’à la défigurer et, donc, à tromper le lecteur que l’on prétend servir. Il faut bien plutôt, comme dans le cas de la science, une *éducation à l’étrangeté*²¹ (Berman, *apud* Reis, 1985 : 32).

²¹ Itálicos do autor.

A nossa opção em deixar ao máximo no texto traduzido as “marcas” estrangeiras bem visíveis, escuda-se também muito no pensamento de C. Nord que as considera muito úteis, concretamente na cativação do interesse do leitor do texto de chegada:

[...] both the source and the target text form part of a system of intertextual relationships. This means that the effect of the target text can be predicted comparing it to the (possible, normal, usual) effects of existing texts from the target culture. If the text conforms to conventional patterns of a particular class of texts, the text form will not attract the readers' attention, which allows for an easier processing of the information contained in the text. On the other hand, if a text shows strange, unconventional form patterns, the audience may wonder why the author chose these original forms and whether they are meant to convey an extra amount of information (Nord, 2006, *apud* Reis, 2012: 41).

Por fim, gostaríamos de salientar que as nossas escolhas em termos tradutológicos, que por conseguinte se refletirão nas nossas opções tradutivas – que neste capítulo tentaremos exemplificar e fundamentar –, não pretendem apontar para os “defeitos” do original francês, mas tão só pôr em relevo e mostrar até que ponto uma tradução exige um profundo conhecimento da língua/cultura de partida e quanto este trabalho é um trabalho de transferência cultural. Se, na prática tradutiva em geral, o tradutor opta por traduzir para a sua língua materna, por razões óbvias de clareza e correção do texto final, a nossa posição e privilégio de ter como língua materna a língua do “verdadeiro original”, permite-nos pelo menos evitar confusões, distorções, supressões ou substituições incoerentes na tradução; neste caso concreto, caberia à intervenção de um revisor linguístico, de língua materna portuguesa, evitar as minhas eventuais incorreções linguísticas.

Antes de passar à apresentação da problematização das questões e dos problemas de tradução, importa dizer que, sempre que possível, recorreremos à terminologia utilizada por Vinay e Darbelnet para os identificar e nomear.

III.2. A tradução dos nomes próprios

III.2.1. Os antropónimos

Em obras literárias, o papel que desempenham os nomes próprios é bastante significativo, visto que através dos nomes o autor pode passar várias mensagens implícitas acerca da identidade da personagem designada por um dado nome, mas também revelar características individuais, feitios, etc. Por isso, não é de importância menor saber a maneira mais adequada de trazê-los para o texto traduzido²².

No caso da obra *Maroussia*, vimo-nos confrontados com o problema de como traduzir os nomes dos personagens, que na maior parte são compostos por duas palavras – o nome próprio e o apelido. Visto que ainda não existe nenhuma norma estabelecida relativa à tradução dos antropónimos, as opiniões dos tradutores dividem-se, e cada um traduz, se traduz, como acha mais correto.

Para Franco Aixelá, existem no mínimo quatro maneiras de transferir nomes próprios de uma língua para outra: 1) copiar, isto é, reproduzir no TC exatamente como estavam no TP; 2) transcrever, isto é, transliterar ou adaptar no nível de pronúncia, da fonologia, etc.; 3) substituir (no caso de um nome formalmente não relacionado) no TC por um nome qualquer dado no TP; 4) traduzir, se no TP o nome fizer sentido ao nível lexical. (cf.: Aixelá, *apud* Aguilera, 2000: 76) O mesmo autor ainda afirma que “é possível também a combinação desses quatro métodos de transferência: um nome próprio pode, por exemplo, ser copiado ou transcrito, e para além disso traduzido numa nota de tradutor” (*Ibidem*).

Neste ensaio de tradução, por se tratar de duas línguas tão diferentes, mas pretendendo preservar ao máximo “a presença do estrangeiro”, decidimos recorrer essencialmente à estratégia que combina em si dois meios de tradução, que são a transliteração e a transcrição fonética do nome que obedece às regras da escrita da língua portuguesa e ao mesmo tempo reproduz a pronúncia ucraniana. Considero que assim iremos conseguir manter o tal aspeto exótico da cultura ucraniana do qual tínhamos falado no início. Por essa razão, não traduzimos os nomes próprios mesmo

²² « Un désignateur culturel presque incontournable est le nom propre – anthroponyme ou toponyme – qui est gardé souvent tel quel, donc non traduit, par le procédé de «report», une sorte de citation qui relève de l’option, de la décision du traducteur » (Constantinescu, *apud* Douglas, 2013 : 174).

Acerca da tradução dos nomes próprios, veja-se também Ballard (1998). “La traduction du nom propre comme négociation”.

que em português tenham equivalentes. Tomem-se como exemplos Danilo, Semene, Andry, cujos equivalentes são Daniel, Simão, André. A propósito da tradução do nome da protagonista Maroussia, optamos pelo mesmo procedimento.

Não podemos deixar de referir que estamos a lidar com um hipotético público-alvo já mais maduro do que aquele que teríamos se a obra pertencesse ao género da literatura infantil; aí, sem dúvida, teríamos eventualmente que recorrer à tradução dos nomes para não dificultar a leitura. Mas, no nosso caso, na idade referida, os jovens leitores estão já mais do que preparados para encontrar elementos da língua e cultura estrangeiras no texto, o que, certamente, contribuirá para o desenvolvimento das suas perspetivas e das suas competências linguísticas²³, até com uma eventual familiarização mais rápida na aprendizagem de uma língua estrangeira.

É de salientar ainda a especificidade do nome de uma personagem feminina como *Méphodievna*, cujo aspeto, ao ser comparado com os outros, pode parecer bastante esquisito para o leitor português. Na cultura ucraniana, os nomes são compostos por um nome próprio e um patronímico, nome da família (apelido); assim, Méphodievna é o patronímico de uma senhora velhinha que significaria “filha de” *Mefódiy* (nome próprio masculino na Ucrânia). É curioso que a autora acaba até por não mencionar o nome próprio desta personagem, e vimos que ao longo de todo o romance ela é tratada apenas pelo patronímico, o que significa nesta cultura uma forma de tratamento de muito respeito.

Ao verificar a escrita dos nomes próprios das personagens na auto-tradução de Vovtchok, reparamos que a autora resolveu não os traduzir de todo, apenas recorreu à transliteração dos mesmos e à transcrição fonética que obedece às regras da escrita do francês. É de notar ainda que o tradutor Hetzel, na sua tradução de *Maroussia*, não fez alteração nenhuma a essa opção tradutiva de Vovtchok, à exceção de um nome masculino Ivan, que ele, por razões que desconhecemos, substituiu por Pierre. Resta-nos deduzir que o tradutor terá recorrido a esta opção para substituir o nome popular

²³ Ao referir que os leitores estão mais do que preparados para o encontro com elementos estrangeiros no texto, estamos a partir do pressuposto de que crianças nesta idade habitualmente já têm uma ou mais, dependendo do seu plano escolar, línguas estrangeiras na escola, e assim já não devem sentir-se muito constrangidos com esse facto; tivemos em conta também o facto de os leitores, hoje em dia, com a popularização da Internet, estarem já completamente imersos numa cultura global, para além da presença real de pessoas oriundas da Europa de Leste, nomeadamente da Ucrânia e da Rússia.

ucraniano por um que fosse de igual forma popular em França. Mesmo assim, não deixa de ser estranha essa opção visto que os outros não foram traduzidos. Pensamos que, se optássemos por manter o nome francês Pierre, no meio de um texto em que prevalece a predominância dos nomes ucranianos, o leitor pensaria que desta maneira estamos a passar alguma mensagem implícita e vai questionar isso. Assim, decidimos repor o nome Ivan à personagem, contribuindo deste modo para a coerência global do texto.

Sintetizando, as nossas opções relativas à tradução dos nomes próprios das personagens são seguintes:

Texto de Partida	Texto de Chegada
Maroussia	Marússia
Danilo Tchabane	Danilo Tchabane
Odarka	Odarka
Semène Vorochilo	Semene Vorochilo
Andry Krouk	Andry Kruk
Knich	Kniche
Méphodievna	Mefódievna ²⁴
Pierre	Ivane
Tarass	Tarass
Guérasime	Guerásimo
Stéphane	Estéfano
Bogdan Khmelnytsky	Bogdan Khmelnytsky
Vassil Grime	Vassíl Grime
Hanna	Hanna

²⁴ Contrariando embora as leis da pronúncia portuguesa (que não admite palavras com acentuação para além da terceira sílaba a contar do fim), das quais tenho plena consciência, decidi manter a pronúncia original ucraniana do nome, preservando deste modo o aspeto exótico da língua.

VI.2.2. Os topónimos

Quanto aos topónimos, também é consensual que na maior parte dos casos estes não se traduzem, apenas se recorre à transliteração e à transcrição fonética. Na tradução dos topónimos de *Maroussia*, havia a possibilidade de traduzi-los, caso fosse importante para o leitor perceber o significado desses nomes, visto que alguns deles até são facilmente traduzíveis (ex.: Krinitzia - “poço”, Vélika – “grande”); essa “explicitação” de sentido poderá, sempre que necessário, acrescentar-se ao nome original, em forma de aposto, sem eliminarmos essa riqueza de cultura e de “cor local”²⁵. Por conseguinte, resolvemos transferi-los para o texto de chegada tal como estão no texto de partida para que fosse mantida a coerência na tradução dos nomes próprios estrangeiros e respeitado o princípio adotado que visa respeitar o que é genuinamente estrangeiro.

Ao comparar a auto-tradução de Vovtchok com a tradução de Hetzel, reparamos que a cidade Fresney (p.37) mencionada por Hetzel não corresponde à cidade que encontramos no texto da autora ucraniana, que é Trosny. Considero que esta “gralha” (talvez voluntária) do tradutor, ao utilizar o nome de uma cidade que não existe na Ucrânia, pode induzir em erro um leitor atento, ou pelo menos levá-lo a questionar-se onde é que afinal se passa a ação da história. Com efeito, sabemos que esse nome não existe em ucraniano e que se trata antes de uma cidade da Normandia.

Resumidamente, seriam estes os topónimos transliterados ou simplesmente repostos a partir do original ucraniano:

Texto de Partida	Texto de Chegada
Terny	Terny
Tchiguirine	Tchiguirine
Krinitzia	Krinitzia
Fresney	Trosny

²⁵ Como bem observa Virginie Douglas, através dos topónimos é possível transmitir algo da “cor cultural”. (cf.: Douglas, 2013: 176)

III.3. Os diminutivos

O emprego de grau diminutivo ou aumentativo ajuda a obter o efeito desejado ao nível dos sentimentos que queremos criar no leitor; habitualmente, em contexto literário, através de uma determinada designação de personagens, além do nome que lhes dá, o autor patenteia a sua atitude em relação a cada uma delas e decerto pretende que o leitor também a acolha da mesma maneira, seja ela boa ou má.

Antes de procurar solução para traduzir substantivos em grau diminutivo que inundam esta obra, seria essencial olharmos para a história de língua francesa e ver um pequeno fenómeno curioso relativo a esta questão. De acordo com Paul Teyssier,

o francês possuía até o século XVI, sufixos diminutivos e aumentativos, mas a partir dessa altura desapareceram os diminutivos e os poucos aumentativos, sobrevivendo apenas os derivados femininos em *-ette* (maisonnette, amourette, cuisinette, etc.)²⁶

Na verdade, ao longo de todo o texto reparamos que a protagonista Marússia é designada não só pelo nome mas muitas vezes por “la petite fille”, “la fillette” ou até “la petite gazelle”. Que conotações irão suscitar no leitor estas denominações carinhosas? Certamente só avaliações positivas, criando um ambiente de carinho e afeto do leitor em relação a ela. Assim, o uso destes diminutivos na designação da personagem Marússia mostra claramente que se pretende dar da personagem em questão uma imagem adorável e atribuir-lhe as melhores características que uma menina pode ter. Desta forma, ao falar dela como “la petite fille” ou “fillette”, o narrador revela a simpatia, a bondade, a sinceridade, e também uma certa fragilidade nesta personagem; chamando-lhe “la petite gazelle”, confere-lhe fragilidade, mas também uma postura elegante e leve. O problema é pois como traduzir estas denominações por forma a transmitir essa mesma carga semântica tão complexa!

²⁶ Consultado a 10 de Junho de 2015, na página:
<http://www.teiaportuguesa.com/manual/unidade14dinheiro/jgaumentativosdiminutivos.htm>

Texto de Partida	Texto de Chegada
La petite fille	A menina
La fillette	A garotinha
La petite gazelle	A pequena gazela

A tradução de “la fillette” por “garotinha” não constituiu grande problema; contudo é de salientar que “la petite fille” exigiu um certo cuidado pelo facto de não poder ter sido traduzido por “rapariga”, visto que podia ser objeto de má interpretação, por exemplo, no português do Brasil, onde a palavra tem um significado pejorativo²⁷. O mesmo cuidado deve-se ter na tradução de “le petit garçon” – é assim que o autor designa os irmãos mais novos de Marússia.

III.4. Os referentes culturais

Ao traduzir *Maroussia*, fomos confrontados com um outro problema que tem que ver com a tradução de “designadores de referentes culturais” (DRC)²⁸ (Ballard, 2004: 17). Nas elocuições

- “mais jusque-là, fussiez plus avisé que le grand Salomon lui-même, vous n’y pourriez rien comprendre.” (p.11);
- “Que ta réponse soit claire, Judas !” (p.35);
- “de quoi rassurer plus incrédule que saint Thomas lui-même” (p.28),

temos claramente a presença de designadores de referentes culturais que constituem um problema de tradução pelo facto de pertencerem ao contexto da linguagem bíblica, e que por certo o público do texto de chegada nos dias de hoje eventualmente não conhecerá. Contudo, reconhecemos que é essencial para a compreensão da intenção da autora, este paralelismo com Salomão, com são Tomé e com Judas Iscariotes, todos eles

²⁷ Em Portugal “rapariga” significa “moça”; mas no Brasil, segundo o dicionário *inFormal*, é uma mulher sem ética, vagabunda ou até prostituta. Contudo, no Sul do Brasil significa apenas o feminino de rapaz. (Disponível em <http://www.dicionarioinformal.com.br/rapariga/> Consultado em 25.06.2015)

²⁸ Adotamos aqui a terminologia de Michel Ballard, apresentada por ele no artigo “Stratégies de traduction des désignateurs de référents culturels”.

personagens das histórias bíblicas que, no contexto da religião cristã, são portadoras de um certo sentido muito profundo, e que é usado no texto como uma forma de comparação repleta de sentido.

A manutenção tal qual deste tipo de referente cultural no texto traduzido pode constituir um problema de compreensão no público de chegada; e mesmo que a mensagem esteja ali no próprio texto, o papel do tradutor, neste caso e tendo em conta o público a que se destina, é ajudar a descodificar esta mensagem. Refira-se, a este propósito, que Katharina Reiss, falando de *translation according to the sense and meaning*, afirma sem hesitação:

To this end it may be necessary that what is conveyed implicitly in the SL text should be explicated in the TL and vice versa. This necessity arises, on the one hand, from structural differences in the two languages involved, and, on the other hand, from differences in the collective pragmatics of the two language communities involved. (Reiss, *apud* Venuti, 2000:167)

Seguimos o pensamento de Reiss; por isso, para pô-lo em prática na tradução, recorreremos a um procedimento chamado explicitação que segundo Michael Schreiber “transforma uma informação implícita do texto de partida numa informação explícita no texto de chegada” (2007: 191-192). O autor acrescenta ainda que a função deste procedimento consiste em compensar diferenças entre conhecimento pressuposto dos leitores na cultura de chegada e na cultura de partida. De qualquer modo, um pequeno acrescento no meio do texto é sempre visto como menos “pesado” e menos inibidor da leitura do que a redação de uma longa nota explicativa do tradutor em rodapé.

Portanto, no caso da primeira frase, os leitores podem não ter conhecimento sobre quem foi Salomão, o rei de Jerusalém que “ficou famoso por uma série de motivos – pela sua grande sabedoria, pela construção de um magnífico templo, pela autoria de muitos provérbios e até do *Cântico dos Cânticos*, e ainda as múltiplas riquezas que possuía”²⁹. Por isso, vamos fornecer-lhes, tanto quanto possível, esta

²⁹ Citação sobre os motivos pelos quais o rei Salomão ficou famoso (Disponível em: http://estudo_biblico.blogs.sapo.pt/livro-de-elesiastes-contextualizacao-22745 Consultado em: 23.07.2015)

informação adicional através do acrescento do nome comum “rei” e do epíteto “sábio” antes do antropónimo:

Texto de Partida	Texto de Chegada
“mais jusque-là, fussiez plus avisé que le grand Salomon lui-même , vous n’y pourriez rien comprendre” (p.11)	“até lá, ainda que fossem mais sensatos do que o próprio rei-sábio Salomão , não poderiam entender nada daquilo”

Recorremos ao mesmo procedimento de explicitação e acrescento no caso da tradução da segunda frase, revelando a característica do famoso Judas, um dos doze apóstolos de Jesus Cristo. A partir do dia em que Judas traiu Jesus, o seu nome na tradição cristã começou a ser sinónimo de “traidor”. É portanto clara a razão pela qual a autora ucraniana da obra, nas palavras da sua personagem, menciona o nome “Judas”; é para trazer intencionalmente a conotação certa e deixar o leitor com a ideia de que aquele a quem chamaram este nome fosse visto como traidor. Portanto, para transmitir esta ideia da autora, que não seria explícita para todos os leitores, resolvemos acrescentar o epíteto “traidor” a seguir ao antropónimo:

Texto de Partida	Texto de Chegada
“Que ta réponse soit claire, Judas ! ” (p.35)	“Que a tua resposta seja clara, Judas traidor! ”

No caso da tradução da terceira frase foi aplicado o procedimento de explicitação para evidenciar ao leitor a identidade de são Tomé, um dos apóstolos de Jesus Cristo que se tornou famoso, segundo nos relata a história bíblica, por assiduamente desistir de acreditar na ressurreição de Cristo, pois estava ausente por altura da sua primeira aparição depois de ser crucificado. A atitude de Tomé é de que é preciso “ver para crer”, quando na verdade, segundo a fé cristã, “para acreditar na ressurreição de Cristo não era preciso, em sentido próprio, que ninguém visse nada”³⁰, pois bastaria acreditar na sua palavra sagrada já que Ele afirmou que assim iria

³⁰ Tomé, o cientista <http://observador.pt/opiniaio/tome-o-cientista/> Consultado em 20.07.2015

acontecer. Consideramos por conseguinte que, para tornar explícita a ideia acerca da característica de são Tomé, as palavras da autora no próprio texto não chegam. Por isso decidimos explicitar o sentido do texto, para não deixar o leitor na dúvida em relação ao significado daquela observação.

Pelo modo como a frase surge, e pelo contexto em que se insere no original, ela contém de forma implícita toda a profundidade da resposta de Marússia. Com efeito, “Sim, pai” foi pronunciada de forma tão confiante e tranquilizadora que teria poder de deixar tranquilo e plenamente confiante, não só o pai dela, mas até o próprio são Tomé. Assim, para inculcar na frase em português essa mesma profundidade de “confiança e tranquilidade”, precisámos de pôr em relevo esta informação através do esclarecimento da “identidade” deste Tomé.

Texto de Partida	Texto de Chegada
<p>“Maroussia n’eut point à faire de promesse, mais il y avait ces deux paroles: “Oui, père”, prononcées par cette enfant ainsi qu’elle fit, de quoi rassurer plus incrédule que saint Thomas lui-même” (p.28)</p>	<p>“Marússia não precisou de fazer nenhuma promessa, mas havia nestas duas palavras: “Sim, pai”, pronunciadas por esta criança, da forma que o fez, motivo para tranquilizar o próprio são Tomé, o mais incrédulo dos incrédulos.”</p>

Ao longo do trabalho de tradução de *Maroussia* surgiu mais um elemento que na nossa opinião teria de ser esclarecido aos jovens leitores portugueses, que é o uso de metáfora na frase “Pour le moment, **le corbeau lui-même** n’y arriverait pas” (p.22). A tradução possível da frase seria “Por agora, nem o corvo lá chegaria”. Mas é claro que o narrador, ao falar aqui do corvo, pressupõe o conhecimento de certas qualidades que, naquele contexto e naquela cultura, eram atribuídas a esta ave. Resta saber quais eram! Para isso, fizemos uma pesquisa sobre a questão do simbolismo do corvo nesta cultura e descobrimos que, desde os tempos muito antigos, o corvo ocupava um lugar especial entre todos os outros pássaros; assim, o ser humano atribuía-lhe várias características e até considerava que possuía grandes capacidades, entre as quais um grande poder de

previsão do perigo; na cultura eslava, ele representava ainda o símbolo de sabedoria. Por conseguinte, deduzimos que, no contexto da frase em questão, se trata essencialmente da capacidade do corvo “sábio e previdente”, poder passar por um sítio sem ser notado pelos inimigos, usando da sua agilidade, da sua esperteza e astúcia. Assim, para evidenciar estas características do corvo, e tentando sempre adaptar a linguagem ao nosso público-alvo, resolvemos recorrer mais uma vez ao método de explicitação acrescentando o epíteto “espertalhão” a seguir ao substantivo:

Texto de Partida	Texto de Chegada
“Pour le moment, le corbeau lui-même n’y arriverait pas” (p.22)	“Por enquanto, nem o corvo espertalhão seria capaz de lá chegar.”

Quanto aos vocábulos “ataman”, “Zaporogue”, “Tchetchevik”³¹, eles mereceram-nos uma atenção especial, pois julgamos que claramente representam traços exóticos da cultura ucraniana que tanto desejaríamos preservar no nosso ensaio de tradução. O vocábulo “ataman”, segundo o dicionário Priberam, significou primeiro “comandante-chefe dos cossacos, e depois chefe do governo civil na Ucrânia (séculos XV-XVIII)”³². Para deixar clara a importância desta personagem – mas sem precisar de dar, eventualmente em nota de rodapé, uma definição desse título na hierarquia do poder na Ucrânia –, decidimos transferir o termo para o texto de chegada, acrescentando apenas mais um vocábulo que visa esclarecer o seu significado para o leitor europeu, e criámos a expressão “ataman-comandante”. No caso dos vocábulos “Zaporogue” e “Tchetchevik”, a situação aparenta um certo aspeto problemático para a tarefa de tradução, que deriva do facto de o segundo ter sido provavelmente mal interpretado inicialmente pelo adaptador Hetzel. De facto, no texto da autora ucraniana, os mesmos nomes aparecem na qualidade de nomes comuns, mesmo sendo o primeiro escrito com letra maiúscula – “Zaporogets” e “sétchevik” que na obra denominam a mesma personagem. Zaporogets é o nome para designar um cossaco que vive numa região ucraniana chamada *Zaporizhia*. Por essa razão, decidimos “transportá-lo” para o texto

³¹ Na verdade “Zaporogue” e “Tchetchevik” não são nomes das personagens mas uns simples nomes comuns que por alguma razão foram transformados por Hetzel em antónimo; a problemática desta questão será abordada mais adiante.

³² Informação disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/h%C3%A9tman> Consultado em: 08.05.2015

de chegada na sua variante transliterada para o português, acrescentando apenas o vocábulo “revoltoso”, que explicita mais a sua característica ou, se quisermos, a “cor emocional” que lhe está atribuída no próprio ato de locução e não propriamente presente no significado do termo; e obtemos “zaporogo-revoltoso”. O vocábulo “setchevík” significa um cossaco que vive na *Setch*, isto é, a tal ilha onde residem os cossacos zaporogos. Como vimos, o nome “Tchetchevik”, que encontramos no texto de Hetzel, começa por “Tch-” enquanto no texto original de Vovtchok começa por “s”. É importante referir ainda que “Tchetchevik”, na língua ucraniana, não tem significado nenhum, enquanto “setchevík” significa “habitante da ilha de Setch”; por isso, consideramos absolutamente lógico recuperar na nossa tradução o termo original e acrescentar à frente a palavra “cossaco” explicitando assim o sentido do mesmo através da expressão “cossaco-setchevík”. Considero que, ao optar por este procedimento tradutivo, conseguimos ao mesmo tempo manter o tal aspeto “colorido” da língua de partida e proporcionar a compreensão ao jovem leitor europeu.

III.5. A equivalência

Traduzir expressões familiares no âmbito literário constitui um dos maiores desafios para o tradutor; e mesmo que a estratégia da sua tradução não apresentasse problemas evidentes, teria sempre de ser encontrada uma equivalência, o que nem sempre é fácil. O problema muitas vezes reside na falta de compreensão da expressão ou na impossibilidade de encontrar o seu equivalente na língua/cultura de destino.

Na frase “Si dans une seconde ta porte n’est pas toute grande ouverte, cria-t-il, **je t’abats comme une corneille**” (p.31), temos uma expressão que se usa para dizer que se abate alguém sem hesitação nem remorsos de espécie alguma, isto é, como se de um simples pássaro se tratasse. No entanto, o facto de se tratar de um corvo mostra logo que estamos a lidar com uma realidade cultural diferente da portuguesa: em Portugal é muito conhecida e praticada a caça aos tordos e não aos corvos; e também se usa a expressão “abater alguém como um tordo”. Assim, para traduzir a expressão temos basicamente de substituir uma ave por outra e ajustar a sintaxe da frase de maneira a obter uma equivalente, mesmo sabendo que se perde inevitavelmente o dado cultural

próprio da Ucrânia daquela altura que era a natural caça aos corvos e que em Portugal até causaria, como sabemos, alguma relutância!

Tome-se como segundo exemplo a seguinte frase: “La maîtresse de la maison, **blanche comme un linge**, apparut.” (p.28) Nesta frase surge inserida uma expressão muito familiar em França “blanche comme un linge” que significa “muito pálida”. Para traduzi-la recorreremos a um procedimento que é, por um lado, menos complexo, visto que não exige grande criatividade, mas por outro pode levar mais tempo até que se encontre uma solução satisfatória ou pelo menos adequada. Consideramos que uma maneira de traduzir a expressão em questão é aplicar ainda o procedimento de equivalência que Vinay e Darbelnet (1977 : 52) explicitam da seguinte maneira: “Il est possible que deux textes rendent compte d’une même situation en mettant en oeuvre des moyens stylistiques et structuraux entièrement différents”.

Sobre este mesmo procedimento refletiu também Katharina Reiss e observou muito pertinentemente:

Since form and function of language signs do not show a relation of 1:1, the same SL sequence may be represented in the TL by any other language sequence depending in which text type and text variety they appear and which function they may have to fulfill there. (Reiss *apud* Venuti, 2000: 168)

Segundo o estudo de Vinay e Darbelnet, a equivalência é extremamente útil, sobretudo quando se traduzem idiomatismos e provérbios. Assim, no nosso caso, para traduzirmos a expressão em questão, precisávamos de encontrar uma frase equivalente em português, e que é “branca como o cal da parede”. É verdade que se perde o dado cultural do texto original (neste caso, o facto de se considerar como “brancura ideal e mais conhecida” a dos lençóis – “le linge”), mas substituímo-lo pelo seu equivalente na cultura portuguesa que é “a brancura da cal das paredes”.

Texto de Partida	Texto de Chegada
“La maîtresse de la maison, blanche comme un linge apparut” (p.28)	“Apareceu a dona da casa, branca como a cal da parede”

Mais dois exemplos que exigiram a pesquisa de equivalências estão nas frases

- “Ne pense pas à ma main, **mon cher cœur**” (p.235) ;

- “Regarde-le, c’est **un chêne**, lui aussi” (p.236).

Na primeira frase, estamos a lidar com uma metáfora que se usa para exprimir afeto, “mon cher **cœur**”. De facto, em português não se diz a alguém “meu querido coração”, mas encontramos, por exemplo, a expressão “meu anjo”, que suscita sentimentos de carinho e de afeto muito próximos, expressão usada nas mesmas circunstâncias e para um público também idêntico. O segundo exemplo já tem a ver com uma metáfora ligeiramente diferente; pensamos de facto que a tradução direta “Olha para ele, é um carvalho” seria simplesmente desadaptada. Com efeito, em português existe, por exemplo, a expressão “duro como o carvalho”, mas que não tem o mesmo sentido da expressão do texto original! Normalmente, os homens grandes e robustos são comparados, por exemplo, aos mastros dos navios; por isso, se queremos transmitir a mesma mensagem, teríamos que recorrer à metáfora marítima “mastro”, ou à comparação “como uma torre”, ou ainda à expressão metafórica “é uma torre”. Optámos pela expressão: “Olha para ele, é um mastro”.

Não pudemos deixar passar ainda um outro exemplo de expressão familiar presente na frase “se jeter du feu à la flamme” (p.25). Na verdade, no caso desta expressão, não foi tão rápido nem fácil como se esperava o processo da descoberta de uma solução satisfatória; à falta de melhor solução, podíamos sempre traduzir a expressão pela conhecida e muito usada em português “ir de mal a pior”. Mas reconhecemos que, ao escolher este equivalente, perdíamos muito, não só do carácter exótico da expressão, mas ainda do estado inicial “já muito perigoso” em que se encontrava a pessoa – “sur le feu” –, como do carácter catastrófico da situação em que ia cair – “se jeter à la flamme”. Assim, para manter mais ou menos a mesma significação, optámos por uma tradução quase literal, pois foi a única possibilidade que encontramos para reproduzir o desejado “efeito equivalente” para o público da tradução. Traduzimos a expressão por “saltar das brasas para fogueira em chamas”.

III.6. Alguns problemas da linguagem

III.6.1. Traduzir a agressão física

Aceitando à partida que, excluindo definitivamente a intenção político-ideológica nacionalista presente na versão de Hetzel, a nossa finalidade poderia coincidir com a dele – servir para a educação infanto-juvenil –, mas sabendo que o momento cultural geral e sobretudo a sensibilidade e os valores cultivados não são de todo coincidentes, a nossa tradução é obrigatoriamente diferente da de Hetzel. Há, por conseguinte, algumas diferenças que voluntariamente introduzimos : desde logo, ao nível estilístico e da linguagem em geral, para significativamente suavizar aquilo que consideramos ser uma autêntica “agressão verbal” e uma descrição imprópria da violência física gratuita presentes no texto. Não seria verdade se afirmássemos que tais conceitos como agressão e violência não existiam duzentos anos atrás; existiam, sem dúvida; mas a tolerância relativamente a essas questões, e sobretudo o entendimento dessa violência não é hoje, felizmente, o mesmo!

Pode dizer-se que, com o avanço das tecnologias e dos *mass media*, a sociedade foi gradualmente aceitando representar a crueldade deste mundo sobretudo através da televisão, filmes, Internet, jogos de vídeo e até literatura, infelizmente de forma não menos explícita nem menos cruel, e sempre mais guiados pelos resultados das bilheteiras e dos lucros das vendas do que pelos efeitos no público. Ora sabemos que “por meio da literatura, temos a possibilidade de resgatar o humano, a sensibilidade e as relações humanizadoras numa sociedade que caminha cada vez mais para a massificação e para a dessensibilização do ser humano”³³; e quando se trata da literatura infanto-juvenil, a situação torna-se ainda mais delicada, pois os pré-adolescentes são por um lado mais maduros do que as crianças, mas por outro ainda não se encontram na etapa de formação do seu carácter maduro, e continuam a ser facilmente influenciáveis,

³³Informação disponível em:
http://unipvirtual.com.br/material/UNIP/LICENCIATURA/SEGUNDO_SEMESTRE/grupo2_2/PDF/mo_d_18.pdf Consultado em: 08.04.2015

o que é extremamente importante para a possibilidade de cultivar neles, pela leitura, aqueles que virão a ser os verdadeiros valores desta geração jovem.³⁴

Não há dúvida de que *Maroussia* tem potencial para educar uma geração mais jovem, para despertar nela sentimentos altos, como o sentido de responsabilidade, da coragem, da dedicação, e até do amor pelo país em que se vive. Além disso, o facto de o livro ser na altura recomendado pelo Ministério de Educação francês para ser estudado nas escolas comprova, mais uma vez, que a obra merecia alguma atenção. Porém, existem no livro certas passagens com uma linguagem e comportamentos de personagens que representam imagens que podem ter um impacto não muito desejável no leitor que nesta idade se encontra muito sensível. Veja-se, por exemplo, a frase “L’officier à la figure rouge ne lui dit rien, mais **d’un coup de pied il l’envoya rouler**, muet enfin de terreur, sous le banc même sur lequel il venait de dormir” (p.32). A personagem cujo nome não sabemos humilha e agride fisicamente um menino, filho de Danilo Tchabane, dentro da sua própria casa, para além de muito ferozmente agredir também um dos amigos dele. Desta maneira, cria-se uma imagem muito má e cuja violência vai muito além do aceitável³⁵ neste género de literatura, e muito especialmente por ser uma narração que se apresenta como histórica. Não quereríamos – e assumimos no nosso ensaio de tradução esse lado “visível” do tradutor – que *Marússia* fosse apenas mais um meio através do qual seriam veiculados valores amorais. Sabemos quão frequentemente, na nossa sociedade,

[a] criança que vive num lar desestruturado e enfrenta sérios problemas sociais, exposta a livros cuja temática é a violência e a desmoralização dos valores humanos está mais sujeita às tensões do dia-a-dia, o que será agravado pelas tribulações que a vida lhe impõe.³⁶

³⁴ “Neste momento de transformações dos valores de base de nossa sociedade, quando a criança passou a ser nossa principal meta (a fim de que o futuro seja o que o presente não é...), a Literatura Infantil assume uma importância chave.” (Coelho, 1982) Disponível em: http://unipvirtual.com.br/material/UNIP/LICENCIATURA/SEGUNDO_SEMESTRE/grupo2_2/PDF/mod_18.pdf Consultado em: 14.07.2015

³⁵ Sabe-se que nos tempos mais antigos as marcas de violência e agressividade eram muito comuns; daí não serem vistas como algo invulgar; assim, ao ser comparado com os dias de hoje, esse fenómeno pode ser explicado pelo facto de as condições de vida terem sido mais difíceis ... mas não é uma razão para as reproduzirmos aqui, já que não queremos que a nossa tradução seja um documento fiel daquela época para historiadores da cultura, mas antes um texto de “literatura infanto-juvenil”; e isso muda tudo!

³⁶ Informação disponível em:

Assim, decidimos que a realidade da frase em questão não deve ser reproduzida e optámos por “suavizar” essas expressões de violência verbal, bem como as descrições mais grosseiras da violência física presentes no texto, recorrendo à nossa criatividade:

Texto de Partida	Texto de Chegada
<p>“L’officier à la figure rouge ne lui dit rien, mais d’un coup de pied il l’envoya rouler, muet enfin de terreur, sous le banc même sur lequel il venait de dormir” (p.32)</p>	<p>“O oficial de cara vermelha não lhe disse nada, mas simplesmente atirou contra a parede um banco que estava ao lado dele, e fê-lo com tanta força que o menino, mudo de terror, quase desmaiou.”</p>

Na frase original, o agressor atira rudemente um pontapé no menino que, em consequência da agressão, rola, mudo de terror, para baixo do banco no qual ele havia pouco dormia tranquilamente. Para tornar a ação menos violenta e menos cruel, decidimos simplesmente substituí-la por uma outra, anulando a agressão física à criança, e mantendo apenas, pelo gesto agressivo contra os objetos, o mau comportamento da personagem e o mesmo efeito de terror sobre a criança indefesa.

A alteração desta frase tornou necessário recorrer ao mesmo procedimento nas frases seguintes, visto que o agressor continuava a agredir fisicamente e com toda a rudeza, outras personagens:

Texto de Partida	Texto de Chegada
<p>“D’un second coup de pied il avait fait lever Krouk, qui paraissait comme ivre de sommeil, et ouvrait et refermait alternativement, dans un pénible effort,</p>	<p>“Ao fazer a mesma coisa com o outro banco acordou Kruk, que parecia estar embriagado de sono, e abria e fechava alternadamente, com um esforço penoso,</p>

des yeux ébahis.” (p.32)	os olhos esbugalhados.”
--------------------------	-------------------------

Texto de Partida	Texto de Chegada
“Vorochilo, réveillé par les mêmes procédés , avait l’air de ne savoir que penser en regardant ses agresseurs.” (p.32)	“Vorochilo, acordado pelo mesmo barulho , parecia não saber o que pensar olhando para os agressores.”

III.6.2. Traduzir a agressão verbal

Quanto à tradução das exclamações pejorativas e dos palavrões que estão presentes no texto, decidimos optar por traduções que pudessem ser minimamente aceitáveis e menos ofensivas, mas que ao mesmo não deixassem de incutir no texto o tom ríspido e severo. Note-se que, no caso das exclamações pejorativas em português, acrescenta-se normalmente o pronome de valor invetivo “seu/sua” para reforçar o efeito. Alguns exemplos:

Texto de Partida	Texto de Chegada
– Ouvriras-tu, sotté créature? (p.31)	– Vais abrir, sua criatura parva?
– Femelle maudite! (p.31)	– Sua mulher desgraçada!
– Triple sot! (p.37)	– Seu burro chapado!
Coquin, canaille, vaurien	– Seu Malandro, canalha, patife

Na frase que a seguir comentamos, a linguagem e o carácter do que é efetivamente dito revela uma crueldade extrema e uma completa falta de humanidade por parte do agressor que faz a ameaça; também este passo, na nossa opinião, deve ser suavizado. Nesse sentido, decidimos nem sequer reproduzir a parte em que a personagem ameaça, em tom muito grosseiro, queimar juntos a casa e todos os seus habitantes. Propomos a seguinte substituição de sentido muito suavizado:

Texto de Partida	Texto de Chegada
“Avoue-le tout de suite, ou j’incendie ta bicoque et te fais rôtir dedans, toi, ta femelle et tes petits. ”(p.36)	“Confessa imediatamente, se não vou incendiar o teu casebre. ”

Quanto à frase que surge no texto logo a seguir, onde a personagem ameaça a dona de casa com as piores palavras, optamos por fazer uma generalização, não especificando sequer o que o agressor ameaça fazer a Odarka, a mulher de Danilo, caso ela se recusasse a abrir-lhe a porta, e deixamos simplesmente explícito que as intenções deste agressor não eram as melhores. Ao suavizarmos assim a linguagem, pretendemos evitar o choque que as expressões de crueldade da personagem poderiam provocar no jovem leitor português de hoje.

III.7. O cuidado a ter com a linguagem de outra época

Temos observado ao longo do texto que as linguagens – já o referimos no nosso capítulo inicial – são em grande parte antiquadas e demasiado “melodramáticas”, em boa parte claramente desadequadas para o público de hoje; falamos de linguagens porque isto tanto se aplica à linguagem escrita como a tudo o que constitui o aparato paratextual que acompanha o texto. Quanto ao primeiro, esse melodramatismo nota-se claramente no que é dito, e como é dito, sobre gestos e comportamentos das personagens. Apenas um exemplo: sobre os gestos do cossaco-setchevík em relação à jovem Marússia, diz-se, por exemplo: “L’homme posa alors sa main sur la tête de l’enfant et **la laissa caressante sur ses cheveux**” (p.43). À primeira vista, a descrição não apresenta nada de estranho; mas acontece que, na imagem que ilustra este passo, a menina é já uma juvenzinha crescida, e o amigo não é assim tão velho! Para além disso,

estão sozinhos no meio da floresta, e a cena mais parece um encontro de namorados! Decidimos, por isso, não reproduzir a descrição original e proceder antes a uma **generalização** do sentido:

Texto de Partida	Texto de Chegada
<p>“L’homme posa alors sa main sur la tête de l’enfant et la laissa caressante sur ses cheveux : “Remets-toi, mon petit enfant.” (p.43)</p>	<p>“O homem pousou-lhe a mão na cabeça como se quisesse protegê-la e acrescentou: “Coragem, minha filha”.</p>

Ao optar por esta estratégia tradutiva, julgamos não estar a fazer mais do que aquilo que defende Nord ao reiterar a impossibilidade para um tradutor de seguir uma estratégia unipolar, de aceitabilidade ou de adequação, desde o início até ao fim, apoiando-se no princípio de *loyalty*:

The translator is committed bilaterally to the source text as well as to the target text situation and is responsible to both the ST sender (or the initiator if he is also the sender) and the TT recipient. This responsibility is what I call “loyalty”. “Loyalty” is a moral principle indispensable in the relationships between human beings, who are partners in a communication process, whereas “fidelity” is a rather technical relationship between two texts. (Nord *apud* Martins, 2009:38)

Como também já referimos, a situação do problema em análise, de facto, poderia não ser tão grave se não fosse também o aparato paratextual vir enfatizar ainda mais essa questão. Note-se como, na ilustração do livro que acompanha o texto, podemos observar a heroína Marússia com o seu amigo cossaco, ambos sentados na relva e a olharem um para o outro, pose que por certo se prestaria a mais do que uma interpretação!



Maroussia, p.223

O mais provável é que a intenção do pintor terá sido criar uma imagem retratando uma simples conversa entre amigos, em que a troca de olhares seria absolutamente inocente, refletindo talvez a simplicidade da vida e das relações humanas do seu país naquela altura. Talvez no século XIX pudesse ser aceita a publicação de uma imagem destas num livro de literatura infanto-juvenil, visto que não despoletaria qualquer questão ou interpretação ambígua relativamente ao problema das relações entre uma jovem menina e um homem adulto. Infelizmente, se um dia tivéssemos de equacionar a possibilidade real de publicar a tradução de *Maroussia* no século XXI, a nossa convicção é que seria efetivamente problemático reproduzir esta ilustração. Talvez fosse mesmo necessário pensar num outro paratexto, em outras ilustrações mais adequadas à sensibilidade, à cultura, em suma, à forma como são hoje entendidas as relações humanas entre uma jovem e um adulto naquelas circunstâncias.

III.8. O enriquecimento e a explicitação de sentido através do recurso à fonte “primeira”

O problema tradutivo que apresentamos aqui constitui para nós um caso que não poderia deixar de ser tratado, isto é, como traduzir o nome do túmulo em que, segundo a história narrada no livro, foi enterrada Marússia, erguido por um cossaco desconhecido em honra daquela heroína ucraniana. Na versão francesa de Hetzel, o túmulo é

simplesmente chamado “Kourgane” (p.244), mas o nome que lhe dera a autora ucraniana foi “Le tombeau de la petite fille”, que é muito mais significativo. A palavra “kourgane” por si própria basicamente significa “sépulture recouverte d’un tumulus”³⁷ e na nossa opinião não suscitaria qualquer emoção em quem lê. Já no caso da versão de Vovtchok, ele evoca de imediato o sentimento de piedade, tristeza e compaixão pelo fim tão trágico daquela menina. Consideramos que uma personagem heroica como esta merece, sem dúvida, ser honrada desta maneira, e é por isso que decidimos traduzir o nome do túmulo por “O túmulo da menina”, procedendo de forma a recuperar a expressão na fonte original e transportá-la para a nossa tradução, no fundo traduzindo a à letra, mas enriquecendo assim o sentido do texto.

III.9. Acerca do paratexto

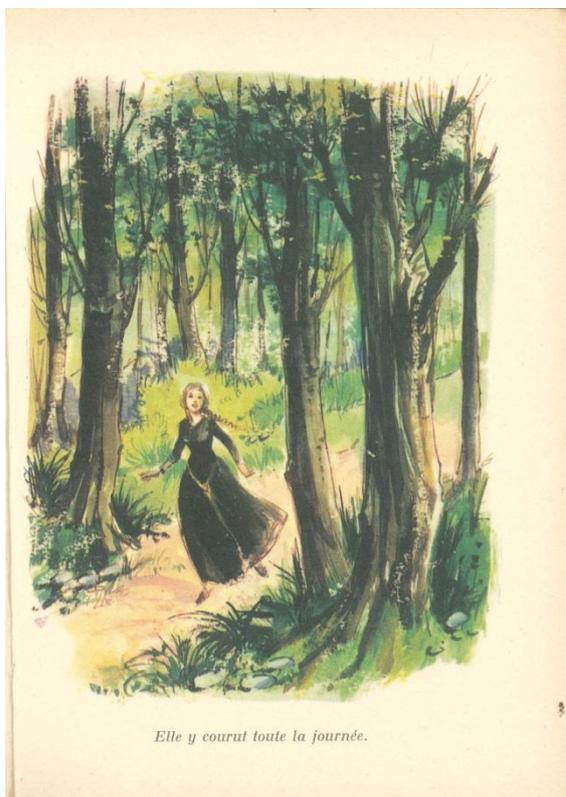
Consideramos como paratexto “aquilo que rodeia ou acompanha marginalmente um texto e que tanto pode ser determinado pelo autor como pelo editor do texto original”³⁸. Tal como nos indica ainda a mesma fonte, a ilustração é o elemento paratextual mais antigo. Os outros elementos paratextuais mais comuns são o índice, o prefácio, o posfácio, a dedicatória e a bibliografia. Visto que a edição da obra em análise não apresenta grandes marcas de paratexto a não ser as ilustrações, iremos focar a nossa análise precisamente nesse elemento gráfico. Para começar, seria essencial dizer que, na edição que tomámos como texto de partida, as ilustrações são abundantes e aparecem dispersas ao longo de todo o volume. A ilustração (do latim *illustrare*) tem o efeito de explicar e esclarecer a mensagem do autor. A linguagem visual junto com a verbal procuram atingir “um objetivo idêntico: transmitir uma mensagem” (Santos, 2008: 2). De facto, se partirmos do pressuposto que a ilustração desempenha uma função tão importante numa obra de literatura infanto-juvenil, então, necessariamente, a sua interpretação também fará parte do trabalho do tradutor. E é tanto mais importante quanto são efetivos todos os valores, reais ou ficcionais, que uma ilustração pode

³⁷A definição da palavra “kourgane” está disponível no dicionário CNRTL. Disponível em: <http://www.cnrtl.fr/definition/kourgane> Consultado em: 20.05.2015

³⁸A definição é do E-Dicionário de Termos Literários, de Carlos Ceia.

veicular; pense-se ainda na sua grande contribuição na criação das impressões desejadas no leitor. A tarefa do tradutor neste caso seria perceber a intenção deste paratexto a fim de poder interpretá-lo de forma correta e de, na sua tradução, o colocar em “diálogo” efetivo com o texto (cf.: Frías in Câmara, 2014:32).

As ilustrações que acompanham o texto da nossa obra em análise são da autoria de François Batet, um pintor de origem espanhola, que ilustrou muitos livros da literatura francesa, entre eles os de coleções como “Literatura Cor-de-Rosa”, “Verde” e de “L’Idéal-Bibliothèque”³⁹. Mas o artista, ao criar imagens com a personagem Maroussia, fez dela quase uma princesa, sobretudo pelo facto de a menina apresentar características físicas de uma beleza inacreditável. Apresenta, por exemplo, um rosto de traços muito regulares, cabelos dourados e, numa das ilustrações, até aparece com um vestido muito próprio de uma mulherzinha, digamos, da Idade Média. Por mais que queiramos, não conseguimos de todo acreditar que esta personagem é uma pobre menina camponesa ucraniana, para mais de doze anos apenas (seria difícil acreditar nisso ao olharmos para algumas ilustrações).



³⁹ Uma coleção francesa de livros para crianças e jovens, criados e editados pela editora Hachette.

De um modo geral, podemos dizer que o artista, na tentativa de reproduzir a realidade ucraniana do século XVII, não revelou grande “fidelidade” à vida e ao tempo reais; mas, muito provavelmente, quis recorrer mais à sua imaginação e atribuir à obra aspectos de romantismo e positivismo. Ao invés, na primeira edição original de *Maroussia*, de 1878, editada pela *Bibliothèque d'éducation et de récréation* de J.Hetzel, encontramos uma situação muito distinta. Nesta edição, as ilustrações foram feitas por Théophile Schuler, pintor que foi convidado pelo próprio Hetzel. Essencialmente, para ver as diferenças entre as ilustrações de uma versão e de outra, decidimos apresentar aqui apenas algumas ilustrações da edição de Hetzel, bem mais verosímeis!



TOUT POUR LA PATRIE.

Diga-se, desde já, que o objetivo desta comparação não é criticar nenhuma das edições do livro; pretende-se apenas realçar a delicadeza manifestada ao tentar reproduzir a realidade ucraniana através das ilustrações, e também o nosso desejo de apresentar aqui toda a abrangência da questão. Como vemos nas imagens, a personagem Maroussia possui aqui outro tipo de aparência. Enquanto ucraniana, posso testemunhar, sem qualquer outra intenção crítica, que ela já corresponde à imagem mais verdadeira de uma menina ucraniana da altura, quer pelo aspecto físico quer pelas roupas que apresenta. Além disso, é de notar que a personagem já não parece ser tão alegre e

sorridente, como nas imagens de Batet, o que também, de certa forma, realça o tema bem como o fim trágico da história narrada e da personagem em particular.

Quanto à capa do livro, ela é também, sem dúvida, um dos elementos essenciais do paratexto; a sua importância deve-se, em primeiro lugar, ao facto desempenhar a função de cartão-de-visita do livro, de ser o primeiro contacto que o leitor tem com a obra e por ser responsável pela primeira impressão que surge na mente dele e que condiciona o desejo de ler ou não ler esta obra. Em termos de comércio livreiro, a capa é como se fosse a embalagem de um produto cuja venda dela depende em grande medida. Por isso, os editores se interessam tanto por produzir uma capa que tenha sucesso e seja cativante, logo à primeira vista, para os leitores. A capa da edição de *Maroussia* que tomamos como texto de partida não apresenta, no conjunto dos seus elementos construtivos, grande complexidade, limitando-se a dar a conhecer ao leitor o título da obra – que aparece em letras maiúsculas e em negrito –, o nome do autor – já com letra mais pequena –, e no topo do livro a informação acerca da coleção na qual a mesma foi incluída, que é a *Bibliothèque Verte*. Mas podemos afirmar que a ilustração que aparece na capa é bastante apelativa e elucidativa; no fundo, a capa é composta por dois planos: um, mais afastado, retrata um grupo de cossacos a cavalo e com espadas no ar, representando claramente um momento épico; no plano mais aproximado, vemos a figura de uma menina muito bela, vestida em traje tradicional ucraniano, com uma coroa de flores nos cabelos, e a olhar para nós. Não se pode dizer ao certo que emoções é que ela exprime naquele momento, se de tristeza ou de alegria; mas vê-se que tem um ar inocente e cativante, e certamente fascina o pequeno leitor que desde logo deduz tratar-se da heroína do livro.

Já a contracapa do livro, como acontece na maior parte das edições, é composta mais uma vez pelo título da obra, pelo seu autor e por um pequeno texto de apresentação do livro, por debaixo do qual aparece o símbolo da editora.

Considerações finais

Existe ainda hoje a ideia generalizada e corrente de que, ao conhecer-se o par de línguas em questão, a tarefa de tradução, por sua natureza óbvia, não é algo difícil ou suscetível de causar problemas a quem traduz. Pensa-se que o simples facto de um indivíduo ter conhecimentos de um par de línguas já lhe permite exercer a profissão de tradutor. Mas a verdade é que saber uma língua estrangeira e ter um nível razoável do domínio da sua língua materna não é o suficiente para alguém se lançar na árdua tarefa de traduzir; no mínimo, deve-se possuir conhecimentos bastante alargados quer sobre a história quer sobre a cultura em geral do par de línguas em questão; de outro modo, poder-se-á sempre falhar, e gravemente, sempre que for necessário descodificar a linguagem e compreender a mensagem cultural implícita no texto de partida, ou buscar o seu equivalente para o texto de chegada.

Para nós, a ação concreta de ter de traduzir *Maroussia* para o português constituiu um caso ainda mais problemático, visto que nenhuma destas línguas envolvidas no projeto de tradução é nossa língua materna. Ajudou apenas o facto de a obra se encontrar relacionada com a cultura do meu país de origem, que é a Ucrânia. No entanto, isso não eliminou por completo as dificuldades, sobretudo quando se tratou de interpretar certas situações comunicativas que apareciam ao longo do processo de tradução, mesmo quando se tratava de descrever a realidade ucraniana. Só com muita persistência e determinação foi possível dar seguimento e levar a bom termo este trabalho.

Efetivamente, para atingir o nosso objetivo principal que era criar uma tradução adequada, atendendo ao grande desafio hermenêutico, ao longo do trabalho de tradução assentámos a nossa reflexão em várias teorias, desde o pensamento dissimilatório, com a sua estratégia estrangeirizante (de Friedrich Schleiermacher), até à metodologia de Katharina Reiss que privilegia antes de mais a clareza da mensagem do texto de chegada. Também, entre outras, a metodologia de Michele Ballard ajudou a resolver e explicar casos práticos do processo de tradução. Assim, devemos admitir que todas as teorias às quais recorremos ao longo do processo hermenêutico mostraram a sua utilidade e eficácia, e não nos deixaram cair em armadilhas que povoavam o texto, o

que equivale a afirmar, da nossa parte, que os estudos teóricos em tradução são de facto imprescindíveis para nos ajudarem a resolver os problemas práticos que vão surgindo enquanto traduzimos. Foi, por conseguinte, servindo-nos de várias estratégias tradutivas, mas ajudados por muito do pensamento tradutológico, que fomos realizando a tarefa da tradução, durante a qual foi sendo redigido também o capítulo no qual identificámos os problemas tradutivos e a seguir os explicámos, e fundamentámos depois também, justificando-as, as nossas escolhas.

De um modo geral, se conseguimos apresentar em português excertos de uma obra tão especial como *Maroussia*, de maneira a propiciar uma leitura clara e fácil desse texto, mesmo tendo ele presentes muitos elementos culturais estrangeiros e estranhos, foi graças a um permanente autoquestionamento teórico e a uma confrontação *pari passu* das nossas “intuições tradutivas” com as orientações teóricas, quer em termos de opção por determinadas estratégias, quer de identificação de processos e do pensamento teórico propriamente dito, sempre mais englobante. Por fim, resta esperar que o nosso esforço não tenha sido em vão e que o hipotético leitor português possa ficar satisfeito com o produto final do trabalho. Quanto a nós, resta-nos testemunhar, com Valéry Larbaud, que “la traduction est pour nous tous, gens de lettres, avec la juste proportion de plaisirs et de peines qu'elle comporte... une belle et constante école de vertu.” (Larbaud in Vessillier-Ressi, 1997: 124⁴⁰)

⁴⁰ VESSILIER-RESSI, Michèle (1997). La condition d'artiste: regards sur l'art, l'argent et la société. Paris : Maxima. Disponível em: https://books.google.fr/books?id=kOYwuceQ0VYC&pg=PA124&lpg=PA124&dq=larbaud+la+traduction+est+pour+nous+tous&source=bl&ots=OIrKF95fTt&sig=tFP4TfTgZ5vb1-LWsnDgo5e_gJc&hl=pt-PT&sa=X&ved=0CCwQ6AEwAmoVChMIIndvYwvjxxwivgZgUCh3JQQDV#v=onepage&q=larbaud%20la%20traduction%20est%20pour%20nous%20tous&f=false Consultado em 13.04.2015

Referências Bibliográficas

1. Obra traduzida

STAHL, P.-J. (1970). *Maroussia* (Illustrations de François Batet). Édition Abrégée pour la Bibliothèque verte. Paris, Librairie Hachette.

Outra edição :

STAHL, P.-J. (1986). *Maroussia* (Adaptation de Jean Perrot), Paris, Fernand Nathan.

2. Bibliografia crítica sucinta:

AGUILERA, Elvira Cámara (2000). “The Translation of Proper Names in Children’s Literature”. Universidade de Granada. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4666.pdf> Consultado em: 25.07.2015

BAKER, Mona (1992). *In other words: A course book on translation*. London and New York, Routledge.

BALLARD, Michel (1998). « La traduction du nom propre comme négociation », in *Palimpsestes*, nº11, *Traduire la culture*. Paris, Presses de la Sorbonne Nouvelle.

BALLARD, Michel (2004). « Stratégies de traduction des désignateurs de référents culturels », in *Tradução e interculturalismo*, Actas do VII Seminário de tradução científica e técnica em Língua portuguesa. Lisboa, União Latina /FCT, pp17-28.

BENSIMON, P. (1998). *Traduire la culture* (*Palimpsestes*, vol. nº 11). Paris, Presses de la Sorbonne Nouvelle.

BERMAN, Antoine (2008). *L’âge de la traduction : « La tâche du traducteur de Walter Benjamin. Un commentaire »*. Paris, Intempestive Presses universitaires de Vincennes.

BRISSET, Annie (2004). « Retraduire ou le corps changeant de la connaissance. Sur l’historicité de la traduction », in *Pourquoi donc retraduire ?* (*Palimpsestes*, vol. nº 15). Paris, Presses de la Sorbonne Nouvelle.

BRITTO, Paulo Henriques (2010). “O tradutor como mediador cultural” in *Synergies Brésil*, pp.135-141.

CÂMARA, Elisa Oliveira (2014). “O paratexto na tarefa do tradutor: Uma análise de elementos paratextuais”, Brasil, Universidade Estadual de Campinas. Disponível em:

http://www.joseyustefrias.com/docu/UNICAMP_Paratranslation/TFM_ElisaOliveiraCarama_Paratexto.pdf Consultado em: 15.09.2015

CHANUT, Maria (2012). “A tradução ética em “A Prova Do Estrangeiro”. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/viewFile/46870/50621> Consultado em: 13.04.2015

DMYTRYCHYN, I. (2008). *Texte inédit de Marko Vovtchok et fac-similé de P.J. Stahl : Maroussia*. Paris, L’Harmattan, Présence Ukrainienne.

DOUGLAS, Virginie (dir.) (2013). *Littérature pour la jeunesse et diversité culturelle*. Paris, L’Harmattan.

E.B (2005). “Hetzel, o editor de visão que também era um bom amigo”, in *Diário de Notícias* de 24 de Março de 2005. Disponível em: http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=613413&page=-1 Consultado em: 02.05.2015

GALLAGHER, John D. (2007). « L’activité traduisante comme domaine de créativité », in *La traductologie dans tous ses états*. Études réunies par Corinne Wecksteen et Ahmed El Kaladi, Arras, Artois Presses Université.

GLENISSON, J. (1986). « Théorie et pratique de l’adaptation chez P.J.Stahl », in *P.J.Hetzel. (1814-1886) Ecrivain, éditeur, homme politique*. A l’occasion du centenaire de sa mort, éditions Technorama.

HÖRSTER, Maria António (1999). “Problemas de tradução. Sistematização e exemplos”, in *V Jornadas de Tradução. Tradução, ensino, comunicação*. Porto: ISAI, pp. 33-43.

LE DISEZ, Jean-Yves et SEGERS, Winibert (dir.) (2013). *Le bon sens en traduction*, Rennes, P.U.R.

MARIAULE, Michael (2007). « L’adaptation à l’épreuve de la traduction », in *La traductologie dans tous ses états*. Études réunies par Corinne Wecksteen et Ahmed El Kaladi, Arras, Artois Presses Université.

MARTINS, Pedro (2009), “Em busca do equilíbrio: interculturalidade na tradução de “*Night of The Quicken Trees*””. Universidade de Lisboa. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/3848/1/ulfl096141_tm.pdf Consultado em: 22.03.2015

MORROW, Christina (2003). “Riitta Oittinen. *Translating for Children*”. New York: Garland Publishing, inc. 205 pp.139-141. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6205/5766> Consultado em: 11.03.2015

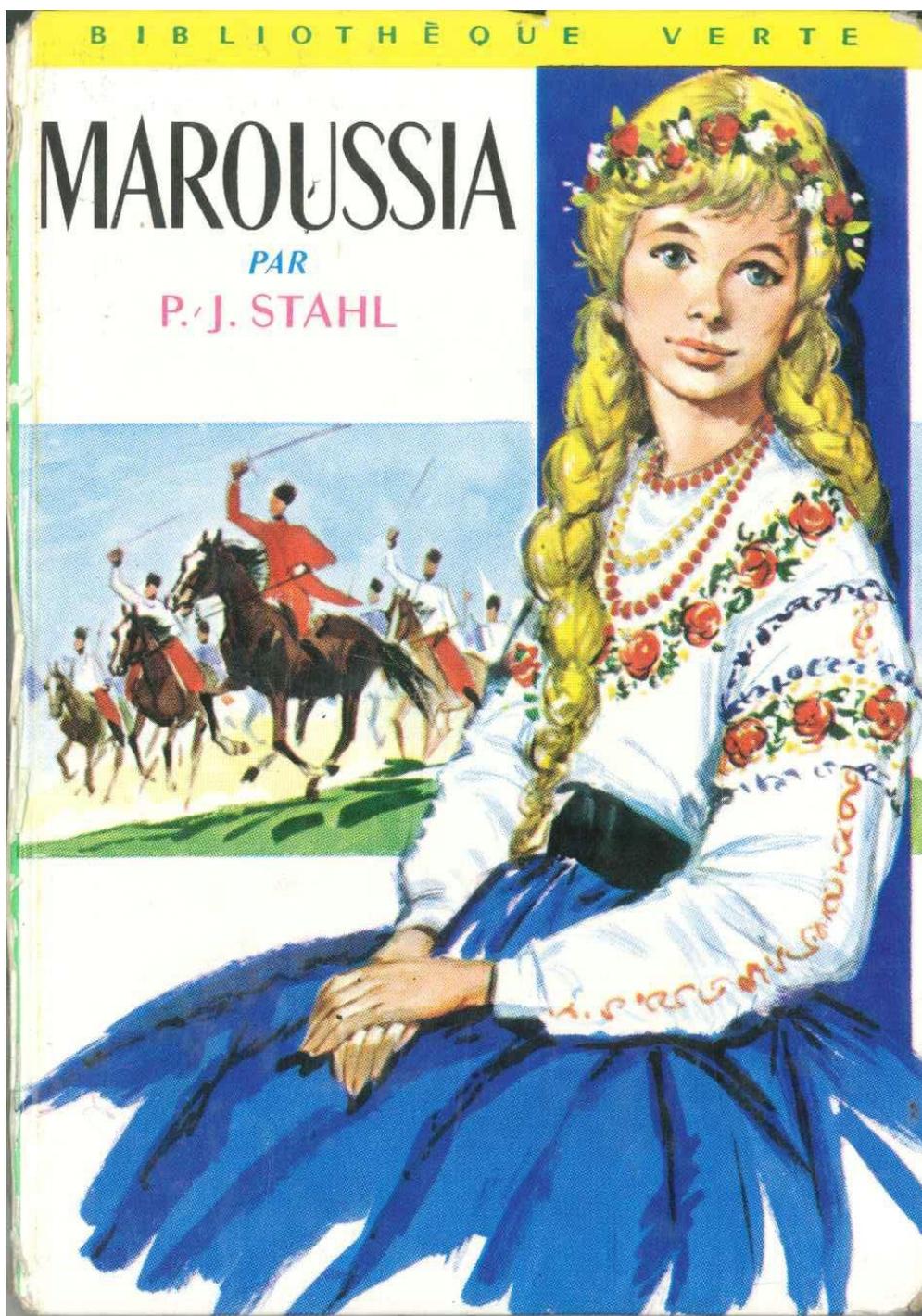
- MUNDAY, Jeremy (2014). *Introdução aos Estudos de Tradução. Teorias e aplicações*. (Trad. David Oliveira, et alii), Edições Pedagogo, Lisboa.
- NEBOIT-MOMBET, Janine (2005). *L'image de la Russie dans le roman français, 1859-1900*, pp.226-234. Disponível em: https://books.google.fr/books?id=fJfp7_8SSpUC&pg=PA229&dq=michel+cadot+maroussia+hetzel&hl=pt-PT&sa=X&ei=IkMuVfeDAsuzswHS3oPgCw&ved=0CDMQ6AEwAA#v=onepage&q=michel%20cadot%20maroussia%20hetzel&f=false Consultado em: 07.04.2015
- NORD, Christiane (2006). “Loyalty and fidelity in specialized translation”, in *Confluências*, nº 4, maio. Disponível em : <http://confluencias.net/n4/nord.pdf> Consultado em: 10-01-2015.
- OITTINEN, Riitta (1993). *I Am Me – I Am Other: On the Dialogic of Translating for Children*, Finlândia, Universidade de Tampere.
- PALLOTTA, Míriam Giberti Páttaro (2008). “Reflexões sobre a prática da tradução para Monteiro Lobato: análise da obra *Fábulas*”, in XI Congresso Internacional da ABRALIC: *Tessituras, Interações, Convergências* de 13 a 17 de Julho de 2008, USP – São Paulo, Brasil. Universidade Paulista. Disponível em: http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/065/MIRIAM_PALLOTTA.pdf Consultado em: 13.04.2015
- RAGUET, Christine (2007). « Y-a-t-il des limites à la traduction transculturelle? », in *La traductologie dans tous ses états*. Études réunies par Corinne Wecksteen et Ahmed El Kaladi, Arras, Artois Presses Université.
- REIS, Olinda (2012). *Imaginário e Literatura Juvenil: ensaio sobre tradução*. Lisboa, Coleção Diálogos em Tradução, Edições Pedagogo,.
- RUWET, Nikolas e MOUNIN, Georges (1964). «Les problèmes théoriques de la traduction», in *L'Homme*, vol. 4, nº 2, pp. 141-144. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/hom_0439-4216_1964_num_4_2_366663 Consultado em: 12.05.2015
- SANTOS, Luísa Duarte (2008). “Ilustração. Uma Arte Narrativa” (Texto de Comissariado). In *Ilustração e Literatura Neo-realista*, Catálogo da Exposição, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Julho 2008, p. 37-49. ISBN 978-972-99040-9-7. Disponível em: https://www.academia.edu/1521907/Ilustra%C3%A7%C3%A3o_uma_arte_narrativa. Consultado em: 02.06.2015
- SCHLEIERMACHER, Friedrich (1813/2004). «On the different methods of translating», in R. SCHULTE e J. BIGUENET (eds), 1992 : 36-54.

- SCHREIBER, Michael. (2007). « Transfert culturel et procédés de traduction: l'exemple des realia », in C. LOMBEZ, *et. alii, De la Traduction et des transferts culturels* (pp. 185-194). Paris, L'Harmattan.
- SÉVRY, Jean. (1998). « Une fidélité impossible: traduire une œuvre africaine », in P. BENSIMON, *Traduire la culture*, Paris, Presses de la Sorbonne Nouvelle, pp. 135-142. Disponível em:
<https://books.google.fr/books?id=Fnfa3DAwrzcC&pg=PA135&lpg=PA135&dq=jean+s%C3%A9vry+traduction&source=bl&ots=n7gP6WR1Ed&sig=hkOl JcpndmhIJdUhqg Qg8xwtCY&hl=pt-PT&sa=X&ved=0CC8Q6AEwAmoVChMIsoXm9PjdxgIIIwZMsCh2bYAvK#v=onepage&q=jean%20s%C3%A9vry%20traduction&f=false> Consultado em: 12.05.2015
- TALLÈS, Olivier (2014). « L'état ukrainien n'a jamais vraiment travaillé sur la cohésion du pays », in *La Croix*, de 16 de Maio de 2014. Disponível em : <http://www.la-croix.com/Actualite/Monde/L-Etat-ukrainien-n-a-jamais-vraiment-travaille-sur-la-cohesion-du-pays-2014-05-16-1151583> Consultado em 13.01.2015
- VENUTI, Lawrence (1995). *The translator's invisibility*, Londres, Routledge.
- VENUTI, Lawrence. (2000). *The Translation Studies Reader*, Londres e Nova Iorque, Routledge.
- VINAY, Jean-Paul & DARBELNET, Jean (1977). *Stylistique comparée du français et de l'anglais : méthode de traduction*. (Nouvelle édition corrigée ed.). Paris, Didier.
- VESSILIER-RESSI, Michèle (1997). *La condition d'artiste: regards sur l'art, l'argent et la société*, Paris, Maxima. Disponível em:
https://books.google.fr/books?id=kOYwuceQ0VYC&pg=PA124&lpg=PA124&dq=larbaud+la+traduction+est+pour+nous+tous&source=bl&ots=OIrKF95fTt&sig=tFP4TfTgZ5vb1-LWsnDgo5e_gJc&hl=pt-PT&sa=X&ved=0CCwQ6AEwAmoVChMIIndvYwvjxxwIIIgZgUCh3JQQDV#v=onepage&q=larbaud%20la%20traduction%20est%20pour%20nous%20tous&f=false Consultado em 13.04.2015
- VIANA, Maria (2013). “Jules Verne e Pierre-Jules Hetzel : o encontro entre um Escritor Visionário e um Editor Combativo”, in *Revista Livro: Revista do núcleo de Estudos do Livro e da Edição*, vol. 3, p. 121-151, 2013. Disponível em:
http://www.academia.edu/11311052/Jules_Verne_e_Pierre-Jules_Hetzel_o_encontro_entre_um_escritor_vision%C3%A1rio_e_um_editor_combatIIo Consultado em: 02.05.2015
- WUILMART, Françoise (2007). «La traduction littéraire: source d'enrichissement de la langue d'accueil», in *La traductologie dans tous ses états*. Études réunies par Corinne Wecksteen et Ahmed El Kaladi, Arras, Artois Presses Université.

Anexos

Anexo 1

Excertos de *Maroussia* que foram traduzidos



P.-J. STAHL

MAROUSSIA

ILLUSTRATIONS DE FRANÇOIS BATET



HACHETTE

DU MÊME AUTEUR

dans la Bibliothèque Verte :

ATINS D'ARGENT

dans la Nouvelle Bibliothèque Rose :

DIÈRE D'UN ÂNE ET DE DEUX PETITES FILLES



CHAPITRE PREMIER

L'UKRAINE

JE VAIS vous raconter ce qui s'est passé, il y a bien longtemps, en Ukraine, dans un coin ignoré, mais frais et charmant, de cette contrée.

J'aime beaucoup les contrées dont on ne parle guère, que l'étranger ne visite pas, qu'on laisse à elles-mêmes, qui gardent pour elles leurs retraites et leurs secrets, leurs fleurs et leurs sentiments, leurs dures peines et leurs simples plaisirs. Leur histoire n'est point à tous. Les mœurs de leurs habitants sont bien leurs mœurs, et, s'ils sont fiers, c'est sans s'en douter. On y rencontre ce qu'on ne trouverait nulle part ail-

ÉDITION ABRÉGÉE
POUR LA BIBLIOTHÈQUE VERTE

© Librairie Hachette, 1950.
Droits de traduction, de reproduction
et d'adaptation réservés pour tous pays.

leurs : choses et gens sont nouvelles et nouveaux. Ces pays-là — sans le dire à personne — ont quelquefois leurs héros, de vrais héros.

J'aime aussi les héros — surtout quand ils ne se targuent pas de l'être — quand ils sont droits et sincères, quand ils font de grandes choses sans crier à tue-tête : « Voyez, voyez, c'est moi qui ai fait ceci ! Venez m'en récompenser » ; mais seulement parce que, étant ce qu'ils sont, ayant leurs qualités, ils ne sauraient faire autrement que d'être héroïques.

Mais assez de philosophie, comme dit notre maître d'école quand il voit qu'on ne va pas être de son avis. Contons l'histoire.

Eh bien, dans le petit coin dont je veux vous parler, il y avait autrefois une maison faite comme le sont les maisons à la campagne ; et cette maison était habitée par un Cosaque, Danilo Tchabane, et sa famille.

N'allez pas confondre, je vous prie, les Cosaques ukrainiens avec ceux du Don, avec ces êtres barbus aux yeux ronds et terribles, au langage grossier, aux allures effrontées ; ils ne se ressemblent point.

Les Ukrainiens ne portent de barbe qu'à l'âge de cinquante ans. Il s'ensuit que vous ne voyez dans le pays que des barbes grises ou point de barbes. Les jeunes gens portent des moustaches comme les Polonais. Les Ukrainiens sont

grands, forts et sveltes. Ils ont, pour la plupart, des traits réguliers, des sourcils très nettement dessinés, de grands yeux taillés en amande, une expression calme, noble, un peu sévère, et qui peut paraître triste.

Voulez-vous savoir ce que signifie le mot : *cosaque* ? Le mot cosaque est un mot turc et veut dire : *guerrier à cheval*.

Dans le temps, quand l'Ukraine était une république et faisait la guerre aux Turcs, les Turcs ont désigné les héros inconnus qu'ils avaient à combattre sous le nom de Cosaques. Je ne vous conterai pas toutes les guerres de cette république, ce serait trop long. Il suffira de vous dire que, pendant de longues années, elle se trouvait, comme on dit chez nous et ailleurs peut-être, « placée entre deux feux » : la grande Russie et la Pologne. On pourrait même dire « entre quatre feux », si l'on comptait les Turcs et les Tartares. A la fin, ne pouvant s'entendre avec les Polonais, cette république avait accepté les « fraternelles » propositions de la Russie.

« Nous sommes trop faibles pour lutter encore avec nos voisins. Nous avons jusqu'ici soutenu la guerre glorieusement, c'est vrai ; mais nous finirons par être écrasés. La Russie nous propose une alliance, acceptons-la. »

C'est ainsi que pensait et parlait le vieux chef Bodgan Khmielnitski, et le peuple l'avait écouté.

Au commencement, tout alla bien. Egalité, fraternité, liberté, les Russes respectaient tout cela : mais peu à peu les choses changèrent.

Au bout de moins d'une année, le peuple avait mille raisons de dire à son chef Bodgan : « Qu'avons-nous fait ? »

Le vieux Bodgan, entendant ces choses, pleura, dit-on, sans que rien ne pût le consoler.

« Tâchons d'y remédier », dit-il après ; mais il n'y réussit pas et mourut de chagrin.

Après sa mort, l'Ukraine eut à subir bien des épreuves. Elle se divisa en deux camps ; les uns étaient encore pour la Russie, les autres tenaient pour la Pologne.

Un troisième parti s'était formé. Celui-là était pour l'indépendance complète de l'Ukraine ; malheureusement, il n'était pas nombreux. C'est juste à cette époque que commence notre récit.

Le Cosaque Danilo Tchabane habitait donc avec sa famille une maison dans la campagne. L'être le plus difficile se serait contenté de cette habitation.

Danilo avait hérité de cette maisonnette ; son père, qui la tenait de son père, lequel la tenait aussi du sien, la lui avait transmise en mourant. Je ne sais combien de générations de Tchabane avaient passé par là.

Et notez bien ceci : quel que soit le désert que vient habiter une famille ukrainienne, le

premier printemps le couvrira de fleurs. Donc, vous pouvez imaginer quel paradis de fleurs devait être la maison de Danilo, après que tant de générations de Tchabane avaient ajouté leur part de fleurs aux fleurs de leurs ancêtres.

D'ailleurs, il faut dire que la maison de Danilo n'aurait jamais pu offrir l'image d'un désert. Tout au contraire, située comme elle l'était, entre une steppe immense et une vaste forêt, entre une profonde rivière et une prairie veloutée, entre une haute montagne et une fraîche vallée, elle était, dès qu'elle apparaissait, ravissante à voir.

Grand Dieu ! qu'il faisait bon dans ce coin du monde ! Quand le soleil se levait, la prairie couverte de rosée étincelait comme une pluie de diamants. Les oiseaux, cachés dans les joncs, commençaient à voler et à chanter, et un léger voile de vapeur, doré par les rayons du matin, se balançait mollement au-dessus de la rivière. Grand Dieu ! qu'elle était parfumée, cette tranquille vallée, sous le premier regard du soleil ! Et les sommets des montagnes ? Ils brillaient comme du métal. Et la forêt ? Elle se réveillait tout doucement. Et la steppe ? Elle miroitait d'ombre et de lumière, aussi loin que l'œil pouvait percer ses profondeurs et ses clartés.

Ceci est l'aurore, la matinée ; mais, le jour,

comment vous le dépeindre ? Une inondation de lumière sous une voûte azurée, les chants de triomphe des oiseaux, le murmure des flots, toute la nature en plein bonheur.

Pour la soirée, ces soirs paisibles et roses de l'Ukraine, vous devinez : les étoiles se montrant peu à peu pour faire fête à la lune, celle-ci paraissant dans sa douce majesté, et, à l'horizon, des bandes violettes de couleurs variées, jetant leurs derniers feux, rayant la steppe assombrie et silencieuse. La lisière de la forêt devenait sérieuse, presque sévère ; une grande roche, entourée de mystère, faisait pendant à une autre roche, sa sœur, se dressant comme un bloc de jais noir, éclairée d'en haut. Et enfin, le petit jardin touffu, plein de cerisiers en fleur, les gentilles fenêtres de la maisonnette luisant entre les branches des rosiers sauvages. Telle était la maison de Danilo. Mais j'ai eu tort d'essayer de vous décrire des choses que les yeux ne sauraient se lasser de voir.

Et dire qu'avec toutes les splendeurs, qu'avec tous les bienfaits de Dieu, les habitants de la maisonnette avaient encore, tout à côté, de bons voisins, des amis éprouvés !

Les jours de fête, la famille Danilo Tchanane recevait beaucoup, oui, beaucoup. Tantôt c'était Semène Vorochilo qui arrivait, tantôt Andry Krouk, ou bien l'on entendait au loin

la voix fraîche et sonore de Hanna, la belle rieuse, ou bien l'on apercevait le petit bateau de Vassil Grime qui abordait... et, après lui, cinq, dix autres encore, hommes et femmes, jeunes filles et jeunes gens, enfants aussi et même des vieillards. C'était à qui visiterait Danilo.

Mais à quoi bon vous énumérer tous les amis ! Vous voyez qu'ils étaient nombreux ; quand j'aurai dit qu'ils étaient sûrs, que c'étaient de vrais amis, que pourrai-je ajouter ? Je n'ai pas la prétention de vous apprendre combien c'est bon l'amitié. Si vous éprouvez ce sentiment pour quelqu'un qui soit digne de l'inspirer, vous savez ce qu'il vaut. La parole d'un ami, le regard d'un ami, sa main dans la vôtre, sont les trois quarts du bonheur de la vie. Si vous ne l'avez jamais connu, ce bonheur, mes paroles ne vous l'apprendront pas. Méritez d'avoir des amis, nous causerons de l'amitié après ; mais, jusquelà, fustiez-vous plus avisé que le grand Salomon lui-même, vous n'y pourriez rien comprendre.

L'âme humaine a le droit de s'élever jusqu'aux aspirations les plus hautes. Le vrai bonheur d'un peuple ne saurait se faire de la seule satisfaction des besoins matériels, le consentement moral peu seul donner le goût qu'il faut au pain qu'on mange. Or, je vous l'ai déjà donné

à entendre, et vous m'avez compris à demi-mot : le trouble régnait partout. Le pays fatigué, tiré dans un sens par les Russes, dans un autre par l'aristocratie polonaise, écrasé des deux côtés, le pays était en pleine révolte et regrettait amèrement son indépendance perdue. L'Ukraine était envahie par les troupes russes. Le chef du parti moscovite était comblé des faveurs et des présents du tsar ; le chef du parti polonais s'était fortifié dans une ville et invitait tous les amis de la liberté à venir se joindre à lui. De quel côté aller ?



CHAPITRE II

UN VOYAGEUR INCONNU

IL Y AVAIT une réunion chez Danilo Tchabane. La soirée était sombre, les hôtes pensifs et silencieux. Les maîtres eux-mêmes avaient peine à sourire. On se regardait plus qu'on ne parlait. Il était visible que tout le monde avait le même souci.

De temps en temps on s'adressait à Andry Krouk : « Les murs de Tchiguirine étaient-ils de force à résister à un assaut ? Les défenseurs étaient-ils solides ? Si on relisait la dernière proclamation du chef ? Quelques-uns ne la con-

naissent pas. Savait-on s'il se présentait beaucoup de volontaires ? »

Andry Krouk, évidemment bien renseigné sur toutes ces choses, répondait très couramment. Il décrivait les remparts de Tchiguirine, ses fossés, ses portes, ses tranchées, comme un homme qui a passé par là et vu tout cela plus d'une fois, et récemment encore.

Tandis que les hommes parlaient, les fuseaux s'arrêtaient, les femmes écoutaient anxieusement. Et quand les hommes se taisaient et finalement, elles échangeaient à voix basse quelques paroles.

« Encore une bataille près de Vélika, disait l'une.

— Combien de tués ? demanda Moghila.

— On a incendié Terny ; les maisons ne sont plus que cendres, et le village de Krintza brûle encore.

— Savez-vous, dit une jeune fille, savez-vous si ?... »

Mais elle ne peut achever ; ses lèvres pâlisent, de grosses larmes voilent ses yeux, ses dents serrées par l'angoisse ne peuvent se rouvrir.

Une vieille femme, coiffée d'un mouchoir brun d'où s'échappaient des flots de beaux cheveux gris, au visage froid et rigide, dans lequel deux grands yeux noirs étincelaient comme des étoiles, dit :

« Les miens sont tous morts. Je suis seule au monde. Ils disaient tous : « Nous allons nous battre » ; et je les regardais : « Oui, mes enfants » ; et ils ajoutaient : « L'Ukraine reconquerra son indépendance » ; et j'avais répondu encore : « Oui, mes enfants ! » Tous les trois sont restés sur le champ de bataille, et l'Ukraine n'est pas libre !

— Ah ! disait une jeune femme, on se fait tuer et l'on n'a encore rien gagné. Si encore on pouvait se dire : « Je meurs, mais je laisse aux autres ce que je cherchais... »

La vieille femme l'interrompit :

« Tu ne m'as pas comprise. Quand il s'agit de la patrie, on ne marchand pas, on ne se dit pas : « Réussirai-je ? » mais : « C'est mon devoir », et on se jette dans la mêlée. Si on est tué, on est bien mort ; c'est un meilleur sort que de mal vivre. Les miens ont agi ainsi. Que Dieu ait leur âme ! Si c'était à recommencer, ils recommenceraient.

— Vous avez raison, vous avez raison », dirent plusieurs femmes.

Une petite, toute petite fille, à la chevelure blonde, aux grands yeux extrêmement brillants, aux lèvres purpurines, semblait seule entièrement absorbée par ses propres affaires. Elle prenait des brins de jonc dans son tablier et en tressait une jolie natte.

La soirée s'avavançait, devenait de plus en plus sombre, de plus en plus calme. Tout le monde se taisait : la petite fille s'endormit, sa natte inachevée dans les doigts.

La nuit vint et les étoiles étincelèrent.

Tout à coup, on frappa à la fenêtre

Ce fut si inattendu que personne n'en voulut croire ses oreilles ; mais on a frappé encore, et encore une fois, très distinctement, très fort.

Le maître de la maison se leva et marcha vers la porte pour l'ouvrir. Ses hôtes et amis allumèrent leurs pipes et se mirent à fumer. Un dernier coup plus sec, plus net, se fit entendre sur la vitre. Les fumeurs tressaillirent, les enfants se regardèrent. Danilo entrouvrit la porte. « Qui frappe ici ? » demanda-t-il.

Une voix répondit, une voix ferme et mâle, qu'un voyageur égaré demandait l'hospitalité.

« Soyez le bienvenu », dit Danilo ; et il ouvrit la porte toute grande en invitant le voyageur à entrer.

On entrevit quelques étoiles, une fraîche bouffée de brise du soir pénétra dans la chambre chaude ; puis, sur le seuil, apparut un homme de grande taille, de si grande taille qu'il fut obligé de baisser la tête pour entrer.

La beauté n'est pas une rareté en Ukraine : pourtant le voyageur qui venait d'entrer aurait difficilement trouvé son égal.

Son visage était un de ces nobles visages sur lesquels les regards les plus insouciant s'arrêtent avec un sentiment soudain de respect. Chacun est obligé de se dire en les regardant : « Cet homme doit être un homme entre tous les hommes. » Sa haute taille était élégante et souple. Toute sa personne respirait le calme et la force ; mais jamais diamants, étoiles ou éclairs, n'eurent tant d'éclat que les yeux noirs qui répandaient autour de lui la lumière.

Maître Danilo et ses amis furent frappés de tout cela ; mais les Ukrainiens savent garder leurs impressions pour eux-mêmes, et ils n'en firent rien voir. Ils reçurent le voyageur comme tout voyageur doit être reçu dans une honnête maison, avec cordialité et prévenance. On le plaça près d'une table, et on s'empressa de lui offrir quelques rafraîchissements.

Le voyageur se montra simple, modeste, poli et réservé. Etant un inconnu et n'ayant par conséquent aucun droit à l'intérêt particulier de ses hôtes et de leurs amis, il ne cherchait point à se faire valoir. Il ne racontait pas, comme d'habitude eussent pu le faire, ses aventures. Il ne crut pas devoir faire part à des étrangers de ses projets, s'il en avait. Il ne jetait de regards indiscrets ni sur les choses, ni sur les gens. Il ne questionnait pas, il répondait et en peu de mots. S'il causait, c'était des choses qui, dans

un tel moment, occupaient tout le monde : des désastres du pays, des villes brûlées, des champs dévastés qu'il avait vus sur sa route. Maître Danilo et ses amis imitèrent sa réserve. Ils se demandaient probablement d'où il venait et où il allait, et aussi dans quel pays il était né ; mais, puisqu'il ne le disait pas, ils ne le lui demandaient pas. On voyait bien que, quoique jeune encore, il connaissait beaucoup de choses : les mœurs turques, les coutumes polonaises, le caractère russe, les usages tartares. Il paraissait que la Setch (1) ne lui était pas inconnue non plus.

Quant à l'Ukraine, il était évident qu'il l'avait parcourue dans tous les sens, qu'il avait visité, habité peut-être les grandes villes aussi bien que les villages et les petites campagnes. Plus d'un s'était interrogé aussi sur la balafre qu'il avait sur la joue gauche : où avait-il reçu, gagné cette belle blessure, faite bien certainement par une arme tranchante ? Cela ne regardait que lui. A chacun ses secrets. Cependant le voyageur, rassuré sans doute par l'accueil qu'il recevait,

(1) La Setch était une île sur le Dniepr où les Cosaques *Zaporogues* (ce qui veut dire au-delà des rades du Dniepr) tenaient leur camp où les femmes n'étaient pas admises, et d'où partaient de terribles razzias, principalement sur les terres des Tartares et des Turcs. Gogol en a fait une belle description dans son *Tarass Boulba*.

devenait de lui-même plus expansif. Il décrivit avec une saisissante vigueur les batailles qui venaient d'avoir lieu. C'était à croire qu'on y prenait part avec lui. On l'écoutait, n'osant plus respirer. Les hommes, si habituellement impassibles, s'enflammaient ; les femmes s'écriaient et sanglotaient. Les enfants, ayant perdu toute envie de dormir, étaient suspendus à ses lèvres.

Tout à coup on entendit deux coups de feu, puis plusieurs autres encore. Après un court intervalle, d'autres succédèrent.

On s'était tu. On prêtait l'oreille. Les coups partaient de la steppe. On écouta longtemps, mais le silence s'était refait.

« Eh quoi ! la poudre parle même dans vos paisibles campagnes ? dit alors le voyageur.

— Cela doit venir du côté du grand chemin de Tchiguirine, dit Andry Krouk.

— Cela est venu de tous les côtés successivement », dit Danilo en remuant la tête.

Il se faisait tard ; les femmes se levèrent pour retourner à leurs maisons. Il fallait faire courir les enfants.

On se disait encore adieu sur le seuil de la porte, on échangeait un sourire d'affection, on se faisait un signe de tête amical. Tout se passait comme d'habitude, et cependant on sentait comme une tempête dans l'air. Les yeux de ces femmes, de ces mères, de ces sœurs, de

ces fiancées, de ces filles, jetaient comme des hueurs.

« Adieu ! adieu ! disait-on, bonne nuit ! »

Toute la société se dispersa par les sombres sentiers et disparut. Les deux intimes Andry Krouk et Semène Vorochilo restèrent seuls avec Danilo. Le voyageur resta aussi.



CHAPITRE III

LA PETITE MAROUSSIA

Tout le monde était parti ; la maîtresse de la maison passa dans une chambre à côté.

« Y a-t-il moyen d'arriver jusqu'à Tchiguirine ? » demanda le voyageur. Sa voix avait baissé en faisant cette question, ainsi qu'il arrive involontairement quand on sent que le danger peut être plus près de vous qu'on ne veut le dire.

« Cela doit être difficile », répondit maître Danilo, baissant instinctivement la voix à son tour.

Ses deux amis ne dirent rien ; mais ils laissè-

rent échapper de leurs pipes deux énormes bouffées de fumée, et ils froncèrent leurs épais sourcils.

Ceci exprima sans paroles, mais nettement, qu'ils étaient de l'avis de maître Danilo. Les yeux du voyageur se fixèrent un instant sur la figure impassible de maître Danilo, puis sur les figures non moins impassibles de ses deux amis. Un seul regard de ses yeux pénétrants suffit pour leur apprendre quelle habitude des épreuves il avait, quel mépris du péril et aussi quelle adresse à parer au besoin les coups que pouvait lui porter la fortune. Cette muette confiance faite :

« Et pourtant, dit-il, il faut que j'y arrive, et par le plus court et tout droit.

— Tout droit à Tchiguirine ? répondit Andry Krouk. Pour le moment, le corbeau lui-même n'y arriverait pas.

— Est-ce encore loin ? demanda le voyageur.

— La longueur du chemin importe peu à celui qui a des jambes quand la route est bonne, dit Semène Vorochilo. Mais fût-ce tout près, si c'est impraticable, voilà ce qui importe. »

En prononçant ces paroles, Semène Vorochilo plongeait son regard dans les yeux du voyageur.

« Nous autres voyageurs, répondit l'inconnu, nous ne sommes pas toujours libres de choisir le chemin le plus agréable. Faute du bon, c'est

à nous de nous contenter du pire ; mais, que voulez-vous, quand il est arrêté qu'on doit arriver quelque part, il n'y a pas à reculer. Heureux toutefois qui peut se procurer un guide, un compagnon de voyage fidèle et sûr ! Je ne vous cacherai pas, très honorables maîtres, qu'il m'est arrivé plus d'une fois de rencontrer, au moment où je pouvais le moins l'espérer, le cœur vaillant, le bras vigoureux, les pieds infatigables dont je pouvais avoir besoin. »

A ces mots de l'étranger, maître Danilo et ses deux amis relevèrent la tête.

« Vous dites vrai, honorable voyageur, répondit Danilo. Un compagnon brave et dévoué vaut tous les trésors de l'univers.

— Il ne manque pas en Ukraine de cœurs résolus, dit Andry Krouk ; pour ceci, je puis dire que nul pays ne surpasse notre patrie.

— Bien répondu, Krouk, fit maître Danilo. Les Polonais peuvent se vanter d'avoir d'intrépides seigneurs, les Turcs des sultans magnifiques, les Moscovites des gaillards intelligents et habiles : quant à nous, nous pouvons affirmer une chose, qui vaut toutes les autres, c'est que nous sommes « frères », ni plus ni moins.

— A l'exception près, vous avez raison, répliqua le voyageur.

— Dans les meilleurs champs on trouve un

brin d'ivraie, reprit vivement Danilo ; le fro-
ment en est-il moins bon pour cela ?

— Non, assurément, dit Vorochilo. Il y a
cependant une chose à considérer.

— Dites laquelle, répondit le voyageur.

— C'est qu'on ne distingue pas toujours le
bon grain du mauvais. Celui qui porte capuche
noire n'est pas toujours moine.

— Le bon pâtre reconnaît ses brebis, même
sous la peau du loup ! » répliqua l'étranger.

Il se fit un silence ; on se regarda une fois
encore. On s'était compris ; les paroles devin-
rent inutiles.

« Frères, salut ! dit le voyageur. Ceux de la
Setch vous présentent respect et amitié. Je suis
leur envoyé. Je vais à Tchiguirine.

— Nous sommes à vos ordres ; nous sommes
vos amis, dirent les trois Ukrainiens.

— Qu'avez-vous à m'apprendre ? que savez-
vous ? que se passe-t-il autour de vous ? de-
manda l'envoyé de la Setch.

— Rien de bon, répondit Danilo ; l'un s'est
lié d'amitié avec les Moscovites ; l'autre, après
avoir invité les Turcs à venir à son aide, est
peut-être, dans ce moment même, en pourpar-
lers avec la Pologne.

— Cela n'est que trop vrai ! dirent les deux
amis de Danilo, et leurs mâles visages expri-
maient une douleur profonde.

— Raison de plus pour que j'aille à Tchigui-
rine, répondit l'envoyé de la Setch — et sans
perdre de temps.

— Tous les chemins sont coupés, répondit
Vorochilo.

— Et le passage de Gonna ?

— Occupé et mis en état de défense par les
Moscovites. »

L'envoyé se mit à réfléchir, non aux difficul-
tés, mais au moyen d'arriver à son but.

« Nous autres, Cosaques de la Setch, dit-il
enfin, nous ne sommes ni pour les Moscovites ni
pour les Polonais. Nous sommes pour les Ukrai-
niens. Vous voyez bien qu'il faut que je pénètre
dans Tchiguirine. De vos deux chefs, l'un s'est
vendu, dit-on... mais l'autre ?

— L'autre, l'ataman Petro Dorochenko, dit
Krouk, est un honnête homme.

— Je le sais, dit l'envoyé. Mais, orgueilleux,
passionné, et trop prompt comme il l'est, on
peut craindre qu'en voulant sauver l'Ukraine il
ne la perde. Dans son irritation contre les
Russes, il oublie que nous avons d'autres adver-
saires. Il est sur le point de faire une folie et de
se jeter du feu à la flamme. J'ai mission de l'en
empêcher ; mais, pour y réussir, il faut que je
le voie. Si je tardais... »

Ici l'envoyé se tut et regarda tout autour de
lui. La maîtresse de la maison était encore

absente, deux petits garçons dormaient paisiblement sur un large banc. Il était sur le point de reprendre son discours, lorsque soudain, à l'extrémité de la pièce, il aperçut deux yeux étincelants fixés sur lui et qui semblaient boire ses paroles. Il allait se lever et marcher sur cette vision inquiétante quand, à sa grande surprise, il découvrit que ces deux yeux ardents étaient ceux d'une simple et gracieuse enfant qui, blottie dans un angle obscur de la chambre, le regardait comme un oiseau charmé.

Danilo avait suivi le regard de l'envoyé et découvrit l'objet de sa préoccupation.

« C'est ma fille, dit-il, ma brave enfant, sage au-delà de son âge » ; et l'appelant : « Maroussia, dit-il, approche. »

Maroussia s'approcha.

C'était une vraie fillette ukrainienne, aux sourcils veloutés, aux joues bruniées par le soleil, d'ensemble étrangement belle, belle par l'expression de sa charmante physionomie autant que par la pureté même de ses traits. Vrai type de la race. Elle portait une chemise brodée à la mode du pays, un jupon bleu foncé et une ceinture rouge ; ses cheveux magnifiques, aux reflets dorés, étaient tressés en grosses nattes, et, quoique tressés, ils ondulaient encore et brillaient comme de la soie. Les filles du pays portent en été une couronne de fleurs. Maroussia

avait encore quelques fleurs rouges dans ses cheveux.

« Maroussia, lui dit son père, tu écoutais notre conversation ? »

— Je ne voulais pas écouter, répondit Maroussia. Malgré moi d'abord j'entendis ; mais, après avoir entendu, j'ai écouté.

— Et alors qu'as-tu entendu, mon enfant ?

— J'ai tout entendu. »

Sa voix était admirablement timbrée.

« Dis-moi ce que tu as entendu, ma fille. »

Les yeux brillants de Maroussia se tournèrent vers l'envoyé de la Setch :

« J'ai compris qu'il était nécessaire que le grand ami de ce soir arrivât très vite à Tchigrine, et que pour le salut de l'Ukraine il fallait qu'il pût voir l'ataman.

— Tu as tout entendu, en effet, dit Danilo, et tout compris. Maintenant, écoute-moi, Maroussia. Ce que tu as entendu, tu n'en parleras à âme qui vive. Si quelqu'un t'interroge, tu ne sais rien. Comprends-tu ce que c'est un secret ? »

— C'est quelque chose qu'il faut garder à tout prix, dit l'enfant.

— Eh bien, dit le père d'une voix grave, tu es dépositaire d'un secret.

— Oui, père », dit Maroussia.

Maître Danilo n'en dit pas davantage. Maroussia n'eut point à faire de promesse, mais il y

avait dans ces deux paroles : « Oui, père », prononcées par cette enfant ainsi qu'elle fit, de quoi rassurer plus incrédule que saint Thomas lui-même.

« Où est ta mère ? demanda maître Danilo.

— Elle prépare le souper.

— Va lui dire que tes petits frères sont endormis. »

Maroussia se dirigea vers la porte, mais, au moment de l'ouvrir, elle s'arrêta subitement, préfant l'oreille à un bruit étrange qui se faisait entendre du dehors. On eût dit une troupe de cavaliers galopant dans la direction de la maison. Rapidement le bruit grandit ; des cris, des imprécations se mêlaient déjà aux hennissements des chevaux. En un instant ce fut un tumulte comme celui qu'aurait pu produire l'arrivée à fond de train de tout un détachement ; des voix enrrouées, des jurons se firent entendre.

La porte de la chambre s'ouvrit. La maîtresse de la maison, blanche comme un linge apparut :

« Ce sont des soldats, un escadron, un régiment peut-être. Ils sont là...

— Il ne s'agit pas de perdre la tête », dit Danilo.

L'envoyé de la Setch s'était levé, mais sans précipitation ; les autres en firent autant. Pas

une parole ne fut prononcée, chacun réfléchissait.

La mère de Maroussia assura la fermeture de la porte, et, le dos appuyé contre le chambranle, elle attendit les ordres de son mari. Maroussia s'était placée à côté de sa mère. Ses lèvres avaient un peu pâli, mais son visage était calme.

« Toi, Vorochilo, et toi, Krouk, dit Danilo, vous dormez. Ma femme et ma fille sont occupées à coudre ; moi je suis absent. J'ai été voir un ami. Vorochilo et Krouk étaient venus pour m'acheter mes bœufs ; ils ont peut-être trop bu, ils ronflent en m'attendant... Il s'agit de gagner du temps. »



Puis, s'adressant à l'envoyé de la Setch :

« Le devant de la maison seul est occupé ; la fenêtre de la cuisine donne sur le jardin. Sui-vez-moi. »

Le père, en sortant, avait échangé un regard avec sa fille.

Tout cela s'était exécuté aussi vite qu'un chantement à vue dès longtemps préparé. Les deux hommes couchés sur les bancs dormaient aussi paisiblement que les petits frères. La maîtresse de la maison et sa fille cousaient. Maître Danilo et l'envoyé avaient disparu.

« Descendez de cheval et frappez à la porte, criait une voix rude au-dehors.

— Tonnerre et sang, défoncez-la ! » hurla une autre voix plus impérieuse que la première.

La maîtresse de la maison, sans quitter son ouvrage, s'approcha de la fenêtre.

« Qui est là ? que voulez-vous ? » dit-elle d'une voix dont pas une note ne tremblait.

Mais, pour toute réponse, quelques vitres de la croisée volèrent en éclats, et, en même temps, une grosse figure rouge de colère, aux moustaches hérissées, se pencha à travers les carreaux cassés, jetant dans tous les coins et recoins de la chambre des regards irrités et méfiants.

« Qu'as-tu à me regarder ? cria ce person-

nage ; pourquoi n'ouvres-tu pas ta porte ? Préfères-tu qu'on la jette à bas ? »

La maîtresse de la maison, ainsi interpellée, avait reculé d'un pas.

« Les enfants dorment, dit-elle, — et le fait est qu'ils dormaient encore, les innocents, — les deux hommes dorment aussi. Ne faites pas tant de bruit.

— Ouvriras-tu, sottre créature ? » vociféra la figure rouge.

La femme de Danilo, comme paralysée par la peur, ne fit pas un mouvement.

La porte était ébranlée sous les coups retentissants des assaillants, mais elle ne cédaient pas.

L'homme à la figure rouge parvint à entrer de la moitié du corps par la fenêtre brisée, et dirigeant le canon d'un pistolet sur la poitrine de la maîtresse de la maison :

« Si dans une seconde ta porte n'est pas toute grande ouverte, cria-t-il, je l'abats comme une corneille. »

La femme de Danilo fit un pas vers la porte ; on eût dit une statue de pierre essayant d'obéir à un ordre qu'elle ne comprenait pas.

« Femelle maudite ! » cria l'officier furieux.

La maîtresse de la maison, comme folle de terreur, se précipita alors sur sa porte ; mais, soit maladresse, soit épouvante, il semblait que

ni clefs ni verrous ne pussent lui obéir. « J'ouvre, disait-elle, j'ouvre, mes seigneurs, ne le voyez-vous pas ? Mais cette serrure me fait perdre la tête ; il me faudra dès demain la faire arranger. » Enfin la porte s'ouvrit.

Dieu sait que cela avait pris assez de temps. Soldats et officiers se précipitèrent dans la cabane et se mirent à en visiter tous les coins. On eût dit des loups en quête de leur proie tout à coup disparue.

Le plus petit des garçons, éveillé en sursaut, jetait des cris perçants. L'ainé regardait tout et ne bronchait pas.

« Braillard, te tairas-tu ! » dit un des officiers au petit frère qui criait.

L'officier à la figure rouge ne lui dit rien, mais d'un coup de pied il l'envoya rouler, muet enfin de terreur, sous le banc même sur lequel il venait de dormir.

« Lâche ! dit le petit frère aîné. Lâche ! quand je serai grand !... »

Le vilain homme à la figure rouge avait autre chose à faire que de l'entendre. D'un second coup de pied il avait fait lever Krouk, qui paraissait comme ivre de sommeil, et ouvrait et refermait alternativement, dans un pénible effort, des yeux ébahis.

Vorochilo, réveillé par les mêmes procédés, avait l'air de ne savoir que penser en regardant

ses agresseurs. Il appelait le gros officier le compère Générasime, et l'autre le compère Stéphane ; il adressait à l'un un sourire, à l'autre un clignement d'yeux de bonne amitié, puis retombait sur son banc en disant :

« Couchons-nous, il est l'heure. »

Les soldats le regardaient tour à tour :

« C'est lui, disaient les uns. Ce n'est pas lui, disaient les autres. Quel peuple de coquins ! Il n'en est pas un qui ne soit un traître.

— Silence ! » cria l'homme à la figure rouge.

Il s'était assis à une table, et faisant un signe brutal à la maîtresse de la maison :

« Approche », lui dit-il. Elle approcha.

« Qui es-tu ? demanda-t-il.

— Je suis la femme de Danilo Tchabane.

— Où est ton mari ?

— Il est allé voir un ami.

— Attends, je vais t'apprendre ce que c'est qu'un ami. » Il prit un knout que portait un de ses soldats, un knout richement orné et ciselé à la poignée.

« Et ces deux-là, ces deux ivrognes, ces deux chiens, qu'est-ce que c'est ? »

Et pour mieux désigner les personnes, il cingla de son knout les épaules de Krouk, puis la figure de Vorochilo.

« Parleras-tu ? » cria-t-il en faisant un bond menaçant vers elle.

La femme fit un mouvement de recul, comme elle eût fait, si elle se fût trouvée face à face tout à coup avec une bête féroce. Mais, après un effort pour surmonter son horreur, elle répondit :

« Ce sont mes voisins, seigneur ; ils sont venus pour acheter des bœufs et s'étaient endormis en attendant mon mari absent.

— Oui, seigneur, nous sommes venus pour acheter trois bœufs à Danilo, dit Andry Krouk, qui finit enfin de s'éveiller. Oui, pour ces bœufs que nous avions promis de livrer demain, et nous ne trouvons pas maître Danilo à la maison ; jugez quel désappointement. — Eh bien, dis-je au compère (il montra Vorochilo qui, réveillé aussi, paraissait cependant ne pas pouvoir encore ouvrir tout à fait ses paupières), eh bien, dis-je au compère, le maître n'y est pas, c'est fâcheux. — Oui, répondit le compère, c'est fâcheux, il n'y a rien à faire. — Quelle mauvaise chance ! dis-je, mais que veux-tu ! il n'y est pas. — Oui, répondit le compère, Danilo n'est pas là. — Voilà une journée perdue. — Oui, perdue, répondit-il, mais que veux-tu ! — On ne peut jamais tout prévoir. — Oui, répondit le compère, on ne prévoit jamais tout. — Avec tout ça, le marché de demain ?

— En finiras-tu, canaille ? s'écria l'homme à la figure rouge. O traîtres, je la connais, votre

naïveté ! Soldats, ficelez-moi ces coquins et durement. »

Ce fut vite fait : Andry Krouk et Semène Vorochilo furent en un instant liés et garrottés.

En ce moment le maître de la maison entra.

« Qui es-tu ? rugit l'homme à la figure rouge. (C'était décidément le chef de la bande.) Comment l'a-t-on laissé entrer ici ?

— Je suis le maître de cette cabane, seigneur, répondit Danilo en faisant un salut. Vous êtes chez moi, — et je rentre.

— Holà, vous autres, mettez des sentinelles à la porte, et que personne n'entre ni ne sorte, m'entendez-vous ? » dit l'officier à ses hommes. Puis s'adressant à Danilo :

« Si tu tiens à la vie, réponds-moi sans te faire prier. Où est le bandit que nous cherchons ? Que ta réponse soit claire, Judas ! Si tu me réponds par des balivernes, je te réduis en poudre. Tiens-toi cela pour dit. Où est le Zaporogue ?

— Le Zaporogue, répondit Danilo avec calme et surprise, c'est pour la première fois que ce nom est prononcé devant moi. Je ne connais point de Zaporogue.

— A d'autres ! hurla l'officier. Veux-tu me faire accroire que vous ne connaissez pas les bandits qui vous mettent en mouvement ? C'est comme si tu me disais que mes soldats ne connaissent pas leurs chefs. Ce Zaporogue est dans



le pays, il est entré ici ; où est-il ? Avoue-le tout de suite, ou j'incendie ta bicoque et te fais rôtir dedans, toi, ta femelle et tes petits.

— Seigneur, répondit Danilo, j'affirme que je n'ai jamais entendu parler de celui que vous venez de nommer.

— Tu ne veux pas parler ? Eh bien, soit ! ton affaire est claire » ; et, se tournant vers Vorochilo et Andry Krouk : « Coquins, leur dit-il, vous ne connaissez sans doute pas non plus ce Zaporogue que la peste étouffe ?

— Je vous demande bien pardon, seigneur, répondit Semène Vorochilo, qui paraissait plus mort que vif, et je...

- Parle donc, animal !
 — Je l'ai vu.
 — Tu l'as vu et tu ne l'as pas sur-le-champ dénoncé, traître ?
 — J'ai eu trop peur, seigneur, j'ai perdu la tête, et puis...
 — Et puis, drogue ?
 — Et puis, il était déjà parti !
 — Où l'avais-tu vu ?
 — A la foire des bœufs, seigneur, à Fresney.
 — Avec qui était-il ?
 — Avec un gros chien, seigneur, un gros chien noir, superbe, d'une très belle race, qui aboyait comme les cent diables et qui...
 — Imbécille ! Chien toi-même ! Ce n'est pas du chien qu'il s'agit, mais du maître et des infâmes de votre espèce. Ce Zaporogue n'était pas seul sans doute, une bande de vauriens le suivait, hein ?
 — Une bande de vauriens, seigneur, quelle bande ?
 — Triple sot ! une foule d'hommes et de femmes couraient après lui ?
 — Oui, seigneur, toute une foule. On se bousculait, on criait.
 — Les noms ?...
 — Quels noms, seigneur ?
 — Les noms de ceux qui couraient après lui.

— Mais c'était la foule, seigneur, rien que la foule.

— Ne voyez-vous pas, dit l'autre officier, que ce paysan est un idiot ? Vous perdez votre temps avec lui.

— Vous m'étonnez, mon cher, dit un autre officier qui était resté assis pendant toute cette scène. Pourquoi cette ardeur ? Est-ce que nous n'avons pas le temps de saisir ce garnement ? N'y a-t-il rien de plus pressé que de fusiller ? S'il nous a échappé, ce n'est pas pour longtemps. Oubliez-vous que, depuis ce matin, nous courons comme des enragés, sans boire ni manger, et que cela n'est pas sain d'avoir l'estomac vide ? Voyons, est-ce que cette maisonnette n'est pas agréable, et vous délayait-il d'y faire un bon souper ? Après souper, nous n'en serons que plus dispos pour reprendre la chasse aux bandits. Dieu de Dieu ! mon cher, vous êtes rouge comme un coq ! As-tu oublié, malheureux, les recommandations du docteur : « Pas d'émotions, pas de colère, exercice modéré, repas réguliers ! » Et ta pauvre femme, qui m'a tant fait promettre de veiller sur toi et de te soigner comme un frère, elle serait dans un joli état, si elle avait pu voir dans quelles rages insensées tu te mets...

— Tais-toi, répondit l'homme à la figure rouge, d'une voix étranglée. Tais-toi, — et soupçons. »

Et, se tournant vers Danilo :

« Tu as entendu ? Que tout ce qu'il y a de bon dans ton garde-manger soit dans deux minutes sur cette table... dans deux minutes ! » et il donna sur la table un coup de poing à faire trembler la maison.

« Odarka, dit Danilo à sa femme, dépêche-toi. »

Odarka sortit, emportant dans ses bras ses deux petits garçons ; l'aîné résistait, il ne voulait pas quitter son père.

Elle reparut bientôt les mains chargées de provisions. Elle était calme et ne disait rien. Cependant ses yeux parcouraient la cabane avec une certaine inquiétude.

Semène Vorochilo et Andry Krouk, les mains liées derrière le dos, les jambes empêchées par des cordes solides, étaient debout dans un angle de la chambre. Danilo, les bras croisés, se tenait dans un autre. A l'exception d'une sentinelle qui barrait la porte, les soldats avaient disparu. Les officiers, atablés, leurs sabres au côté, leurs pistolets sur la table, buvaient et mangeaient, riaient et causaient gaiement.

Mais la petite Maroussia, où était-elle donc ?

La nuit, ce soir-là, était splendide. Maroussia, légère et silencieuse comme une ombre, avait disparu quelques instants après la rentrée de son père. Le regard de celui-ci, incompréhen-

sible pour tout autre, lui avait-il appris ce qu'elle devait essayer de faire, ou n'avait-elle cédé qu'à sa propre inspiration ? Toujours est-il que c'est alors qu'elle s'était glissée, inaperçue de tous, hors de la salle, et qu'après avoir passé, aussi impalpable que la pensée, au milieu des soldats et des chevaux qui cernaient la maison, elle avait atteint le jardin.

Une fois là, l'enfant s'arrêta sous un grand cerisier, et de sa main pressa son cœur comme pour en arrêter les battements. Ce petit cœur battait à se rompre. Sa tête était en feu. Des larmes coulaient toutes chaudes de ses yeux. Elle était triste, triste à en mourir, mais non abattue. Elle croyait au salut, sans savoir d'où il pouvait venir. La brise rafraîchit son front et apaisa l'agitation de sa poitrine. Elle écouta. S'était-on aperçu de sa fuite ? Le murmure confus, mais monotone, des voix des soldats, venait jusqu'à elle, et la rassura. Jusqu'à elle aussi les cris et les rires des officiers, dont aucune consigne ne réglait les ébats. Ils riaient, eux, mais elle, qu'aurait-elle elle faire ? Son regard se reposa sur cette maison qui renfermait encore tout ce qu'elle avait aimé et vénéré...

Que ces lieux lui étaient chers, et chère aussi lui était toute son Ukraine ! L'enfant se mit à genoux et baises de ses lèvres brûlantes cette terre qu'elle allait peut-être abandonner.

« Mon Dieu, dit-elle, aide-moi ! » Elle se releva fortifiée. Tout était incroyablement paisible sous les branches fleuries. Elle fit quelques pas en avant. Avec précaution, elle pénétra à droite dans le taillis. Mais rien. Alors, elle prit à gauche, écoutant toujours, respirant à peine. Son œil interrogeait toutes les ombres ; elle scruta jusqu'aux moindres réduits. Cherchait-elle quelqu'un ?

La voici enfin sous les grands pommiers tout au bout. Comment ! rien encore, ni personne ? Tout autour, elle a regardé une dernière fois. A la clarté des étoiles, on eût pu voir combien elle était pâle et anxieuse.

Elle eut un mouvement d'effroi ; un oiseau plus troublé qu'elle avait brusquement quitté son nid. Elle eut aussi un sentiment de dépit. Un papillon réveillé par elle s'était jeté follement sur sa figure, et elle avait tressailli. Était-elle donc si faible ?

Elle demeura longtemps appuyée contre un arbre dont le feuillage la protégeait, la cachait. La brise semait les fleurs blanches des pommiers sur le vert gazon. Elle se disait : c'est comme la neige ! Elle craignait que le frémissement des feuilles n'arrêtât un autre bruit, le faible indice que sa tête penchée et son oreille tendue semblaient attendre, attendre toujours.

Ah ! à quelques pas d'elle, entre deux arbres,

se dresse... Elle ne se trompe pas ? N'est-ce qu'une ombre ? Non : c'est la grande et svelte figure de l'ami nouveau pour qui souffre son père, sa mère aussi, — pour qui, comme eux, elle bravera tout. — La figure n'est plus immobile, elle glisse comme un serpent à travers les branches des arbres. Elle cherche, bien sûr, le petit passage caché qui conduit à la rivière.

D'un pas rapide Maroussia court après elle. Bientôt la rivière bruit. Une haie seule en sépare l'envoyé. Par-dessus cette haie il se penche et regarde, et, au pied d'un arbre énorme dont les branches se baignent dans le courant de la rivière, il a aperçu un bateau ; — un bateau. C'est son affaire ; la rivière, c'est partout le chemin qui ne trahit pas ; il va franchir la haie qui l'en sépare. Tout à coup, deux petites mains s'emparent de son bras, — et tout bas une voix lui dit : « Non, non, pas cela, — pas le bateau ! La rivière est un miroir sur lequel même de très loin on voit tout. »

Bien sûr il fut très étonné, plus étonné que s'il se fût trouvé inopinément entouré de dix soldats armés jusqu'aux dents, mais il n'en laissa rien paraître. On voyait que c'était un homme habitué dès longtemps à tous les genres de surprises.

Il regarda et reconnut la petite fille.

« Que fais-tu là, ma fillette ? » lui demanda-t-il, souriant à l'enfant, comme s'il l'eût rencon-

trée à la promenade dans les circonstances les plus favorables à une conversation amicale. Mais il se passa quelques secondes avant que Maroussia, essoufflée et très émue, pût ajouter quoi que ce fût aux paroles qu'elle lui avait tout d'abord adressées.

L'homme posa alors sa main sur la tête de l'enfant et la laissa caressante sur ses cheveux comme pour lui dire : « Remets-toi, mon petit enfant. » Il était, lui, la force, l'adresse, l'intrépidité, la vaillance ; mais, dans ce moment, en face de cet oiseau palpitant, un divin rayon de bonté attendrie effaçait tout, remplaçait tout sur son mâle visage. Sa main puissante, accoutumée à manier les armes meurtrières et les rudes engins, se fit plus douce que celle d'une mère pour Maroussia : son regard se mêla plein de tendresse au regard de Maroussia. La confiance était faite entre eux deux. Maroussia retrouva la parole.

« La rivière ne conduirait pas par là à Tchiguirine. C'est à Tchiguirine que tu dois te rendre. J'ai pensé à un moyen d'y aller.

— Je t'écoute, mon enfant, répondit le fugitif.

— Allons d'abord près de ce vieux mur, lui dit-elle, il nous cachera. »

« Là-bas, dit-elle, au loin dans la steppe, mon père a une petite cabane, une étable, où on laisse les grands bœufs en été quand on fait les foins,

pour ne pas les ramener à la maison tous les soirs. Un gros chariot tout chargé de foin est devant la porte, qui devait être ramené demain par le père. Les bœufs attendent le lever du jour à l'étable. Nous serons là, toi et moi, dans une heure. Alors j'attellerai, nous attellerons les grands bœufs ; tu te cacheras dans le foin, et je te conduirai d'abord à la maison de maître Knich. Maître Knich est un ami de mon père et de tous ses amis. Il vient chez nous, et quand il vient, il cause avec les autres. Je pourrai tout lui dire, ou bien si tu ne veux pas, je ne dirai rien à maître Knich, mais je tâcherai de faire... de faire... »

Elle s'arrêta, indécise, car elle ne savait pas bien ce qu'il y avait de mieux à décider sur ce point. Cependant, elle reprit :

« Je ferai ce que tu me diras. Oh ! je ferai tout ! »

Lui, tout en l'écoutant, ses yeux devenaient humides :

« Qui t'a donné cette idée, Maroussia ? »



CHAPITRE IV

UN CONTE DE BRIGANDS

« JE CONNAIS un conte de brigands qui m'y a fait penser, répondit la petite fille. Je me suis rappelé comment la femme du brigand s'était sauvée dans le conte, et je me suis dit : Nous ferons la même chose.

— Puisque nous avons à faire un chemin assez long pour aller à l'étable de la steppe, tu me raconteras cette histoire tout en marchant, n'est-ce pas ?

— Je veux bien. Mais iras-tu à Tchiguirine ? t'y conduirai-je ?

— Assurément, répondit-il. Mais ton père

avait vu tant de choses mystérieuses et tant de terribles, et les dernières étaient si désolantes ! Les défenseurs de l'Ukraine, d'abord si glorieux, tout cédant devant eux, puis écrasés, puis dispersés. « Je crois bien, se disait-elle, que mon ami veut tenter une dernier effort. C'est un effort désespéré peut-être ? Mais qu'importe ! il le fera. Doit-on s'arrêter dans le devoir ? » Elle avait senti, pendant cette longue marche forcée, que chacun de leurs pas cachait un péril. Eh bien, après ? Son grand ami et elle, les vrais Ukrainiens, pouvaient-ils survivre à l'Ukraine ? Ne vaut-il pas mieux disparaître avec ce que l'on aime ?

Elle se creusait la tête pour s'expliquer que les hommes, au lieu de s'aimer, ce qui lui paraissait si facile, s'efforçassent de se nuire. « Est-ce que mon père cherchait querelle à ses voisins ? Est-ce qu'il a jamais eu l'idée de vouloir prendre le champ et la maison d'un autre, bien qu'il en trouvât quelques-uns très beaux et quelques-unes très jolies ? Pourquoi veut-on nous ravir notre Ukraine ? Elle est féconde, c'est la plus riche terre du monde : est-ce une raison pour en chasser ceux à qui elle appartient ? »

De temps en temps, fatiguée de se poser des questions dont la solution échapperait aux intelligences les plus fermes, elle redressait la tête, elle levait au ciel ses yeux candides



CHAPITRE XXI

LE PETIT MOUCHOIR TROUE

MAROUSSIA se pencha pour garder plus longtemps le bruit de ses pas. Si ses oreilles, à défaut de ses yeux, avaient pu le suivre, elle aurait eu moins de chagrin. Aussi longtemps qu'elle put l'entendre, elle se figura qu'il était encore là. Mais bientôt, tout craquement de branches, tout bruissement de feuillage cessa. Maroussia laissa glisser ses deux couronnes, sa jolie tête s'inclina, et, sans s'en douter, elle se mit à penser, oui, à penser.

Les sujets ne lui manquaient pas.

Elle avait vu tant de choses éclatantes, elle

et s'écriait : « Mon Dieu ! ah ! mon Dieu ! quand les hommes seront-ils tous bons et tout à fait bons ? »

Le calme et profond silence de la forêt, l'ombre et la fraîcheur auraient fait beaucoup de bien à son corps brisé par la fatigue, si son âme anxieuse n'eût souffert du repos, inquiétant à force de se prolonger, de toutes les choses qui l'entouraient.

La forêt devenait sombre, une main invisible tirait peu à peu un gigantesque voile noir sur ces masses de verdure. Cela lui rappela la forêt de son conte du bandit et la fuite de la pauvre femme dont, la première fois qu'elle l'avait vu, elle avait raconté l'histoire à son ami. « Elle n'était pas plus malheureuse que moi, pensait-elle, mais j'aime mieux mes chagrins que les siens. »

Les dernières flèches de lumière qui passaient à travers le feuillage s'éteignaient sur les troncs des arbres. Elles s'éteignaient tout à fait, la nuit se fit complète brusquement. Maroussia, surprise, se leva. Toutes les angoisses du passé furent noyées dans les angoisses de l'attente présente.

« Il m'a dit : « Je reviendrai te reprendre bientôt, je te quitte pour quelques instants, — reste à ton poste. » Je suis à mon poste, beaucoup d'instantanés sont passés, et il ne revient pas,

et aucun bruit ne m'annonce même au loin son retour. »

La nature tout entière semblait s'obstiner à se taire. Ce silence implacable avait, en dépit de sa volonté, raison de la fermeté d'âme de Maroussia.

Plût à Dieu qu'il eût duré encore, ce silence ! Soudain et de toutes parts des coups de fusil retentirent, plus de cent, plus de mille peut-être ; c'était à croire qu'on se battait dans tous les recoins de la forêt à la fois. Ce fut l'affaire de dix minutes qui parurent un siècle à l'enfant. Plus long et plus terrible encore cependant lui sembla le silence sinistre qui avait succédé à ce bruit de guerre, bruit familier, en somme, à ses oreilles.

Maroussia aurait voulu voir à travers et par-dessus les arbres. Mue comme par un ressort électrique, elle s'était dressée sur la pointe de ses pieds.

« C'est lui, lui qui s'est trouvé au milieu de ce feu, se disait-elle ; il était armé, il aura voulu frayer un passage à ceux de notre armée du côté de la frontière. Ils ont été surpris dans cette forêt pleine d'embûches ! »

Et, serrant son front brûlant dans ses mains crispées, elle ajoutait :

« Je ne veux plus penser. A quoi bon ? Dieu est là-haut. Il faut attendre de lui sa destinée. »

Elle se rassit au pied du grand chêne, priant pour tout ce qui lui était cher.

Tout entière à son ardente prière, et au moment où elle disait : « Seigneur, faites que je le revoie encore », elle crut rêver, elle crut entendre le feuillage s'agiter, les branches craquer. Mais non, elle ne rêvait pas, le bruit venait bien de là, tout près, à quelques pas d'elle ; ses joues se couvrirent d'une subite rougeur. Ses yeux regardèrent du côté du bruit. Les branches s'écartèrent tout à fait, et la figure de son grand ami, éclairée par la blanche lune qui venait de se lever, lui apparut entre le feuillage mouvant. Dieu l'avait donc exaucée. Mais était-ce bien le grand ami, ou n'était-ce que son ombre ? Si pâle était sa figure que le cri de joie qui allait sortir du cœur de l'enfant expira sur ses lèvres.

« Maroussia, lui dit le grand ami, vois-tu ce mouchoir rouge ?

— Oui, je le vois.

— Eh bien, je vais te conduire à la lisière du bois. Je vais te montrer un chemin. Tu suivras, sans l'en écarter, tout droit, toujours tout droit jusqu'à un champ de sarrasin. Tu traverseras ce champ, il est coupé par un sentier. Ce sentier te conduira à un petit pont : sur ce petit pont tu laisseras tomber tes deux couronnes. De l'autre côté du pont, tu apercevras à gauche,

derrière un petit moulin, un petit bois. Un homme sortira de la lisière de ce bois. S'il te dit : « Que le Bon Dieu te soit en aide ! » tu lui répondras : « Le Bon Dieu m'a aidée ! » Et tu lui donneras ce mouchoir. Tu m'entends bien, Maroussia ? Tu n'oublieras rien ? »

Le grand ami parlait avec lenteur, une lenteur qui ne lui était pas habituelle et qui n'avait pas l'air volontaire ; on eût dit qu'il ne pouvait pas parler plus vite. Il devenait de plus en plus pâle ; de grosses gouttes de sueur perlaient à son front. Il s'appuyait contre un arbre.

« Tu es blessé ! lui dit Maroussia. Ils t'ont blessé !

— C'est une égratignure, Maroussia ; demain, il n'y paraîtra pas. Va, ma chérie, va ! »

Il la prit par la main :

« Que ta main est froide ! s'écria l'enfant.

— Ne pense pas à ma main, mon cher cœur. Hâte-toi ! D'abord sur le pont, les deux couronnes, et puis à l'homme qui sortira du petit bois, le mouchoir, s'il te dit : « Que Dieu te soit en aide ! » Courage, Maroussia, c'est pour le salut de ~~ce~~ qui reste de vaillants défenseurs à l'Ukraine. »

Le grand ami essaya de frayer un passage à Maroussia, mais la force lui manqua. Cette faiblesse de celui qu'elle regardait comme la per-sonnification de toute force glaça le cœur de la

petite fille. Pour la première fois elle trembla pour l'ami qu'elle avait cru invulnérable. Mais elle ne lui fit pas de question. Elle comprit qu'il avait dit tout ce qu'il voulait dire.

Tout à coup deux bras musculeux écartèrent encore le feuillage. La petite fille, surprise, se jeta devant son grand ami qu'elle croyait menacé.

« Nè crains rien, Maroussia, lui dit Tchetchevik. Celui-là est un ami, un ami sûr et fidèle. »

Maroussia aperçut au milieu des branches un paysan de haute taille qui lui fit un salut respectueux, mais amical. Il est évident que ce n'était pas la première fois qu'il voyait Maroussia.

« C'est mon camarade Pierre, dit Tchetchevik. Regarde-le, c'est un chêne, lui aussi.

— Il est presque plus grand que toi », dit-elle bien étonnée.

Pierre écartait, brisait les branches devant Maroussia. Il marchait à reculons et son regard inquiet ne quittait pas Tchetchevik.

Maroussia vit bien qu'il pensait que son grand ami avait besoin d'aide. Mais Tchetchevik, qui s'appuyait d'arbre en arbre, lui disait :

« Va donc, Pierre, ce n'est pas à moi qu'il faut penser, c'est aux autres. Il faut à tout prix leur éviter de tomber dans cette embuscade maudite. »

Pierre, ainsi réprimandé, bouscula tout ; les branches pliaient ou se rompaient sous le poids de son corps et sous ses pieds, comme sur le passage d'un taureau. Maroussia ne s'attendait pas à sortir si vite de la forêt. Le grand ami était parvenu à la suivre. Il tenait à lui renouveler encore ses recommandations.

« Tu vois le chemin — le champ de sarrasin et son sentier sont à droite, — au bout du sentier le petit pont, — les deux couronnes resteront sur le petit pont, — à gauche, de l'autre côté : le moulin et le petit bois, l'homme et le mouchoir. C'est là qu'il faut arriver. Dépêche-toi, ma chérie, dépêche-toi, voici le mouchoir... »

Ce mouchoir était tellement pareil à celui qu'elle avait présenté une fois à la belle-sœur du seigneur ataman, qu'elle se demanda si ce n'était pas le même, et si une fois encore il ne lui était pas destiné.

Maroussia prit le mouchoir, et tendant le front à son ami, elle lui dit :

« Tout sera fait comme tu l'as dit. »

Tchetchevik s'était baissé, non sans effort, pour l'embrasser. Mais en se relevant, elle l'avait bien vu, il avait chancelé ; sans Pierre, qui s'était hâté pour le retenir, il serait tombé... Maroussia s'aperçut alors qu'elle avait du sang sur sa manche.

« Ton sang ! lui dit-elle. Où es-tu blessé ?

est-ce au bras ? laisse-moi te le bander. Tu sais, Méphodiévna avait fait de moi une bonne infirmière.

— Sois raisonnable, Maroussia, dit le grand ami. J'ai passé à travers tout jusqu'ici sans être presque touché. Ce n'était pas juste. Je n'avais pas ma part. Cette blessure n'est rien. Un coup de feu dans le bras n'est pas une affaire. Nous ne nous sommes pas mis en route pour manger des fraises. Pierre arrangera cela. Va donc, ma chérie, et hâte-toi. Nous causons trop. Si tu parviens à porter ce mouchoir à celui qui l'attend, ce sera une très bonne chose. Mais j'y pense, arrange-le sur ta tête, ce mouchoir, on le verra plus vite et de plus loin, et sur tes cheveux blonds cela fera très bien.

— Mais toi, tu vas donc rester là ? Il faut se méfier de tout dans cette forêt... T'y retrouverais-je ? »

Tout en faisant cette question, elle disposait d'une main tremblante le mouchoir rouge sur sa tête.

« Je resterai là, lui répondit son ami, et, si je ne puis pas y rester, je saurai toujours te rejoindre. Est-ce que rien peut nous séparer ? »

Cette fois ce fut un coup de fusil qui répondit pour l'enfant, et puis un autre encore. De dix côtés à la fois la fusillade se faisait entendre, non pas tout près, mais pas bien loin.

« Ils sont rentrés dans le bois, ils reviennent à la charge, dit Pierre. Dans cinq minutes ils peuvent être là. »

Le lion s'était redressé. Pierre lui avait mis un de ses pistolets dans la main dont il pouvait se servir encore.

« Tu entends ? dit Tchetchevik à Maroussia. Va ! cours ! vole, si tu peux ! Et oublie tout le reste. C'est pour l'Ukraine et pour la grande amie. Le petit mouchoir lui parlera de toi... »

Maroussia partit comme un trait. Cependant, quand elle fut arrivée au sentier du champ de sarrasin, là où il fallait quitter le chemin, la petite gazelle ne put résister à l'envie de se retourner pour tâcher de voir une fois encore celui qu'elle venait de quitter avec tant de regret. Il n'y avait plus personne à la lisière de la forêt. La fusillade n'avait pas continué. Redevenue silencieuse, la forêt n'était plus qu'une longue montagne d'ombre.

Maroussia repartit ; de fatigue il n'était plus question ; son ami l'avait désiré, elle avait des ailes. Le champ de sarrasin est dépassé, voici le petit pont ; elle y dépose ses deux couronnes. Un bruit sourd avait frappé son oreille. Elle écoute, le bruit se rapproche et se fait sonore. Ce doit être celui d'un cheval lancé au galop. Le cavalier est-il un ami ou un ennemi ? Ce n'est pas un Cosaque. De loin, on dirait un Tar-

tare. Quand elle voyageait avec le vieux rhapsoïde, ils évitaient toujours les Tartares. Elle revient sur ses pas, repasse le pont. C'est égal, les couronnes y sont, c'est autant de fait. Maroussia est contente. Elle va se cacher dans les joncs. Le cavalier arrive à bride abattue ; l'aurait-il aperçue ? Elle espère que non. Mais à peine Maroussia avait-elle fait quelques pas à travers ces joncs qui poussaient au bord du ruisseau, qu'un coup de feu était parti. Le mouchoir rouge, ainsi que la jolie tête qu'il recouvrait, était tombé au milieu des roseaux. On eût dit une perdrix arrêtée dans son vol.

Le cavalier Tartare a dépassé le pont. Il veut s'assurer que son coup a réussi ; du haut de son cheval, il cherche, il aperçoit le gracieux corps étendu. Ce n'est qu'un enfant ! Mais qu'est-ce que c'est que ce mouchoir rouge qu'elle a sur la tête ? Un chiffon, sa balle l'a troué. Il ne vaut pas qu'on le ramasse.

Le cavalier rend la main à son cheval, poursuit sa route et disparaît, comme un homme trompé dans son attente. Maroussia n'a été pour lui qu'une ombre entrevue sur sa route.

Tout est redevenu tranquille. Cela a été si vite fait ! C'est à croire que rien n'est arrivé au bout de ce pont.

Cependant, un paysan portant un lourd fagot sur ses épaules sort à pas lents du petit bois

que Maroussia devait trouver à gauche du pont. Puis il a dépassé le moulin que la blanche lumière de la lune argente. Il n'est pas pressé, il ne regarde ni à gauche ni à droite. Il ne se doute pas que, tout à l'heure, le chemin qu'il va prendre n'était pas sûr.

Il s'engage sur le pont. Il voit les deux couronnes, il les ramasse et les accroche à son fagot. Sans doute, il a des petites filles. Il leur rapportera les couronnes. Il a passé le pont. Sa charge le gêne. Il s'en débarrasse un instant et, pour se délasser, s'accoude sur le tronc d'arbre qui sert de parapet au pont rustique. De là, machinalement, il regarde. Qu'est-ce qu'il aperçoit dans les joncs ? on dirait un bouquet de fleurs rouges. Il faut voir cela de près. C'est une enfant. Un de ses pieds baigne dans l'eau. Lui, il est à genoux. Il soulève le corps inanimé et le retire un peu sur la berge. La lune est dans son plein. Il regarde avec pitié la jolie figure pâlie par la mort, pose la main sur le petit cœur vaillant qui ne battait plus, fait le signe de la croix, prononce ces mots : « Que Dieu te soit en aide », auxquels l'enfant ne peut pas répondre : « Dieu m'a aidée », se relève et, oubliant son fardeau, gardant seulement ses couronnes, il s'éloigne en courant. Il a repassé le pont ; où va-t-il si vite ? Au-delà du moulin, du côté du bois. Comme il est pressé d'y ren-

trer ! Que serre-t-il sur sa poitrine, que cache-t-il sous sa chemise ? C'est le joli mouchoir rouge qui parait la tête blonde, la tête de la petite fille qui aimait tant son pays. Il l'emporte. Le mouchoir rouge et les couronnes sont arrivés à destination. Maroussia a rempli sa mission. Les autres, les derniers fidèles et sa grande amie sont sauvés.



CHAPITRE XXII

« GLORIA VICTIS ! »

Tout cela s'est passé il y a bien, bien longtemps. Après cent, deux cents ans peut-être, il en reste une légende. Aujourd'hui encore, sur une colline rapportée, faite de main d'homme, la plus haute de toutes celles du même genre qu'on rencontre dans ce pays, vous pouvez voir une grande croix de granit rose. Sur cette croix a été gravé avec la pointe patiente d'un poignard ce nom :

MAROUSSIA

La colline tout entière s'appelle le Kourgane, c'est le tombeau de la petite fille. Il est couvert d'un splendide tapis de verdure, toujours parsemé de fleurs, admirables et odorantes qui ne poussent que là, qu'on n'a jamais vues et qu'on ne verra jamais ailleurs. Ces fleurs sont si belles qu'on dirait des regards d'enfant. Quand on les transplante, elles refusent de pousser, elles meurent sur pied. On a essayé d'en semer dans d'autres terres, elles n'y lèvent même pas. On leur a donné un nom, le seul qui pût leur convenir, on les appelle des *Maroussia*.

On raconte, dans les veillées, qu'un Cosaque, fameux par son courage, son intelligence, sa beauté et sa bonté, et plus encore par son amour pour son pays, a élevé, à lui tout seul, cette grande colline.

Il n'avait qu'un bras, ayant perdu l'autre dans le dernier combat livré pour l'indépendance de l'Ukraine, et, avec l'unique main qui lui restait, portant la terre poignée par poignée, il a édifié cette montagne. Il y avait employé des années et puis des années. Jeune encore il avait commencé, sa barbe et ses cheveux avaient blanchi quand il l'acheva. Cependant quelques-uns disent qu'un petit garçon, nommé Tarass, l'avait tant tant prié, qu'il avait, lui aussi, vieilli à ce métier. Ce qu'il y a de sûr, c'est que, lorsque le Kourgane fut aussi haut qu'un clocher et que

la croix fut posée, le Cosaque s'assit au pied et y pleura jusqu'à sa mort. Avant ce jour, personne n'avait vu un lion pleurer. Ce sont les larmes qui tombèrent de ses yeux qui produisirent ces fleurs si belles et si parfumées qui n'avaient auparavant fleuri dans aucune partie du monde. Ceux qui savent comprendre le langage des fleurs assurent que, les soirs de pleine lune, on peut les entendre murmurer : « Nous ne savons fleurir que sur la tombe de ceux qui ont donné leur vie pour la patrie. » Les enfants, viennent, tous les ans, de tous les coins du pays, filles et garçons, conduits par leurs parents, en pèlerinage au tombeau de la petite fille. Chacun y apporte sa guirlande. Ils en rapportent des portraits, des médailles frappées à la gloire de Maroussia.

Quelques-uns pleurent en se racontant la fin glorieuse de l'héroïque enfant, mais il n'en est aucun, il n'en est aucune qui n'eût voulu être MAROUSSIA.

Il est malheureusement plus d'une Ukraine au monde ; veuille Dieu que, dans tous les pays que la force a soumis au joug de l'étranger, il naisse beaucoup de Maroussia capables de vivre et de mourir comme la petite Maroussia dont nous venons de raconter l'histoire !

Il n'appartient à personne d'expliquer le triomphe de l'injuste et les tribulations du juste.

N.-B. — Une légende ne va jamais seule. Une autre tradition populaire a complété d'une part, et de l'autre modifié, sur le point le plus important, celle de Marko Wovzog, qui nous a le plus souvent guidé.

En même temps que s'élevait le Kourgane et non loin de là, sur le sommet d'un roc qui lui faisait face, s'était construit, disaient les anciens, et avec une rapidité étonnante, un monastère dont les tourelles dominaient le pays. Il était à peine achevé que les gens qui avaient de bons yeux pouvaient distinguer le pâle et noble visage d'une religieuse qui, accoudée sur le parapet de la terrasse de la plus haute des tourelles



de ce monastère, ne perdait pas de vue un instant le travail opiniâtre du Cosaque élevant, poignée par poignée, le tombeau de la petite fille. Cette religieuse n'était autre, affirmait-on, qu'une belle et héroïque princesse. Après avoir pris part à la dernière guerre de l'indépendance de l'Ukraine, la noble femme s'était retirée dans cet asile et avait fait vœu de n'en plus sortir. Mais, et c'est là que la légende se complique, elle ne s'y serait pas retirée seule, et souvent, à côté d'elle, on aurait pu voir une jeune fille d'une beauté saisissante, entrée au couvent en même temps qu'elle, et sous le même vœu de claustration perpétuelle.

Ceux qui ne veulent pas que ce qu'ils aiment ait pu mourir prétendaient que cette jeune fille n'était autre que Maroussia. Méphodiévna elle-même, après avoir reçu le mouchoir troué, serait venue pieusement retirer l'enfant qu'elle chérissait du milieu des roseaux où la balle du cavalier tartare l'avait abattue, pour ne pas la laisser sans sépulture. L'enfant dévouée aurait failli mourir, mais ne serait pas morte en effet. Rapelée à la vie, puis guérie par sa grande amie, elle l'aurait suivie dans sa retraite pour ne pas voir l'asservissement de l'Ukraine.

Enfin, car il ne faut oublier ni rien ni personne, entre le Kourgane et le roc sur lequel avait été bâti le monastère, une maison ukrai-

niéne, semblable en tout à celle où Maroussia était née, avait fini par apparaître un beau jour entourée d'un jardin si pareil à celui des certifiers, qu'on aurait pu s'y méprendre, et les habitants de cette maison auraient été les parents mêmes de Maroussia. L'Ukraine morte, tous ces dévoués de la patrie n'avaient plus rien à se dire, mais par l'arrangement du Koungane, de la maison et du monastère, ils auraient trouvé moyen d'être unis encore par le lien des yeux tout en vivant séparés. C'est au lecteur à choisir celle de ces conclusions qui ira le mieux à son sentiment. J'ai reçu des lettres d'enfants encore humides de larmes où l'on me reprochait durement la fin de Maroussia. C'est bien injuste. En écrivant son histoire n'ai-je pas essayé de la faire revivre, au contraire, autant qu'il était en moi, pour l'enseignement de tous ?

TABLE

I. — L'UKRAINE	5
II. — UN VOYAGEUR INCONNU	13
III. — LA PETITE MAROUSSIA	21
IV. — UN CONTE DE BRIGANDS	45
V. — LA FUITE	73
VI. — UNE RENCONTRE	80
VII. — CHEZ LE VIEUX KNICH	95
VIII. — A LA MÊME PLACE	105
IX. — LE RÉVEIL D'IVAN	113
X. — LE VRAI KNICH	122
XI. — ON SE REVOIT	129
XII. — PAROLES ET MUSIQUE	140
XIII. — ON APPROCHE	148
XIV. — LE BUT — ET APRÈS	156
XV. — LES RENCONTRES	165
XVI. — SUR L'EAU	173
XVII. — A GADIATCH	182
XVIII. — NE JOUEZ PAS AVEC LES POIGNARDS	193
XIX. — L'ANNÉE HEUREUSE	204
XX. — DERNIÈRES COURONNES	216
XXI. — LE PETIT MOUCHOIR TROUÉ	230
XXII. — « GLORIA VICTIS ! »	243

Anexo 2

O prefácio que Turgueniev redigiu para *Maroussia*

La vraie Ukraine – pays des cosaques – est sur le Dniéper, pas sur le Don. Lutte constante des cosaques contre les Polonais, les Turcs et les Tatares de Crimée et plus tard contre les Russes. - Vers 1650, l'Ukraine, opprimée par les Polonais pour la religion, se révolte sous la conduite de Bogdan Chmelnicki (voyez Mérimée, *Les Cosaques d'autrefois*), et se donne finalement à la Russie sous le tzar Alexis, père de Pierre le Grand. - Deux Ukraines se forment, celle de la rive gauche du Dniéper à la Russie. - La rive droite reste encore sous l'autonomie polonaise. Lutte qui dure jusqu'au temps de Pierre le Grand. - Les cosaques se repentant de s'être donnés à la Russie, voudraient l'indépendance nationale. – Dorochenko, hetman de la rive droite, tâche de réaliser ce plan (le grand hetman de Tchiguirine). – Il parvient à faire périr, en le faisant sabrer dans une conférence, Brukhovitzki, hetman de la partie russe dont la résidence est à Gadiatsch ; - mais malgré tout, son plan ne se réalise pas. Lui-même meurt en exil, et toute l'Ukraine finit par tomber aux mains des Russes. Le dernier hetman qui a essayé de s'y soustraire est le célèbre Mazeppa qui crut pouvoir profiter de l'invasion de Charles XII, mais la bataille de Pultawa mit à peine fin à tous ses plans, - et Catherine II poussa la cruauté jusqu'à introduire parmi les Cosaques le servage, inconnu chez eux jusque là. Le héros de la nouvelle de Mme M. est un Zaporogue, c'est-à-dire un cosaque de la Setch (un Setchevik), cosaque habitant une île du Dniéper dont les mœurs ont été admirablement décrites par Gogol dans son roman de Tarass Boulba, et qui représentait l'élément démocratique, conquérant, indépendant et célibataire du monde cosaque. - Cet homme tâche d'entraîner Dorochenko, le grand hetman de Tchiguirine, dans son parti, c'est-à-dire dans le parti de l'autonomie petite-russienne, qui rêvait de fonder un Etat indépendant également des Russes, des Polonais et des Tatares de Crimée. - Cela ne pouvait pas aboutir, mais c'est cette lutte qui a inspiré les belles poésies nationales et les chants patriotiques dont le dernier poète a été Chevtchenko, mort en 1860, auquel on va ériger une statue à Kieff. - Encore récemment, le gouvernement russe a eu à sévir contre les tendances petites-russiennes séparatistes que l'auteur (Mme M.) partage complètement, mais qui ne pourront aboutir.

L'histoire qu'on va lire se passe vers 1666 et représente les luttes du parti national Petite-Russie contre les envahissements

polonais et russes. - La petite Maroussia est une sorte de personnification de la nationalité petite-russienne qui, malgré ses grandes qualités n'a pas pu arriver à une existence indépendante à cause de son infériorité numérique (6 millions contre 50) et de son absence de configuration géographique - cause aussi fatale à elle qu'à la Pologne.

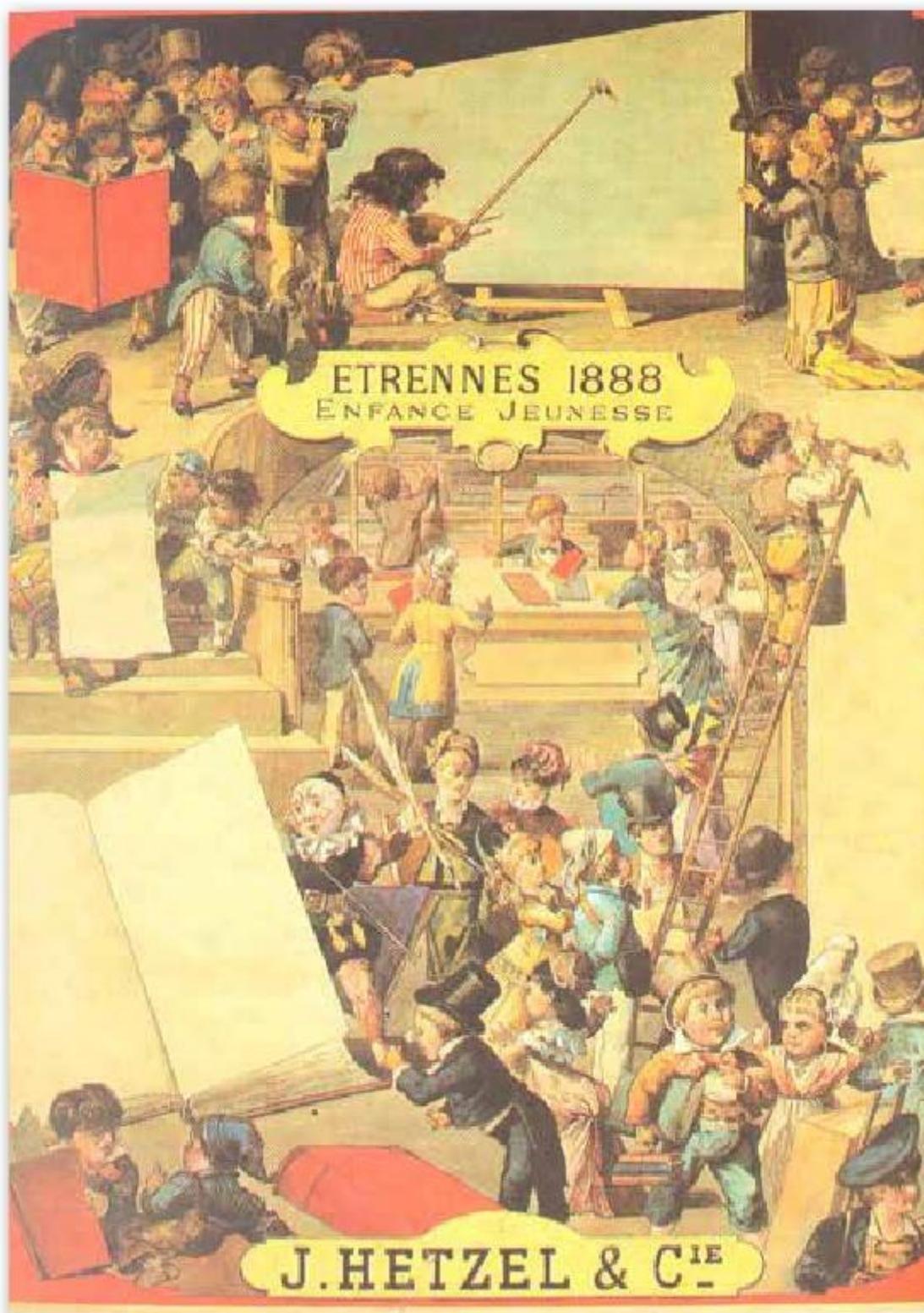
Mme Maria Markowitch, née dans le gouvernement d'Orel, mais devenue Petite-Russienne par sa famille, a été en prose ce que Chevtchenko a été en vers - le représentant du dernier effort de cette nationalité. Maniant la langue petite-russienne mieux que personne à son époque, elle a fini par devenir auteur russe. Son chef d'œuvre petit-russien se nomme « Récits de la vie cosaque ». Comme c'était en même temps un plaidoyer passionné contre le servage, que les petits-russiens supportaient d'autant moins qu'il avait été introduit plus récemment chez eux, M. I. Tourguéneff les traduisit en russe. Le succès fut très grand. Et tout aboutit par l'acte d'émancipation proclamé par l'empereur Alexandre.

Texte rédigé par I. Tourgueniev

BNF-Richelieu, NAF 17032 fol. 175-176 et 177-178

Anexo 3

Cartaz da editora J. Hetzel



Cartaz da editora J. Hetzel & Cie, 1888. Nantes/ Musée Jules Verne.